

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

EVANDRO FONSECA GONÇALVES

“QUANDO É FÉ”: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

GOIÁS

2019

EVANDRO FONSECA GONÇALVES

“QUANDO É FÉ”: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguagem e Interculturalidade

Linha de Pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vânia Cristina Casseb Galvão
(UFG/UEG/CNPq/FAPEG)

GOIÁS

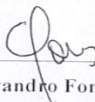
2019

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, EVANDRO FONSECA GONÇALVES, declaro, para os devidos fins da Lei nº 9610 de 19/02/98, que me responsabilizo inteiramente perante a UEG, o (a) professor (a) orientador (a) e demais membros da banca examinadora, pelo aporte ideológico e referencial, responsabilizando-me por eventual plágio do texto que consubstancia a obra de minha autoria, submetida à banca examinadora para defesa de (dissertação ou tese), intitulada: QUANDO É FÊ: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL.

Declaro, sob as penas da lei, que estou ciente da responsabilidade administrativa, civil e criminal em caso de comprovada violação dos direitos autorais.

Barra do Garças, 07 de maio de 2019.


Evandro Fonseca Gonçalves

Registro Civil, Notas, Protesto e Pessoa Jurídica
RUA JOSÉ PEDRO, 88 - CENTRO - CEP 78000-000 - BARRA DO GARÇAS - MT
FONE/FAX: (66) 3401-1505

Município e
Comarca de
Barra do Garças / MT

Reconheço por semelhança as firmas de: EVANDRO
FONSECA GONÇALVES
Selo: BGR-34165 Cod.: 22 Valor: R\$6,60

Barra do Garças - MT 07 de maio de 2019.
Total R\$6,60

LIELMA

AGOSTINHO PEREIRA NETO LILIAN CARLA SILVA ROSA VALDEZ NETELLO FRANCISCO AUGUSTO
 KATIA RIBEIRO NEPOMUCENO GUILHERME ALVES DA SILVA MARINO CONCEIÇÃO GUARIPETTES

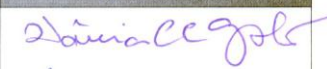


Karina Bortolanza de Souza Dantas
Escrevente Autorizada

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE MATO GROSSO
SERVENTIA (M)
BARRA DO GARÇAS - MT

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO N. 06

No dia vinte e nove de março de dois mil e dezenove, às quinze horas, na Sala de Reuniões do POSLLI – Câmpus Cora Coralina da Universidade Estadual de Goiás, o mestrando **Evandro Gonçalves da Fonseca** realizou a Defesa da Dissertação de Mestrado, intitulada “**Quando é fé: uma análise em perspectiva construcional**”.

Banca de Examinadores:

Membros	Parecer	Assinatura
Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (POSLLI/UEG) - Presidente	Aprovado (X) Reprovado ()	
Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino (UFR)	Aprovado (X) Reprovado ()	
Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG)	Aprovado (X) Reprovado ()	

Resultado Final: Aprovado (X) Reprovado ()

Parecer da banca:

O trabalho foi avaliado como satisfatório, desde que sejam cumpridas as exigências pontuadas na ficha de modificação da dissertação de mestrado

Goiás – GO, 29 de março de 2019.



Profa. Dra. Marília Silva Vieira
Coordenação do POSLLI
Portaria UEG/GAB nº1690

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

G643q Gonçalves, Evandro Fonseca
 Quando é fé: uma análise em perspectiva construcional / Evandro
 Fonseca Gonçalves; orientador Vânia Cristina Casseb-Galvão. -- Goiás,
 2019.
 116 p.

 Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado
 Acadêmico em Língua, Literatura e Interculturalidade) -- Câmpus-Cora
 Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2019.

 1. Linguística Funcional Centrada no Uso. 2. Gramática de
 Construções. 3. Microconstrução Quando é fé. I. Casseb-Galvão, Vânia
 Cristina, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao Dono da minha vida, minha razão de viver. Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

À minha professora **Vânia Cristina Casseb-Galvão**, pela direção, paciência, sabedoria e competência. Sou grato por toda sua generosidade em compartilhar seus ensinamentos e me guiar, em todos os momentos.

À minha esposa, **Rawla** pela parceria, cumplicidade, cuidado e paciência.

Aos meus pais, **Alcidélio** e **Glória**, meus irmãos, **Eduardo** e **Enéas**, cunhadas, **Neiva** e **Michelle** e meus sobrinhos, **Laura** e **Yuri**, por toda força e motivação.

Aos meus irmãos da **Comunhão Cristã Manancial de Vida** pelos cuidados e orações em toda caminhada.

Aos meus irmãos de alma **Bruno**, **Sadi**, **Dorcas** e suas famílias por provisões tão pontuais, em todo tempo.

Ao **Grupo de Estudos Funcionalistas**, pelos momentos tão significativos que repartimos.

Aos **professores**, **coordenadores** e **secretaria** do **POSLLI**, por toda prontidão, direcionamentos.

Aos **companheiros de turma do POSLLI**, por tornarem nossas aulas inesquecíveis e por toda paciência comigo.

Ao **Campus Cora Coralina (UEG)** pela estrutura e acolhida.

À professora **Deborah Magalhães de Barros e Aninha**, por todos os ensinamentos compartilhados, pelas direções pontuais, pela amizade e pelas tapiocas nos fins de noite.

Às professoras **Celeste Guirra**, **Eloísa Helena** e **Lennie Aryete** por terem me infectado com o vírus da linguística.

Aos professores **Leosmar Aparecido Silva** e **Deborah Magalhães de Barros** pelas preciosas orientações em minha banca de qualificação e por suas preciosas contribuições dadas ao trabalho.

Aos professores **Agameton Ramsés Justino** e **Deborah Magalhaes de Barros** por aceitarem participar da banca de defesa e por suas preciosas contribuições dadas ao trabalho.

À **FAPEG/CAPES** por financiar essa pesquisa.

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina

RESUMO

GONÇALVES, Evandro Fonseca. “Quando É Fé”: Uma Análise Em Perspectiva Construcional, 2018, 121 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás-GO, 2018.

O objetivo desta pesquisa é estudar a microconstrução *quando é fé*, investigando sobre seus usos, analisando sua produtividade e funcionalidade sob as perspectivas da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções (GC). A LFCU entende que linguagem é formada por processos cognitivos, sociointeracionais e culturais. E concebe a língua como um sistema adaptativo complexo e estruturalmente fluida, ao estudar os fenômenos constitutivos da língua em uso. A GC reconhece como unidade básica da língua a construção (GOLDBERG 1995, 2006; CROFT 2001), definida como um pareamento de forma e de significado. Por sua vez, a língua é vista como uma rede de relações que se organiza no uso, e a constituição gramatical é entendida como um sistema de entidades que estão cognitivamente interconectadas, numa rede conceitual. Temos como aporte teórico entre autores estrangeiros Bybee (2010; 2015), Croft, (2001), Diewald (2002; 2006), Goldberg (1995;2006), Goldberg e Jackendoff (2004), Traugott; Trousdale, (2013), Tomasello, (1998; 2003), entre outros. No Brasil, temos como base os estudos de Alonso e Cezario (2013), Bagno e Casseb-Galvão (2017), Furtado da Cunha *et al* (2013), Martelota (2011), entre outros. Os *corpora* selecionados para nossa pesquisa são o *Corpus* do Português, o *Corpus* Fala Goiana e uma amostra de dados não-sistematizada que consiste numa seleção de excertos com usos da microconstrução *quando é fé*, coletados em pesquisas no site de buscas Google, realizados pelo programa de composição de *corpus* *BootCat*. A hipótese central é que a microconstrução *quando é fé* apresenta produtividade na língua falada no Brasil como um todo (Português Brasileiro). Não se trata de um uso dialetal da fala goiana, na qual é muito recorrente. Tem funcionalidade no nível textual, atua na organização narrativa e indicia processo de mudança linguística. Esta pesquisa é sincrônica e envolve análises qualitativa e quantitativa de dados reais da língua em uso. As análises demonstraram que usos da microconstrução *quando é fé* apresentam-se em processos de mudança linguística e têm funcionalidade distinta em contextos específicos. *Quando é fé* atua como operador textual, auxiliando na macro-organização da narrativa e introduzindo o clímax narrativo.

PALAVRAS-CHAVE: Microconstrução *quando é fé*. Mudança linguística. Construcional.

ABSTRACT

The aim of this research is to study the micro-construction *when is faith*, investigating its uses, analysing its productivity, functionality and how can be described in Usege-Based Theory (LFCU) and Constructions Grammar's (GC) perspectives. The LFCU understands that language is formed by cognitive, socio-interational and cultural processes, it conceives the language is a complex adaptive system and structurally fluid and studies the grammatical phenomenons of language in use. The GC recognizes as a basic unit of language the construction (GOLDBERG 1995, 2006; CROFT 2001), defined as a pairing of shape and meaning. In its turn, the language is seen as a network of relations which organize itself in use, and the gramatical constitution is understand as a system of entities which are cognitively connected, in a conceptual network. We have as a theoretical contribution among foreign authors Bybee (2010; 2015), Croft, (2001), Diewald (2002; 2006), Goldberg (1995;2006), Goldberg e Jackendoff (2004), Traugott; Trousdale, (2013), Tomasello, (1998; 2003), and others. In Brazil, we have as a base the studies of Alonso e Cezario (2013), Bagno e Casseb-Galvão (2017), Furtado da Cunha (2013), Martelota (2011), and others. The *corpora* selected to our research are the *Corpus* from Portuguese, the *Corpus* Goiana Speech and by a sample of datas non-schematized which consists in an excerpt selection with *when is faith* micro-construction uses, collected in researches made in Google website, done by composition program of *corpus BootCat*. The central hypothesys is that *when is faith* micro-construction presents productivity on spoken language in Brazil as a whole, in BP, it isn't about a dialectal use in "goiana" speech which is very recurrent, it has functionality on its textual level, acts on narrative organization and indicts a linguistic change process. This research is synchronous and it involves qualitative and quantitative analysis from real data of the language in use. The analysis shows that *when is faith* micro-construction uses present themselves in linguistic changes processes and have distinct functionality in specific context. *When is faith* acts as a textual operator, assisting on macro-organization from narrative as a introducer of narrative climax.

Keywords: Micro-construction *quando é fé*; linguistic change; constructional;

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

ADNS	Amostra de dados não-sistematizada
CJ	Conjunção Temporal
CP	Corpus do Português
D&G	Grupo de Estudo Discurso e Gramática
DGF	Gramática Discursivo-Funcional
FG	Fala Goiana
GC	Gramática de Construções
GCR	Gramática de Construções Radical
GEF	Grupos de Estudos Funcionalistas
GPB	Gramática do Português Brasileiro
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
PB	Português Brasileiro
SN	Sintagma nominal
V	verbo

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICO E QUADROS

FIGURAS

Figura 01: Modelo da estrutura simbólica na GCR (CROFT, 2001)	19
Figura 02: Níveis hierárquicos de esquematicidade e trajetória construcional (TRAUGOTT, 2008).....	22
Figura 03: Rede construcional do uso menos abstratizado.....	83
Figura 04: Rede construcional dos usos abstratizado e mais abstratizado	85

GRÁFICO

Gráfico 01: Análise comparativa dos usos	58
--	----

QUADROS

Quadro 01: Características das construções segundo Traugott e Trousdale (2013)	20
Quadro 02: Contextos de gramaticalização propostos por Diewald (2002; 2006).....	38
Quadro 03: Síntese dos contextos propostos por Diewald (2002; 2006).....	40
Quadro 04: Os usos da microconstrução <i>quando é fé</i> e os <i>corpora</i> em que foram encontrados.....	59
Quadro 05: Número de ocorrências, por uso, disposto nos <i>corpora</i>	65
Quadro 06: Localização da publicação dos dados com uso abstratizado, na ADNS.....	56
Quadro 07: Localização da publicação dos dados com uso mais abstratizado, na ADNS.....	57
Quadro 08: O uso menos abstratizado segundo a estrutura simbólica da GCR de Croft (2001)..	70
Quadro 09: O uso abstratizado segundo a estrutura simbólica da GCR de Croft (2001).....	76
Quadro 10: O Uso mais abstratizado segundo a estrutura simbólica da GCR de Croft (2001)....	80
Quadro 11: Análise comparativa das características das construções segundo Traugott e Trousdale, 2013.....	81
Quadro 12: Análise comparativa dos fatores de arquitetura construcional segundo Traugott e Trousdale, 2013	82
Quadro 13: Contextos típico, atípico, crítico e de isolamento (DIEWALD, 2002;2006).....	86
Quadro 14: Análise do contexto atípico pelos critérios de Diewald (2002).....	89
Quadro 15: Análise do contexto crítico pelos critérios de Diewald (2002).....	88
Quadro 16: Análise do contexto de isolamento pelos critérios de Diewald (2002).....	92
Quadro 17: Análise da relação da integração e do nível hierárquico de funcionalidade dos usos	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - APORTE TEÓRICO	5
1.1 A Linguística Funcional Centrada no Uso	6
1.2 A Gramática de Construções	16
1.3 A Mudança Linguística na Perspectiva Construcional	24
1.3.1 Construcionalização e Mudança Construcional	31
1.3.2 A Gramaticalização na Perspectiva Construcional	34
1.3.3 Contextos e Mudanças	37
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
2.1 Tipo de Pesquisa	43
2.2 Percurso para Seleção dos Dados	44
2.3 Os <i>Corpora</i>	46
2.3.1 Corpus Fala Goiana	47
2.3.2 Corpus do Português	48
2.3.3 Amostra de dados não-sistematizada (ADNS)	48
2.4 Disposição dos Dados nos <i>Corpora</i>	49
2.5 Os Critérios da Análise	50
CAPÍTULO 3. ANÁLISE DOS DADOS	52
3.1 Considerações Iniciais	52
3.2 Análise Quantitativa dos Dados	55
3.3 Análise Qualitativa dos Dados	58

3.3.1 A Forma Conceptual de Origem e a Base Etimológica de <i>Quando é Fé</i>	59
3.3.2 O Uso Menos Abstratizado	65
3.3.2 O Uso Abstratizado	72
3.3.3 O Uso Mais Abstratizado	77
3.4 Análise Construcional-Comparativa dos Usos Relacionados à <i>Quando é Fé</i>	81
3.4.1 Dimensões, Arquitetura, Critérios Analíticos e Rede Construcional ...	81
3.4.2 Mudança por Contextos Específicos	85
3.4.2.1 O Contexto Atípico	88
3.4.2.2 O Contexto Crítico	89
3.4.2.3 O Contexto de Isolamento	89
3.4.3 A Relação entre a Integração e a Funcionalidade dos Usos	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	100

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a microconstrução *quando é fé*. As microconstruções, segundo Goldberg (2006), são construtos que se realizam a partir de um pareamento entre forma e função, encontram-se convencionalizadas e produtivas na língua e, conforme explicam Traugott e Trousdale (2013), são portadoras de sentido e apresentam frequência em seus usos nos processos de interação entre os membros de uma comunidade linguística.

O fenômeno analisado neste trabalho é observado no uso da língua, portanto, requer uma descrição que considera as interações comunicativas, portanto, temos como base teórica a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a Gramática de Construções (GC).

A LFCU, como explicam Martelotta (2011) e Rosário e Oliveira (2016), é a nomenclatura utilizada no Brasil para designar a *Usege-Based Linguistics*, que estuda a linguagem a partir de situações comunicativas específicas, evidenciando a diversidade, as mudanças linguísticas e descrevendo os fatos linguísticos baseada em suas funções semântico-cognitivas e discursiva pragmáticas, conforme explica Bybee (2010).

A Gramática de Construções concebe a língua como uma rede de relações organizada no uso e considera que a constituição gramatical é um sistema de entidades que estão cognitivamente interconectadas, numa rede conceitual.

Entre as obras e autores de referência estrangeiros, trabalhamos com Bybee (2010; 2015), Croft, (2001), Diewald (2002; 2006), Goldberg (1995;2006), Goldberg e Jackendoff (2004), Traugott e Trousdale, (2013), Tomasello, (1998; 2003), e no Brasil, com os estudos de Alonso e Cezario (2013), Bagno e Casseb-Galvão (2017), Furtado da Cunha (2013), Martelota (2011), dentre outros.

Com relação os dados trabalhados nesta pesquisa, encontramos numa busca não sistematizada no *Corpus Fala Goiana*, os seguintes usos da microconstrução *quando é fé*:

(1) teve um dia qu/eu ia levá meu menino sabe... pra ... pra Goiânia ... aí nós tava parado assim... té conteceu foi aqui dentro de Goiás mesmo... nós tava lá i... **quando é fé** vei um carro sabe? e BAteu no carro que nós dois tava dentro... (*Corpus Fala Goiana*)

(2) igual esses dia memo... eu fui lá na pecuária... tava sentada lá assim... **quando é fé**... num prazim de nada... juntô uns trinta... esses pivetim... um bateno n/outro de pau... e quela bagunça... (*Corpus Fala Goiana*)

Esta pesquisa propõe um estudo sincrônico dos dados pelos métodos de análise quantitativo e qualitativo. Na análise quantitativa, investigamos o número de dados relativos aos usos da microconstrução *quando é fé*, demonstramos como esses dados estão distribuídos nos *corpora* e qual o percentual de dados com cada um desses usos. Na análise qualitativa, descrevemos e analisamos a funcionalidade dos usos encontrados, pela perspectiva construcional da linguagem.

Na expectativa de contribuir com os estudos descritivos do PB, este estudo soma-se a outros trabalhos na perspectiva da LFCU pelo viés construcional. Está vinculado ao projeto “Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo”, sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e com parceria da Universidade Estadual de Goiás, cujo objetivo é colaborar para a promoção e o ensino do português brasileiro, por meio de estudos descritivos de usos reais da língua.

Nosso objetivo nesta pesquisa é descrever e analisar a microconstrução *quando é fé*, no Português Brasileiro (PB). Visamos investigar e descrever sua estruturação formal e seus contextos de uso, analisar sua funcionalidade na perspectiva teórica da LFCU e da GC, contemplando suas propriedades sintática, morfológica, fonológica, semântica, pragmática e discursivo-funcional (CROFT, 2001).

As perguntas de pesquisa que norteiam nossa análise são:

- 1) A microconstrução *quando é fé* é característica do vernáculo geral do Português Brasileiro (PB) ou é uso dialetal da fala goiana? No caso da primeira hipótese, qual o seu grau de implementação nas diferentes variedades do PB, ou seja, no vernáculo geral brasileiro?
- 2) Em quais contextos de uso *quando é fé* ocorre nos dados analisados? Existem outros usos que se relacionam com essa microconstrução?
- 3) Qual a funcionalidade dessa microconstrução em seus contextos de usos?
- 4) Como ela pode ser descrita na perspectiva da Gramática de Construções?
- 5) A microconstrução *quando é fé* resulta de processo de mudança linguística ou é um significado básico? Em caso de mudança, como ela se configura?

A nossa hipótese central é que a microconstrução *quando é fé* apresenta produtividade no PB, não sendo apenas um uso dialetal na fala goiana. Tem funcionalidade no nível textual, atuando na macro-organização narrativa, como operador textual e indicie processo de construcionalização.

Os *corpora* desta pesquisa são formados pelo *Corpus* Fala Goiana, pelo *Corpus* do Português e por uma amostra de dados não-sistematizada. O *corpus* Fala Goiana foi desenvolvido como parte do projeto “O Português Contemporâneo Falado em Goiás – Fala Goiana” e é composto por entrevistas em situações interativas estimuladas por pesquisadores participantes do projeto.

O *corpus* do Português é constituído por textos de língua portuguesa e é considerado uma das principais ferramentas para pesquisa de dados de usos reais do Português. A amostra de dados não-sistematizada consiste numa seleção de excertos com usos da microconstrução *quando é fé*, coletados em pesquisas no site de buscas Google, realizados pelo programa de composição de *corpus BootCat*, que automatiza o processo de buscas de textos de referência na *Web*. Essa amostra é composta por excertos de editoriais, artigos e entrevistas de jornais eletrônicos, textos, versos, poesias, letras de músicas e comentários publicados em *blogs* e *sites*, textos literários de *Google Books*, de trabalhos científicos, de repositórios publicados em sites de universidades e de projetos científicos.

Com a finalidade de responder às nossas perguntas de pesquisa e atender os objetivos propostos neste estudo, esta pesquisa se organiza em três capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa, explicitando pressupostos centrais da LFCU, relativos à natureza da linguagem, à gradiência e à variação das estruturas linguísticas, aos processos cognitivos gerais e à mudança linguística. Tratamos, ainda, dos principais pressupostos da GC, relacionados à arquitetura, dimensão, categorização das construções, tipos e mecanismos de mudança linguística.

No capítulo dois, tratamos dos procedimentos metodológicos desta pesquisa. Definimos o tipo de pesquisa que realizamos e explicamos o percurso da investigação e seleção dos dados. Estabelecemos e descrevemos os *corpora* escolhidos como base de dados e demonstramos como esses dados, e cada um dos usos de *quando é fé*, estão distribuídos nos *corpora*.

No terceiro capítulo, apresentamos os resultados da análise dos usos relacionados à microconstrução *quando é fé* nos dados selecionados a partir dos *corpora*. Na análise, contemplamos os aspectos que se relacionam à descrição, à funcionalidade e às mudanças linguísticas desses usos pelo viés construcional.

Nas considerações finais, procuramos responder às perguntas que direcionaram a pesquisa, e, por fim, retomar nossa hipótese central e objetivos, para defrontá-los com os resultados, as discussões e as considerações decorrentes da análise.

CAPÍTULO 1

APORTE TEÓRICO

Neste capítulo apresentamos os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções, aportes teóricos que fundamentam nossa análise. Está dividido em duas seções: na primeira, apresentamos a abordagem da LFCU, que tem se constituído como uma tendência mais atual das pesquisas funcionalistas; na seção seguinte, apresentamos os postulados da Gramática de Construções, que tem sido um modelo de gramática assumido pela LFCU e embasa a análise dos dados desta pesquisa.

Em seu quadro teórico, a LFCU estuda a natureza da linguagem, a gradiência e a variação na estrutura linguística. Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2016) expõem que para a LFCU, a linguagem é concebida como uma atividade resultante de processos cognitivos gerais que se estabelece num evento referencial em um contexto comunicativo específico. A gramática é compreendida como uma organização cognitiva de experiências com a língua, como o conhecimento de um sistema linguístico e está eminentemente baseada no uso.

As pesquisas funcionalistas atuais, desenvolvidas no Brasil e no exterior, têm demonstrado uma tendência de análise dos usos da língua pelo viés construcional, que resultam da aproximação dos postulados funcionalistas e cognitivistas. Essas análises alcançam unidades maiores que os itens lexicais, outrora estudados no funcionalismo clássico.

De acordo com Rios de Oliveira (2012), a Gramática de Construções tem se apresentado como uma forte tendência para analisar e descrever os processos de mudança linguísticos. Pelo viés construcional os fenômenos não são analisados pela perspectiva do léxico e da gramática - com foco no item, como na gramaticalização -, mas como padrões construcionais que adquiriram novo significado a partir de sua formação.

Rios de Oliveira (2015) explica que a Gramática de Construções é uma tendência promissora nas pesquisas por considerar análises que tratam da dimensão de forma e sentido e incorporam e controlam a dimensão dos contextos, numa interface funcionalista-cognitivista, o que, segundo a autora, confere rigor teórico-metodológico para os estudos da LFCU.

Na GC, a língua é vista como uma rede de construções constituída pelo conhecimento individual e coletivo, em uma comunidade de fala. Seus pressupostos estudam as propriedades que categorizam as construções, os tipos de mudanças

linguística, bem como os mecanismos e processos envolvidos nessas mudanças na perspectiva construcional.

1.1 A Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma tradução por autores brasileiros da Usage-Based Linguistics, uma abordagem teórica que resulta da interação de pressupostos funcionalistas e cognitivistas. Segundo Bybee e Beckner (2015), a Usage-Based Linguistics originou-se na confluência de variadas perspectivas de pesquisa que, em suas práticas metodológicas, consideram o efeito do uso na representação linguística e abordam questões teóricas que analisam dados efetivos do uso da língua em seus contextos comunicativos, e partem do pressuposto de que somente no uso efetivo é que a língua pode ser vista de forma mais geral e concreta.

Bybee aponta para quatro elementos basilares dos pressupostos da Usage-based Linguistics: a natureza da linguagem; a gradiência; a variação na estrutura linguística; os processos cognitivos gerais; e, a gramática baseada no uso. Considera a língua como um sistema adaptativo complexo, que apresenta variação e gradiência, e explica que:

a gradiência refere-se ao fato de que muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, geralmente, porque as mudanças que ocorrem ao longo do tempo são graduais, e o elemento se move de uma categoria para a outra ao longo de um contínuo. Essa gradação pode ser ilustrada nos contínuos existentes entre a derivação e a flexão, entre palavras funcionais e afixos, entre construções produtivas e improdutivas. A variação refere-se ao fato de que as unidades e as estruturas da língua exibem variação no uso sincrônico, normalmente ao longo de trajetórias contínuas de mudança que criam gradiência. (BYBEE, 2010, p. 2)¹.

Não há, portanto, nessa concepção distinção entre léxico e gramática e as mudanças de uma categoria para outra no sistema ocorrem na forma de um contínuo, de maneira gradiente.

¹ Tradução de: “Gradience refers to the fact that many categories of language or grammar are difficult to distinguish, usually because change occurs over time in a gradual way, moving an element along a continuum from one category to another. Continua such as that between derivation and inflection, between function words and affixes, between productive and unproductive constructions, illustrate this gradience. Variation refers to the fact that the units and structures of language exhibit variation in synchronic use, usually along the continuous paths of change that create gradience” (BYBEE, 2010, p. 2).

Nesse viés, Furtado da Cunha *et al.* (2013) apresentam os seguintes pressupostos da LFCU: i) a rejeição da teoria da sintaxe autônoma; ii) a integração da semântica e da pragmática nos processos de análise linguística; iii) a não distinção entre léxico e gramática; iv) a estreita relação entre a estrutura das línguas e o seu uso em contextos reais de comunicação pelos falantes; v) a análise linguística a partir dos dados constituídos pelos usos efetivos da língua.

Na perspectiva da LFCU, a língua é fluida e dinâmica. Está sempre em mudança e se organiza a partir da interação entre os eventos de uso social e os processos cognitivos gerais da mente humana que se aplicam à experiência linguística, criando uma gama de unidades e categorias da linguagem. Constitui-se, portanto, em um sistema não estático que sofre mudanças sistemáticas. Entretanto, é suficientemente estável para permitir a comunicação. Em outras palavras, sintetiza Bybee (2010), a língua mostra estrutura e regularidade de padrões e, ao mesmo tempo, exibe variação em todos os níveis.

Nesta concepção, em uma análise linguística deve-se considerar que os níveis sintático, semântico e pragmático estão inter-relacionadas e são interdependentes. A língua é concebida como representação do modo como o falante percebe e organiza em sua mente os acontecimentos no mundo.

Para o modelo centrado no uso, segundo Bybee (2010, p. 8), a gramática é concebida como “uma organização cognitiva de experiências com a língua”². Traugott e Trousdale (2013) entendem a gramática como o conhecimento de um sistema linguístico, numa concepção que integra todos os níveis, sendo que nenhum deles é nuclear. Assim, os níveis fonológico, morfossintático, semântico e pragmático são compreendidos em conjunto, o uso e o sistema linguístico não são considerados distintamente, pois estão totalmente integrados.

Bybee e Beckner (2015) afirmam que a teoria centrada no uso postula que as unidades e a estrutura da linguagem emergem dos eventos comunicativos específicos e decorrem de domínios cognitivos gerais, de mecanismos de linguagem, de capacidades gerais e básicas do cérebro humano.

Alonso e Cezario (2015) consideram que o sistema linguístico do falante é baseado em eventos de uso e que a gramática emerge, se modifica, se renova e se mantém na comunicação dos usuários da língua, mantendo, ao mesmo tempo, uma forma, uma organização, em decorrência dos processos cognitivos gerais como, categorização, analogia, frequência de uso e memória. Nesse processo, os eventos da linguagem vão atualizando o

² Tradução de: “as the cognitive organization of one’s experience with language” (BYBEE, 2010, p. 8).

discurso. Por isto, a língua se estabelece num evento referencial e num contexto comunicativo aberto e sujeito a mudanças. Conforme muda o contexto de uso, muda também a maneira como se dá a interação.

Também para Tomasello (1998), a linguagem é um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas, que apresenta esquemas cognitivos comuns a outras áreas da cognição e integração com outras áreas da psicologia humana. Tomasello expõe ainda que esses processos “são considerados de domínio geral no sentido de que eles não apenas habilitam a comunicação linguística, mas também possibilitam uma variedade de outras habilidades e práticas culturais que as crianças habitualmente adquirem” (TOMASELLO, 2003, p. 4)³.

Bybee (2010) reconhece que esses processos cognitivos gerais estão entre os elementos basilares dos pressupostos da teoria centrada no uso, pois as estruturas linguísticas são criadas a partir desses processos, identificados como a categorização; a memória rica; o *chunking*; a analogia; as capacidades de associações transmodais.

Considera que a categorização está relacionada com a “similaridade de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidas e associadas a representações armazenadas” (BYBEE 2010, p. 7)⁴. Segundo a autora, as categorias resultantes se constituem como base para o sistema linguístico, sejam elas unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas ou construções.

A categorização diz respeito à organização da experiência humana em conceituar e rotular as coisas ao seu redor. Furtado da Cunha *et al.* (2013) explicam que a categorização é inerente à nossa relação com o mundo físico e social ao nosso redor. O mundo não é compreendido em termos de coisas individuais, mas de categorias de coisas criadas pela experiência humana, independente da língua.

Categorias são domínios pelos quais diferenciamos, identificamos, agrupamos, separamos e categorizamos todas as coisas ao nosso redor. Este processo de categorização ocorre, também, no domínio linguístico e da mesma maneira que categorizamos o universo biofísico e sociocultural, categorizamos a língua.

Neste domínio, a categorização se relaciona às semelhanças ou identidades que ocorrem, quando palavras, sintagmas e suas partes são reconhecidos e associados a outras representações armazenadas.

³ Tradução de: “They are domain-general in the sense that they do not just enable linguistic communication, but also enable a variety of other cultural skills and practices that children routinely acquire. (TOMASELLO, 2003, p. 4).

⁴ Tradução de: “the similarity or identity matching that occurs when words and phrases and their component parts are recognized and matched to stored representations” (BYBEE, 2010, p. 7).

Para Tomasello, as habilidades ligadas à categorização surgem no início do desenvolvimento humano (em alguns casos no período anterior ao desenvolvimento da fala) e incluem

- a capacidade de formar categorias perceptivas e conceituais, de ‘fazer similaridade’ entre objetos e eventos (por exemplo, Rakison e Oakes, no prelo);
- a capacidade de formar esquemas sensório-motores, a partir de padrões recorrentes de percepção e ação (por exemplo, Piaget, 1952; Schneider, 1999; Conway e Christiansen, 2001);
- a capacidade de realizar análises distributivas baseadas estatisticamente em vários tipos de sequências perceptivas e comportamentais (por exemplo, Saffran, Aslin e Newport, 1996; Marcus et al., 1999; Gomez e Gerken, 1999; Ramus et al., 2000);
- a capacidade de criar analogias (mapeamentos de estruturas) em dois ou mais conjuntos completos, com base nos papéis funcionais semelhantes de alguns elementos, nesses diferentes conjuntos (Gentner e Markman, 1997). (TOMASELLO, 2003, p. 4)⁵

Desta maneira, características de diferentes elementos são estabelecidas e classificadas em categorias e assim, categorizamos exemplares linguísticos pelos mesmos processos com os quais categorizamos todas as outras coisas. Furtado da Cunha *et al.* (2013) expõem que a construção de conceitos está relacionada à experiência humana com o ambiente biofísico e sociocultural e são esses conceitos que possibilitam a caracterização mental das categorias e a relação cognitiva entre elas.

Para Bybee e Beckner (2015), a associação de categorias é um fenômeno gradual, e não absoluto, pois uma categoria é definida por condições necessárias e suficientes, seus limites são gradientes e alguns dos seus membros são mais representativos, reunindo características mais prototípicas do que outros.

Furtado da Cunha *et al.* (2013) explicam que as categorias são conceptualizadas a partir de representantes prototípicos, que apresentam traços mais recorrentes de tais categorias, e, assim, levando em conta o maior ou menor número de características similares ao protótipo, os demais elementos são classificados na categoria, podendo ser mais centrais ou periféricos dependendo das características de cada categoria.

⁵ Tradução de: “• the ability to form perceptual and conceptual categories of “similar” objects and events (e.g., Rakison and Oakes, in press); • the ability to form sensory-motor schemas from recurrent patterns of perception and action (e.g., Piaget, 1952; Schneider, 1999; Conway and Christiansen, 2001); • the ability to perform statistically based distributional analyses on various kinds of perceptual and behavioral sequences (e.g., Saffran, Aslin, and Newport, 1996; Marcus et al., 1999; Gomez and Gerken, 1999; Ramus et al., 2000); • the ability to create analogies (structure mappings) across two or more complex wholes, based on the similar functional roles of some elements in these different wholes (Gentner and Markman, 1997)” (TOMASELLO, 2003, p. 4).

Bybee e Beckner (2015), baseados nos estudos da teoria dos protótipos de Rosh (1978)⁶, afirmam que os membros de uma categoria podem gradualmente se afastar do protótipo, mantendo, entretanto, características parcialmente compartilhadas e permanecendo na categoria por semelhança familiar. Para a teoria centrada no uso, as categorias linguísticas são gradientes e não apresentam propriedades fixas, mas se formam com base no uso concreto da língua e se estabelecem como categorias de qualquer outro domínio cognitivo.

Cada experiência na memória, quer linguística ou não linguística impacta as representações. Bybee (2010) considera que a memória rica ajuda a explicar a maneira específica como as palavras ou as sequências de palavras armazenam propriedades peculiares, sendo usadas em contextos específicos.

A memória rica, por sua vez, é explicada por Bybee (2015) como a estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, que incluem detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados⁷. As experiências com a linguagem estocadas na memória adquirem significação porque são intimamente associadas aos contextos específicos de uso.

Esta estocagem e processamento na memória são feitos a partir de uma representação de feixes de exemplares e essas representações contêm, potencialmente, toda informação que o falante pode perceber na experiência linguística. Esse padrão de memória se constitui em consonância com a experiência linguística e aos processos de associação entre os fatos linguísticos.

Pelos processos de categorização, essas memórias são mapeadas e armazenadas junto com outras representações similares já existentes. Segundo Bybee, “a memória para as formas linguísticas é representada em exemplares, construídos com base em ocorrências de experiências linguísticas que são consideradas idênticas” (BYBEE, 2010, p. 7)⁸. Na representação por feixes de exemplares, cada experiência com a língua tem impacto nas representações cognitivas. Na memória a representação desses exemplares que é estabelecida, a partir das diferenças e similaridades nas ocorrências, isto é, nos *tokens*.

⁶ O modelo de protótipos de categorização foi elaborado por Eleanor Rosch, e publicados em Rosh & Mervis (1975) e Rosh (1978).

⁷ Tradução de: “the memory storage of the details of experience with language, including phonetic detail for words and phrases, contexts of use, meanings and inferences associated with utterances” (BYBEE, 2010, p. 7).

⁸ Tradução de: “Memory for linguistic forms is represented in exemplars, which are built up from tokens of language experience that are deemed to be identical” (BYBEE, 2010, p. 7).

Já o *chunking*, “é o processo pelo qual sequências de unidades são usadas conjuntamente e se combinam para formar unidades mais complexas” (BYBEE, 2010, p. 7)⁹. A autora explica que na linguagem, o *chunking* opera a formação de unidades sequenciais em construções, em expressões formulaicas ou pré-fabricadas, na co-ocorrência de palavras que aparecem sequencialmente juntas e são cognitivamente embaladas (estocadas e processadas) de forma contígua, de modo que podem ser acessadas como uma unidade simples. O *chunking* tem estreita relação com a repetição das sequências de unidades. Essas sequências acabam sendo representadas como uma unidade, deixando de ser produzida pela concatenação de seus itens.

Bybee (2015) considera que o *chunking* decorre da experiência do uso da língua e da forma como as sequências de palavra estão estocadas e gravadas na memória. Os fragmentos de nossa experiência com a língua são registrados, classificados, categorizados e associados a outros registros similares de experiência linguística.

Quando um elemento linguístico é ativado, seja no processo de produção (ao falar) ou decodificação (ao ouvir), suas representações são fortalecidas na memória. O uso destes elementos em sequência fortalece as relações sintagmáticas entre eles, conseqüentemente, elementos utilizados frequentemente juntos, tendem a ser fundidos.

A estrutura interna é propensa a ser perdida dentro de blocos usados com frequência e os componentes desse *chunk* podem ser comprimidos e reduzidos fonologicamente. Ocorre um duplo fenômeno que se manifesta na automação da produção e no fato dos itens previsíveis, em um contexto, permitirem ao falante desencadear processos redutores que aumentam a fluência.

A analogia, por sua vez, é considerada como um componente nuclear da cognição humana. Bybee (2010) identifica a analogia como processo pelo qual um falante passa a usar um novo item em uma construção. Gentner, Holyoak e Kokinov (2001) explicam que a analogia pode ser definida como a capacidade de pensar sobre padrões relacionais e implica no processo de alinhamento e mapeamento estrutural entre domínios. Esse alinhamento entre duas estruturas de representação se caracteriza por paralelismo (que consiste na correspondência um-para-um entre os elementos mapeados) e sistematização (preferência implícita que está interconectada com sistemas relacionais regidos por relações causais, matemáticas ou funcionais).

Bybee (2010) nos termos de Gentner (1983), considera a analogia como processo de domínio geral que se estabelece nas semelhanças estruturais entre dois domínios diferentes. A

⁹ Tradução de: “is the process by which sequences of units that are used together cohere to form more complex units” (BYBEE, 2010, p. 7).

autora explica que a natureza dos objetos envolvidos nos processos analógicos na língua não é arbitrária, mas baseia-se em semelhanças semânticas ou fonológicas e está identificada como o processo pelo qual um falante usa um novo item em um padrão já existente, com base em exemplares específicos já armazenados na memória.

A analogia é um processo ligado às mudanças na língua e é um importante mecanismo de processamento que atua na mudança linguística e na aquisição da linguagem. Alonso e Cezario (2015) consideram a analogia como o processo que cria novas enunciações, baseados em outros enunciados já produzidos em experiências discursivas anteriores.

Mais detalhes a respeito dos processos analógicos na mudança linguística serão discutidos na seção 1.3, na qual tratamos sobre a mudança linguística na perspectiva construcional.

As associações transmodais, segundo Stern (1985), se relacionam à capacidade de transferência de informação entre as modalidades sensoriais distintas que possibilita o processamento cognitivo e a correspondência entre experiências sensoriais. Segundo o autor, as associações transmodais permitem que uma informação recebida através de uma modalidade sensória possa ser traduzida para outra. Assim, o cérebro relaciona sinais de múltiplas modalidades sensoriais para produzir percepções unificadas, combinando essas informações (tornando seu processamento seu mais ágil) e ampliando a detecção de objetos e eventos do mundo exterior.

Deste modo, experiências co-ocorrentes de diferentes sentidos são cognitivamente armazenadas de maneira associada. Bybbee (2010) explica que as associações transmodais permitem que haja uma relação simbólica estabelecida pelo falante entre o significado e forma.

Avançando-se nos princípios de uma teoria centrada no uso, segundo Barlow e Kemmer (2000), é preciso definir que o seu objeto de estudo é o sistema linguístico e que a linguagem em uso é considerada evidência que determina a natureza e a organização específica dos sistemas linguísticos. Os autores defendem que uma análise ideal centrada no uso deve emergir da observação de *corpus* de dados.

No contexto do desenvolvimento de uma teoria de análise linguística centrada no uso, Bybee (2010) apresenta as construções como provimento teórico para definir os níveis, as unidades e os processos que criam novos enunciados. Para a autora, a ideia crucial das construções é que elas são um pareamento direto entre forma e significado e apresentam uma estrutura sequencial que pode incluir posições fixas ou abertas. Bybee explica que

as construções emparelham forma e significado, a gramática não contém módulos para a sintaxe separados da semântica, nem opera com estudos derivacionais de forma e de superfície. Até mesmo a fonologia pode ser representada na construção, como nos casos de redução fonológicas que ocorrem em construções específicas (BYBEE, 2010, p. 9)¹⁰.

Bybee (2015) considera que a alta frequência de uma forma pode criar uma construção, assim como uma forma já existente pode ser enfraquecida por não apresentar frequência. A frequência de uso é que produz a rotinização, cristalização e automação de novos usos, atuando ativamente nos processos de mudança da língua.

Bybee (2015) defende que a frequência de uso atua de forma significativa na mudança das construções, pois leva ao enfraquecimento da força semântica, operando as mudanças fonológicas de redução e fusão e que dão maior autonomia à construção.

Desta maneira, os componentes individuais da construção se enfraquecem ou perdem sua associação com outras instâncias do mesmo item, o que acarreta a perda de transparência semântica e a distanciação entre os componentes da construção gramaticalizada e seus congêneres lexicais, permitindo seu uso em novos contextos, com novas associações pragmáticas, gerando a mudança semântica e tornando uma construção frequente mais entrincheirada na linguagem.

Para Furtado da Cunha *et. al.* (2013), a LFCU considera que a língua se estrutura motivada por fatores de natureza cognitiva, sociocomunicativa e linguística. Os autores explicam que as análises linguísticas nessa perspectiva consideram categorias que abordam fatores que são internos ou externos ao sistema linguístico. Dentre as categorias analíticas apresentadas pelos autores, elencamos a iconicidade, a marcação, a contrastividade, a informatividade, a perspectivação, o plano discursivo e a saliência perceptual.

A iconicidade é descrita por Givón (2001) como a correlação motivada entre forma e função. Croft explica que “a estrutura da língua reflete de alguma forma a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo” (CROFT, 2003, p. 102)¹¹. Haiman (1983) afirma que uma dimensão linguística corresponde a uma dimensão não linguística. Em termos gerais, a noção de iconicidade está baseada na ideia de que a estrutura da língua reflete e representa a

¹⁰ Tradução de: “as constructions pair form and meaning, the grammar does not contain modules for syntax as separate from semantics, nor does it provide for derivational histories of surface forms. Even the phonology can be directly represented in the construction in cases of special phonological reduction that occurs in specific constructions” (BYBEE, 2010, p. 9).

¹¹ Tradução de: “The structure of language reflects in some way the structure of experience, that is to say, the structure of world” (CROFT, 2003, p. 102).

experiência do falante com algum acontecimento no mundo, numa relação motivada entre a língua e o que ela representa, entre a forma linguística e seu significado.

Croft (2003), ainda seguindo Givón (2001), reforça que a iconicidade compreende três subprincípios que se referem à: i) quantidade de informação ou complexidade da informação (quanto maior a quantidade ou complexidade da informação e quanto mais informações novas, maior quantidade de forma linguística será necessária para codificá-la; ii) proximidade ou integração (conceitos que estão mais integrados no plano cognitivo, apresentam proximidade e maior integração morfosintática); iii) ordenação linear (os constituintes são ordenados, no tempo e no espaço, conforme a percepção cognitiva da experiência representada na língua).

A marcação, segundo Furtado da Cunha *et al.* (2013), diz respeito às distinções de propriedades entre membros de uma categoria linguística que podem ser percebidas pelo contraste entre eles. Givón (2001) apresenta três critérios usados para distinguir categorias marcadas e não marcadas: i) a complexidade estrutural – segundo esse critério a estrutura marcada propende a ser mais complexa do que a estrutura não marcada correspondente; ii) a complexidade cognitiva - a estrutura marcada tende a ser mais complexa cognitivamente, no que tange ao esforço mental, do que a estrutura não marcada correspondente; iii) a distribuição de frequência - a categoria marcada comumente é menos frequente e mais cognitivamente saliente, do que a estrutura não marcada correspondente.

Segundo Givón (1995), a marcação é um fenômeno de perspectiva escalar e não pode ser analisada de forma dicotômica, pois depende do contexto e só pode ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos.

Furtado da Cunha *et al.* (2013) expõem que a marcação abrange também fenômenos como a distinção entre o discurso formal e a conversação espontânea. Os autores explicam que o discurso formal é mais marcado que a conversação, pois é constituído por assuntos mais abstratos. A conversação, por sua vez, é processada cognitivamente de forma mais fluida, mais rápida e mais fácil, pois se constitui de assuntos mais comuns e cotidianos.

A contrastividade relaciona-se com a opção do falante em selecionar um item, dentro de um conjunto de itens possíveis, dando-lhe realce e distinguindo-o dos demais, a fim de despertar maior atenção do ouvinte. A contrastividade está relacionada com o que o falante quer colocar em relevo e evidenciar no fluxo informacional. Para realizar esse contraste, o falante usa mecanismos que dão realce ao item selecionado. Segundo Furtado da Cunha *et al.* (2013), dentre esses mecanismos de contrastividade estão o traço prosódico e a ruptura com ordenação sintática formal.

A informatividade diz respeito ao conteúdo informacional compartilhado pelos interlocutores na interação verbal. Furtado da Cunha *et. al.* (2013) explicam que, do ponto de vista cognitivo, pragmático e interpessoal, quando um indivíduo se comunica com outro, espera provocar alguma alteração no conhecimento ou na atitude do seu interlocutor e informar algo do mundo externo ou do seu mundo interior.

Neste conteúdo partilhado, o locutor tende a dosar o conteúdo informacional e orientar o ponto de vista do interlocutor, a fim de alcançar determinado objetivo. Além disso, o processo conta com aparato léxico-gramatical em suas inúmeras possibilidades de organização, codificação textual e recursos extralinguísticos, como gestos, expressões e dados do contexto interacional.

Segundo Furtado da Cunha *et. al.* (2013), nos termos de Chafe (1987), a informatividade relaciona-se ao fluxo de informação, à maneira como o falante organiza o conteúdo no discurso e leva em conta o grau de acessibilidade que o interlocutor tem da informação que recebe. Os autores explicam, ainda, que a ordenação e a codificação dos elementos da cláusula dependem da avaliação do locutor em relação à ativação do conhecimento na mente do interlocutor. Nesse mesmo sentido, Tomasello (1998) afirma que o conteúdo proposicional se estrutura sintaticamente em função da circunstância comunicativa específica, levando em conta a focalização e a ênfase pragmática.

A perspectivação relaciona-se ao direcionamento da atenção, do foco sobre determinado evento. Para Tomasello (1998), diz respeito à focalização de aspectos específicos de uma cena. Assim, ao representar certo evento, ou relatar certa situação, o falante escolhe determinado ponto de vista, foca certo elemento específico e a partir desse ponto de vista, ele comunica esse evento ou situação.

O plano discursivo relaciona-se à organização estrutural do texto e compreende as dimensões de foco. Segundo Cruse (2006), é possível aumentar a relevância de uma informação por meio de dispositivos linguísticos. Num enunciado, o elemento mais relevante é identificado como figura e/ou primeiro plano, o que não é evidenciado identifica-se como fundo. Segundo o autor, apesar da maneira mais comum de se evidenciar o foco seja pela entonação, essa evidência ocorre, também, por meio do “dispositivo de focalização”, em que o termo destacado é colocado em primeiro plano na organização das orações.

Langacker (2008) argumenta que, em determinadas expressões linguísticas, partes específicas do universo conceitual podem ser destacadas. Ele define foco como a seleção e disposição de certo conteúdo conceitual descrito amplamente como primeiro plano na representação linguística, em contraponto ao que assume posição de fundo, ao que não se quer

dar evidência. As dimensões de figura e fundo estão relacionadas aos elementos cognitivos de percepção.

Furtado da Cunha *et. al.* (2013) apresentam os argumentos de Givón (1995), Hopper (1979) e Martelotta (2011), aplicando a categoria de planos discursivos aos elementos textuais. Givón (1995) relaciona figura e fundo com a frequência da marcação, assim, o elemento marcado é menos frequente e possui maior relevo perceptual (figura), contrapondo-se ao que é textualmente mais abundante e não marcado (fundo).

Hopper (1979) relaciona figura e fundo, para distinguir eventos dinâmicos, considerados como relevantes e responsáveis pela progressão sequencial do enredo (figura), das situações que continham observações e comentários do narrador (fundo).

Martelotta (2011), indo além dos domínios narrativos, usa as noções de figura e fundo para analisar textos descritivos e opinativos, como por exemplo, quando trechos narrativos, que estão inseridos em um contexto não narrativo, assumem papel de fundo em relação ao foco central do texto, sendo um elemento extensivo das informações de nível mais alto a que está subordinado (FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2013, p. 31).

Furtado da Cunha *et al.* (2013) consideram que essa categoria não é binária, mas deve ser entendida num parâmetro escalar, para cobrir os níveis intermediários de saliência em que estão distribuídos os feixes informativos nos variados tipos de estruturas textuais. E dependendo do ambiente discursivo textual que está em foco, essa escala se configura entre o que é menos ou mais figura, ou menos, ou mais fundo.

Na próxima seção apresentamos os principais pressupostos da GC, que compõe a base teórica que fundamenta a análise dos usos da microconstrução *quando é fé*, nesta pesquisa.

1.2 A Gramática de Construções

Expomos, nesta seção, os principais pressupostos teóricos da Gramática de Construções (GC), apresentando a concepção de gramática e língua, no viés construcional, a estrutura simbólica das construções e suas propriedades de categorização.

Rios de Oliveira (2015) explica que a GC é uma tendência propícia para as pesquisas funcionalistas e constitui-se como uma interface de análise funcional-cognitivo. Suas análises tratam das dimensões da forma e do sentido e incorporam a análises da dimensão contextual e, segundo a autora, confere rigor teórico-metodológico para os estudos da LFCU.

A GC postula uma visão construcional da gramática, abordagem apresentada por Goldberg, ao expor que:

O termo construcional pretende indicar duas associações. A motivação primária para o termo é que abordagens construcionais enfatizam o papel das CONSTRUÇÕES gramaticais: pareamentos convencionalizados de forma e função. Além disso, as abordagens construcionais, geralmente, enfatizam que as línguas são aprendidas, que são CONSTRUÍDAS a partir dos inputs associados às restrições de ordem cognitiva, pragmática e processual. (2006, p. 3)¹²

Traugott e Trousdale (2013) ao revisarem a teoria construcional, expõem que as gramáticas de construção têm aderido aos princípios gerais da linguística cognitiva e que diferentes abordagens da gramática da construção podem ser encontradas e explicam que essas abordagens mesmo apresentando consideráveis diferenças, possuem convergência em pontos cruciais, e elencam cinco pontos que parecem ser compartilhados pela grande maioria delas: i) a unidade básica de gramática é a construção, um emparelhamento de forma e significado; ii) a estrutura semântica, nas construções é mapeada de maneira direta na superfície da estrutura sintática; iii) a linguagem é uma rede de nós e de links entre nós e as associações entre esses nós ocorrem por hierarquia ou por herança; iv) a variação interlinguística é considerada tendo em conta os processos cognitivos de domínio geral e as construções específicas de variedades; v) a estrutura da linguagem é moldada em seu.

Todas as abordagens de construção, segundo Traugott e Trousdale (2013), veem a gramática como uma estrutura holística e reconhecem que nenhum nível gramatical é autônomo ou nuclear. Portanto, semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática cooperam igualmente para a constituição construcional. As construções são unidades nas quais o signo é, em algum aspecto, tão idiossincrático ou tão frequente, que está enraizado como um emparelhamento de significado e de forma na mente do usuário da língua.

Traugott e Trousdale (2013) apresentam alguns fatores importantes para a compreensão da língua como uma rede de construções e explicam que a metáfora da língua como uma rede é recorrente nas gramáticas de construção. Os autores consideram que essa rede é constituída pelo conhecimento individual e pelo conhecimento coletivo em uma comunidade de fala. Nessa rede, nós e *links* estão ligados por elementos semânticos ou sintáticos e por

¹² Tradução livre: “The term constructionist has more than one intended association. The primary motivation for the term is that constructionist approaches emphasize the role of grammatical constructions: conventionalized pairings of form and function. In addition, constructionist approaches generally emphasize that languages are learned—that they are constructed on the basis of the input together with general cognitive, pragmatic, and processing constraints” (GOLDBERG, 2006, p 3).

conhecimentos cognitivos (individuais) e socioculturais (partilhados). A rede é dinâmica, novos *links* e nós estão sendo continuamente estabelecidos. Os *links*, segundo os autores, relacionam-se com a distância entre membros de uma família, com os agrupamentos de propriedades, com graus de entrincheiramento e de acessibilidade de uma construção.

Para Traugott e Trousdale (2013), um pressuposto fundamental da abordagem construcional é o reconhecimento de que algumas propriedades gramaticais, como a configuração em uma rede de construções e a organização dessa rede por elementos de hierarquia e de herança, podem ser comuns a outros sistemas cognitivos. Os autores explicam que a gramática de uma determinada língua é um conhecimento específico do sistema linguístico dessa língua.

Goldberg e Jackendoff explicam que na visão construcional há “um *cline* dos fenômenos gramaticais, do totalmente geral ao totalmente idiossincrático” (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004, p. 532)¹³. Nesse *cline* tudo está estabelecido num formato comum, tanto o mais particular (como palavras individuais) quanto o mais geral (como as posições dos verbos), apresentando várias subregularidades entre os princípios, não havendo determinação de divisão entre o léxico e a sintaxe. No nível sintático, algumas regularidades são expressas em termos de construções, de partes sintáticas que têm seu significado conectado a uma forma convencional e que são parcialmente idiossincráticas.

Segundo Goldberg (2006), as construções são inerentes e estão presentes em todos os níveis de constituição gramatical, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões frásicos que podem ser parcialmente preenchidos ou padrões que podem ser totalmente preenchidos lexicalmente. A autora explica que “qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma e função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes” (GOLDBERG, 2006, p. 5)¹⁴.

Para Croft (2001), uma construção é constituída pelo pareamento de forma e significado. No plano da forma, constitui-se dos elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos. No plano do significado, constitui-se dos componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais.

Entretanto, entre forma e significado há uma correspondência simbólica que torna possível mudanças nos dois elementos, ou, em um deles, numa perfeita adequação entre os

¹³ Tradução de: a cline of grammatical phenomena from the totally idiosyncratic to the totally general. (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004, p. 532).

¹⁴ Tradução de: “any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

dois planos. Numa construção, forma e significado estão perfeitamente adequados e estreitamente ligados. A noção de construção, segundo o autor, pode ser aplicada a qualquer estrutura gramatical, tanto em sua forma, como em seu significado. Numa construção, a ligação simbólica entre forma e significado é interna, um conjunto de propriedades que estão internamente ligadas para formar um único sentido.

As construções, segundo Croft (2001), são unidades simbólicas constituídas pela imbricação de forma e significado, que possuem uma representação cognitiva. A interface do significado possui aspectos que são convencionalizados por componentes semânticos e pragmáticos, relativos à subjetividade, à intersubjetividade e que estão relacionados aos processos comunicativos, a determinados contextos, por informação partilhada e socialmente estabelecida numa comunidade de fala. A interface da forma, diz respeito à estrutura interna da construção, da estrutura morfossintática de orações que instanciam construções.

Croft (2001) apresenta o modelo de representação da estrutura simbólica de uma construção, de acordo com a visão esquemática proposta pela Gramática de Construções Radical (GCR):

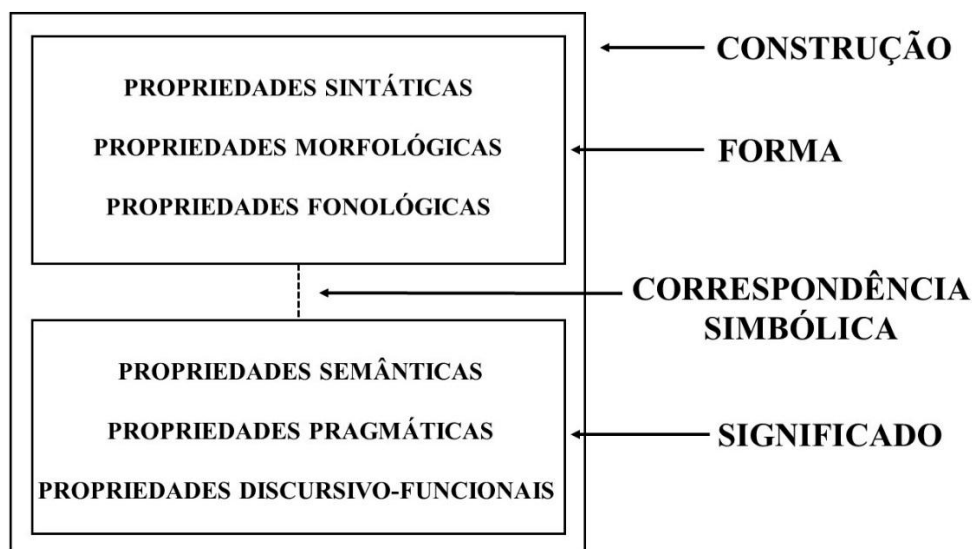


Figura 01: Modelo da estrutura simbólica na GCR (Fonte: Croft, 2001).

Considerando que a oração é um tipo de construção, esse autor explica que as orações devem ser analisadas a partir dos seus aspectos sintáticos e semânticos, uma vez que a semântica atua na formação sintática de uma oração, como em “Healter canta”, que instancia uma construção intransitiva (CROFT 2001, p. 21).

Segundo Croft (2001) as construções são padrões que formam um inventário estruturado em cada língua, numa rede taxionômica. As construções são consideradas como

nós que constituem essa rede. O autor explica a relação das construções nessa rede a partir do exemplo da expressão idiomática *kick the bucket* (chutar o balde) e dispõe os níveis esquemáticos que podem ser representados nela: i) [Verb Obj] – [Verbo Objeto] – construções mais abertas, com estruturas que permitem infinitas possibilidades de preenchimento, exemplificadas nas construções transitivas; ii) [*kick* Obj] – [verbo chutar Objeto] – construções semiabertas, um tipo mais particular de construção, com possibilidades mais específicas de preenchimento, que apresentam padrões similares; iii) [*kick [the bucket]*] – construções instanciadas de forma concreta, em construtos específicos, são construções fechadas, não havendo possibilidades de preenchimento. O autor afirma que cada construção é simplesmente uma instância da construção mais esquemática, sendo assim representadas numa hierarquia taxionômica.

Goldberg (1995) distingue as construções de acordo com o seu nível de complexidade interna e esclarece que as construções podem ser atômicas ou complexas, de acordo com o grau de complexidade ou de especificidade que apresentam.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções devem ser consideradas quanto a suas características de tamanho, de especificidade fonológica e do tipo de conceito que representam. Conforme demonstrado no quadro a seguir:

TAMANHO	ESPECIFICIDADE FONOLÓGICA	TIPO DE CONCEITO
atômica	substantiva	de conteúdo
complexa	esquemática	procedural
intermediária	intermediária	intermediária

Quadro 01: Características das construções segundo Traugott e Trousdale (2013).

Quanto ao tamanho, as construções podem ser atômicas (quando compostas por apenas um morfema), complexas (quando compostas por pedaços analisáveis) e intermediárias (quando compostas por morfemas parcialmente analisáveis).

A especificidade fonológica está relacionada ao caráter das construções, podendo ser: substantivas (quando não há *slots*, ou seja, não existem lacunas a serem preenchidas); esquemáticas (quando constituem um esquema abstrato, que pode ter *slots* preenchidos com outras construções); intermediárias (quando existem *slots*, mas também partes fixas, ou seja, uma parte substantiva e outra esquemática).

No que tange ao tipo de conceito que codificam, as construções podem ser de conteúdo, procedurais ou intermediárias. As de conteúdo são ligadas ao léxico, relacionam-se a elementos mais lexicais; as procedurais se relacionam a elementos com funções gramaticais (têm a ver com as relações e está a serviço da gramática), geralmente possuem um conteúdo mais abstrato, e as intermediárias têm conteúdo ligado tanto ao léxico, quanto à gramática.

Traugott e Trousdale (2013) apresentam a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade como fatores importantes para entendermos a arquitetura das construções, e ressaltam que esses fatores estão envolvidos com os tipos e as fases da mudança linguística.

A esquematicidade é uma propriedade de categorização que, fundamentalmente, envolve a abstração. Um esquema corresponde a uma generalização taxionômica de categorias, que pode ou não ser linguística. Traugott e Trousdale (2013) explicam que os esquemas linguísticos são grupos de construções abstratas semanticamente gerais. Esses esquemas são abstrações em conjuntos de construções que são percebidas pelos usuários da língua e podem estar intimamente relacionadas entre si na rede construcional.

Numa rede construcional, os graus de esquematicidade estão relacionados aos níveis de generalização ou de especificidade. Traugott e Trousdale (2013) explicam que os esquemas e os subesquemas são as subpartes do sistema linguístico e a esquematicidade se relaciona com padrões mais gerais. Quanto mais *slots* abstratos forem passíveis de serem preenchidos, maior será a esquematicidade.

Croft e Cruse (2004) explicam que as construções apresentam diferentes níveis de esquematicidade, ou de generalização e que as construções são independentes, mas estão relacionadas quanto à esquematicidade.

Traugott e Trousdale (2013) propõem os seguintes níveis hierárquicos para descrição das construções: esquemas, subesquemas, microconstruções e construtos. Os autores explicam que: os esquemas ocupam o nível mais alto de esquematicidade e são mais abstratos; os subesquemas ocupam o nível médio de esquematicidade, podendo ser grandes, pequenos ou intermediários; as microconstruções estão no nível mais baixo de esquematicidade e podem ser substantivas e fonologicamente especificadas; e, os construtos, são os *tokens*, usos efetivos em situações comunicativas específicas, considerados como o *locus* da inovação e convencionalização, como eventos de uso; ajudam a moldar a representação mental da linguagem. Os construtos são descritos como

instâncias de uso em uma ocasião particular, proferida por um orador particular (ou escrita por um escritor particular) com um propósito comunicativo particular. O constructos são muito ricos, imbuídos de uma

grande quantidade de significado pragmático, que pode ser irrecuperável fora do evento particular de fala (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, 16)¹⁵.

Esses níveis são apresentados por Traugott (2008, p. 236), que prevê a trajetória da mudança construcional, a partir do seguinte esquema:

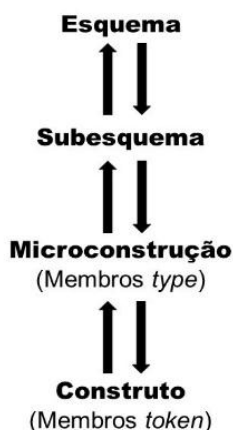


Figura 02: Níveis hierárquicos de esquematicidade e trajetória construcional (Baseado em Traugott, 2008).

Na figura acima, as setas para cima apontam para os níveis hierárquicos relacionados à esquematicidade (levando em conta as especificações e as generalizações), e as setas para baixo, para as mudanças que ocorrem no processo de criação de novos usos linguísticos, por meio da analogização, como veremos na seção seguinte.

Para Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade é gradiente e essa gradiência se realiza em relação à convencionalização e às distinções hierárquicas referentes à taxionomia da construção. Quanto à convencionalização, uma construção pode ser “mais ou menos” convencional, em relação à forma, e, portanto, quanto mais esquemática mais convencionalizada.

Quanto aos níveis hierárquicos, as construções de níveis mais altos são mais esquemáticas, permitindo mais *slots* a serem preenchidos e apresentando menos restrições para seu preenchimento. As de níveis inferiores, apresentam menos *slots* e mais restrições. Os padrões de abstração estão relacionados com as possibilidades de abertura e preenchimento de *slots*. Assim, quanto mais *slots* forem abertos mais abstrata será a construção e, portanto, mais esquemática.

¹⁵ Tradução de: “instances of use on a particular occasion, uttered by a particular speaker (or written by a particular writer) with a particular communicative purpose. Constructs are very rich, imbued with a great deal of pragmatic meaning, much of which may be unrecoverable outside of the particular speech event” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 16).

Traugott (2008) retoma a abordagem de Croft (2001) na Gramática de Construções Radical quanto à esquematicidade da rede hierárquica taxionômica das construções e redefine que: as macroconstruções são emparelhamentos de forma e de significado numa estrutura de função definida e são esquemas altamente abstratos; as mesoconstruções são conjuntos de construções específicas de comportamento sintático e semântico semelhantes; as microconstruções são tipos de construção individuais; e, os construtos são os *tokens*, confirmados empiricamente, e se constituem como o *locus* da mudança.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que a produtividade refere-se a esquemas parciais e sua capacidade de extensão (extensibilidade) e de limitação (restrição) ao instanciarem construções. A produtividade de uma construção é gradiente e quanto mais uma construção tem seus usos estendidos, quanto mais for instanciada em distintos usos, maior será a sua produtividade.

A produtividade está relacionada com as frequências *type* e *token*. Bybee (2006) explica que a frequência *type* (*type frequency*) refere-se à frequência de construção e a frequência de ocorrência (*token frequency*) relaciona-se com a frequência do construto. Portanto, a frequência *type* (de tipo), relaciona-se com o número de expressões de um padrão em particular, os tipos de elementos que preenchem os *slots* de uma construção. A frequência *token* (de ocorrência), por sua vez, relaciona-se com o número de vezes que uma mesma unidade ocorre.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que a construção não é o uso, mas um padrão para o uso, que é, por sua vez, instanciado no próprio uso da língua. Os autores explicam que uma construção se torna mais rotinizada e automatizada na medida em que é usada e repetida. Entretanto, quanto mais rotinizadas e automatizadas são as construções, mais disponíveis serão para novas possibilidades de usos. Desse modo, o aumento da frequência de uso implica o aumento da frequência do construto.

Os autores ressaltam que pode haver vários *tokens* que correspondam a poucos *types*, ou vários padrões *types* que apresentem poucos usos efetivos. Os autores esclarecem que não há um tempo previsível para a produtividade ou a não produtividade, pois padrões construcionais mais produtivos que podem ser de curta duração e padrões não produtivos podem persistir por muito tempo em uso na língua.

Traugott e Trousdale (2013) relacionam a produtividade de uma construção com a ligação transparente entre sua forma e seu significado. Essa ligação é pensada em termos semânticos (o significado das partes e do todo) e de propriedades combinatórias do componente sintático. Numa situação real de interação, quando o falante produz uma

sequência sintática, o ouvinte entende o significado total dessa sequência a partir do significado de cada parte, pois o significado de uma expressão depende dos significados de suas partes combinadas sintaticamente. Os autores explicam que uma construção é composicional, quando o significado pode ser depreendido a partir do significado do todo e não sendo possível depreender o significado do todo pela soma das partes. A composicionalidade de uma construção pode ser analisada pela correspondência ou incompatibilidade entre aspectos de sua forma e de seu significado.

Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2016), a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado. Esse grau de composicionalidade é definido na medida em que o significado de suas partes, em sua codificação formal, fornece pistas para o significado do todo.

Para Traugott e Trousdale (2013), quanto mais possibilidades de *slots* forem abertos e maiores serão as possibilidades de serem preenchidos, mais esquemática e abstrata será a construção. Quanto mais abstrata for uma construção, menor será a correspondência entre sua forma e seu significado. Logo, quanto maior a sua composicionalidade, menos esquemática e abstrata será a construção.

Traugott e Trousdale (2013) consideram a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade, de modo gradiente, correlacionadas a elementos variáveis nos processos de mudança linguística. Eles explicam que, num processo de mudança linguística, a construção tende a ser mais esquemática, mais produtiva e a perder composicionalidade.

1.3 A Mudança Linguística na Perspectiva Construcional

Nossa pesquisa propõe uma análise da microconstrução *quando é fé* na perspectiva construcional e, para tanto, assumimos como fundamentação teórico-metodológica a abordagem construcional da mudança linguística desenvolvida por Traugott e Trousdale (2013) e os estudos de mudança de construções pelo viés dos estágios de gramaticalização de contexto, propostos por Diewald (2002).

O estudo das mudanças na língua tem sido o foco das abordagens linguísticas contemporâneas, incluindo a LFCU. Segundo Bagno e Casseb-Galvão (2017), há uma premente preocupação com a compreensão e descrição das mudanças formais e funcionais das entidades linguísticas. A visão de natureza sociofuncionalista entende que a língua é um

fenômeno de constituição e mostração social e estuda os fatores internos e externos de sua constituição sistêmica.

Estes autores consideram que os fatores linguísticos relativos à constituição da língua abrangem os aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos e discursivo-pragmático. Os fatores externos, por sua vez, são sociais, de faixa etária, de gênero, etc. Eles explicam, ainda, que as análises das mudanças linguísticas consideram fatores de ordem cognitiva, relativos a capacidade analógica, metafórica e metonímica dos usuários da língua.

Bybee (2015) ao comentar os estudos sobre mudança linguística de base gerativista, aponta que nesses estudos as mudanças são consideradas, principalmente, no período da aquisição da linguagem pela criança. Explica que, para o gerativismo, na tenra idade os seres humanos adquirem uma gramática interna e essa gramática, uma vez adquirida, não está sujeita a mudanças significativas.

Nessa perspectiva, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica são módulos separados, considerados como diferentes componentes (domínios da língua). A gramática no adulto se consolida como um sistema fechado e as mudanças só acontecem nos estágios iniciais da aquisição da língua e da construção da gramática pela criança, quando ela conjectura sobre a estrutura da gramática, baseada num conjunto de parâmetros universais inatos e a partir de dados limitados (que caracteristicamente é chamado pelo gerativismo de pobreza de estímulo).

Em outra vertente, a perspectiva cognitivista de Tomasello (2003), a comunicação linguística humana é simbólica e os símbolos linguísticos são convenções sociais por meio das quais um indivíduo compartilha a atenção de outro indivíduo e pode dirigir a atenção do outro para algo do mundo exterior. Esses símbolos humanos visam os estados de atenção e direcionamentos mentais, tendo um poder de comunicação incomparável, permitindo que sejam usados para se referir a todos os tipos de coisas e de perspectivas diversas sobre objetos, eventos e situações no mundo.

Tomasello (2003) explica que as abordagens baseadas no uso concebem que as construções linguísticas são símbolos linguísticos complexos que possuem forma e função, são historicamente construídos numa comunidade pelos processos de gramaticalização e são reconstruídos pelas crianças, de forma individual e ontogênica. A gramática é vista em uma perspectiva histórico-cultural. Sua estrutura não decorre de uma gramática universal inata, mas da interação de universais de cognição humana, comunicação e processamento.

Nesta linha de entendimento, no processo de aquisição as crianças são confrontadas com enunciados particulares, específicos da linguagem, e, tendo a semântica e a pragmática

como parte da definição da construção, não há problemas de ligação e não há pobreza de estímulo. As crianças podem aprender a utilizar qualquer construção, de forma adequada e produtiva, representando eventos no mundo e tentando discernir a comunicação dos falantes e suas intenções, e, ao se referirem a esses eventos, usam um certo padrão de símbolos linguísticos.

Ainda segundo Tomasello (2003), os universais da estrutura linguística decorrem do fato das crianças adquirirem símbolos linguísticos de qualquer tipo, por meio de um conjunto de processos cognitivos gerais, que são classificados como: a leitura intencional - que compreende as habilidades cognitivas sociais exclusivas de espécies responsáveis pela aquisição; os símbolos e as dimensões funcionais da linguagem; a busca de padrões - que se relaciona com as habilidades cognitivas envolvidas no processo de abstração.

Bybee (2015) afirma que a gramática de uma língua corresponde à representação cognitiva da experiência linguística de seu usuário. A língua é um sistema adaptativo que está sempre em mudança, os processos cognitivos envolvidos no uso e no processamento da linguagem são os mesmos processos que atuam nas mudanças linguísticas. Para a autora, essas mudanças podem ocorrer tanto na dimensão sincrônica como na diacrônica e, portanto, as crianças não são os principais agentes da mudança linguística.

Neste mesmo viés, Brinton e Traugott (2005) consideram que, principalmente, os jovens são produtores de usos inovadores e catalisadores de mudança linguísticas. Os autores explicam ainda que, na visão gerativa, a mudança é considerada como abrupta, completa, interna à linguagem e corresponde a uma inovação de uma geração de falantes para outra, enquanto no viés funcional, a mudança depende da variação, decorre de maneira gradualmente e é moldada por fatores linguísticos e sociais.

Bybee (2015) e Traugott e Trousdale (2013) consideram que os processos de mudança linguística se estabelecem em fatores socioculturais de interação por uma experiência partilhada entre o indivíduo e a sua comunidade de fala, decorrentes de fatores sociocognitivos que se relacionam ao processamento cerebral das representações linguísticas, das conceitualizações individuais que são partilhadas em uma comunidade. As mudanças ocorrem na interação e no uso da língua, sob influência de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Discutindo a mudança linguística na perspectiva construcional, Traugott e Trousdale (2013) apresentam três pressupostos relevantes. No primeiro, a gramática é entendida como uma rede, que possui uma organização hierárquica e de herança, sendo compreendida como um conhecimento de um sistema linguístico específico, vinculado à estrutura de uma língua.

No segundo, a mudança se dá no uso e o *locus* da mudança é o construto. E, por fim, não há distinção entre mudança e inovação, sendo que a inovação é individualizada e se constitui um potencial de mudança, e a mudança, de fato, ocorre, quando essa inovação é replicada e convencionalizada por uma população de falantes.

Na compressão de Traugott e Trousdale (2013), o *locus* da mudança reside no uso efetivo da língua, no construto que estabiliza um padrão de uso. Esse uso, mais que uma inovação, precisa ser produtivo numa comunidade de fala e, conseqüentemente, se estabilizar como um novo pareamento de forma e sentido, que se relaciona numa rede com outras construções, por relações de herança. A ideia de herança, intrinsecamente, se remete às características ou aos padrões transmitidos por familiaridade. A rede construcional se organiza a partir de famílias de construções, em torno de construções centrais de onde essas heranças emanam.

Para Traugott e Trousdale (2013), as relações de herança podem ocorrer por:

i) ligação polissêmica - descreve a relação semântica entre o sentido e as extensões de uma construção, em que as especificações sintáticas são as mesmas, enquanto as semânticas são diferentes;

ii) ligação de extensão metafórica - envolve um mapeamento metafórico particular e resulta de um elo metafórico. Exemplificada pelos autores pela relação metafórica entre movimento e mudança, localização e estado;

iii) ligação de subparte - ocorre quando uma construção está inserida numa construção maior, e a construção inserida existe independentemente da construção da qual faz parte;

iv) ligação de instância - ocorre quando uma construção particular, em relação a outra construção, acaba produzindo restrições, restringindo certos usos.

Os *links* de herança, para Traugott e Trousdale (2013), são restrições taxionômicas que permitem categorizações em vários níveis de generalidade. Goldberg (1995) também considera que as construções formam uma rede e estão ligadas por relações de herança que motivam as suas propriedades particulares. Essa rede de herança permite capturar generalizações em todas as construções, ao mesmo tempo em que permite reconhecer sub-regularidades e exceções.

Uma rede é constituída por nós e cada nó da rede herda as propriedades de seus nós dominantes. Cada construção é um nó que está imbricado nessa rede de construções. Os *links* de herança mostram que as relações entre as construções podem ser parcialmente arbitrárias, mas também parcialmente previsível. Esses *links* de herança podem ser parcialmente motivados e influenciar uns aos outros, mesmo não interagindo de forma direta.

Ao analisar os processos de construcionalização, Traugott e Trousdale (2013) consideram os processos de neanálise e analogização como os mecanismos centrais das mudanças construcionais.

Os conceitos de neanálise e analogização resultam da releitura a partir da teoria clássica da gramaticalização dos processos de reanálise e analogia. Em linhas gerais, Langacker (1977) explica que a reanálise pode ser entendida como uma mudança estrutural de certa expressão, que não provoca, necessariamente, modificações em seu comportamento superficial e está relacionada com o desenvolvimento de novas estruturas, a partir de velhas estruturas. A analogia, por sua vez, tem relação com a utilização de formas já existentes na língua para substituir outras que também já existem.

Furtado da Cunha e Lacerda consideram que a nomenclatura neanálise em detrimento de reanálise resulta do fato de “não se poder analisar novamente (‘re’ analisar) uma construção que ainda não foi internalizada: a construção não foi internalizada, o usuário apenas analisa de modo diferente” (FURTADO DA CUNHA e LACERDA, 2017, p. 37).

Para Traugott e Trousdale (2013), a reanálise pode provocar mudanças semânticas, sintáticas e/ou morfológicas, alterando o sistema de regras, já a analogia produz alterações que expandem as regras no interior do sistema linguístico, sem alterá-lo. A reanálise lida com mudanças subjacentes e a analogia com mudanças superficiais.

Ao tratar das mudanças na perspectiva construcional, Bagno e Casseb-Galvão (2017) explicam que a neanálise é o processo pelo qual o usuário por inovação, interpreta certa construção, que ainda não conhece de um modo diferente da interpretação habitual e isto constitui um micropasso para mudança estrutural. A neanálise acontece a partir de padrões de usos que, via pensamento analógico, apresentam uma correspondência e mobilizam uma força cognitiva de mudança, envolvendo elementos de um domínio em termos de outro.

Traugott e Trousdale (2013) consideram como neanálise o mecanismo que resulta em novas estruturas, mudança que ocorre em micropassos, podendo, ou não, criar um novo nó na rede construcional.

A analogização, por sua vez, se constitui como um mecanismo de mudanças que provoca correspondências de forma e significado dantes inexistentes como explicam Bagno e Casseb-Galvão (2017). Para Traugott e Trousdale (2013), a analogização é um processo de mudança que produz nova correspondência de forma e significado.

Esse processo é descrito por Furtado da Cunha e Lacerda (2017) como a “atração que ocorre a partir de exemplares já existentes, no processo de mudança”. As autoras explicam que

a analogização promoveria o alinhamento do novo par forma-significado (ou microconstrução) – a partir de representações exemplares – em uma nova construção dentro de um esquema maior. E o esquema, conseqüentemente, se tornaria cada vez mais abstrato, a fim de reunir, ao longo do tempo, um maior número de construções. (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017, p. 37)

Traugott e Trousdale (2013, p. 58) afirmam que a conceito de analogia está relacionado à habilidade humana de pensar analogicamente e explicam que o pensamento analógico antecede a mudança, pois nenhuma construção é inteiramente nova e sempre haverá um *link* mínimo como característica de algum novo nó na rede.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), na analogização ocorre a reconfiguração das características ou dimensões internas de uma construção e implica necessariamente em mudança de micropassos. Toda analogização é neoanálise, entretanto, pode haver neoanálise, sem que haja analogização.

Neoanálise e analogização são diferenciadas por Traugott e Trousdale (2013) quanto ao foco. Na neoanálise, o foco está sobre a mudança da fonte, e na analogização o foco está na correspondência entre alguma construção (já existente) e o alvo.

Para os autores a mudança na perspectiva construcional é gradual e resulta de uma sucessão de micropassos que são identificados pelos autores como: inovação, convencionalização, construcionalização.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que uma inovação ocorre quando uma construção é usada com diversas interpretações transitórias e o falante, para solucionar a ambigüidade semântica ocasionada por esse uso, faz um link relacionando essa construção com outra construção da rede linguística. Segundo os autores, as inovações só podem ser aplicadas a determinadas dimensões internas de uma construção se forem convencionalizadas, se passarem a ser adotadas por um grupo de falantes, uma comunidade de fala.

As inovações são características do conhecimento individual, e, como tais, manifestam-se nas redes individuais. As mudanças, entretanto, devem ser compartilhadas entre uma população, devem ser parte de uma comunidade de fala, desenvolvidas por meios inovadores, por instâncias individuais, por interação entre falante e ouvinte nos processos de neoanálise e analogização.

Silva (2017), exemplifica a inovação pelos usos do adverbio *ainda*, que pertence ao esquema de tempo, como na frase “Ele ainda está correndo”, entretanto, tem seu uso estendido para o esquema de concessão, como em “Não desistirei do treino ainda que todos desanimem”.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que convencionalização é habilitada quando outros usuários da língua passam por processos similares (não necessariamente os mesmos). Nesses casos, ocorre que esses ouvintes associam uma inferência sugerida¹⁶ de um construto com a semântica de uma construção que já existe na rede construcional e preferem usar partes da construção em um determinado ambiente de distribuição, ou repetem parte de uma construção, como um pedaço ou um *chunking*. A convencionalização resulta das associações repetidas de populações de falantes que concordam, de forma subentendida, com a relação entre a forma original, seu sentido e o significado que foi neoanalisado, e isto provoca contraposição entre a construção original, em sua estrutura morfossintática, e os novos significados dos novos construtos.

A construcionalização, por sua vez, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), ocorre apenas quando as neoanálises morfossintáticas e semânticas que surgiram na convencionalização são partilhadas por uma população de falantes e uma nova unidade simbólica convencional surge, uma nova construção, um novo tipo de nó na rede construcional. Na seção subsequente, trataremos mais detalhadamente acerca da construcionalização.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que quando um falante ouve e neoanalisa um construto, interpretando-o de maneira inovadora no nível do *token*, ocorre o *mismatch*. Segundo os autores, o *mismatch* resulta do processo de neoanálise um construto gerando um descompasso entre seu uso no nível pragmático e sua representação no nível sintático. A medida em que a atribuição desse valor de significado ao construto se repete, ocorre o desenvolvimento da convencionalização. O que era um vínculo tênue entre pragmática e sentido em um constructo, vai sendo reconfigurado ao longo do tempo e da repetição desse uso.

Diante desse novo sentido, os ouvintes procuram criar um *link* para alinhar esse novo significado ou forma de uma construção com o significado ou a forma de outras construções, tentando associar o novo constructo com outros que já existem na rede.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que esta tentativa de associação causa uma incompatibilidade (*mismatch*) entre o significado pretendido pelo ouvinte e o que é compreendido por ele. O *mismatch* é o ponto cerne da mudança, pois essa incompatibilidade conduz à criação de

¹⁶ A inferência sugerida segundo Traugott e Dasher (2002), refere-se aos processos que ocorrem na fala, na interação verbal, um processo metonímico que age como um mecanismo nos processos de gramaticalização e intersubjetivização. Os autores explicam que a noção de metonímia se estende dos contextos concretos para contextos pragmáticos de inferência conversacional e convencional e nesses casos, a contiguidade é baseada no mundo discursivo.

um novo pareamento, convencionalizado a partir de nova forma e novo significado que passam a ser aceitos e rotinizados numa comunidade de falantes, criando um novo nó.

Para Traugott e Trousdale (2013), os micropassos que constituem a mudança são acompanhados por alterações nos graus de esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Neste processo, um novo pareamento de forma e significado sofre mudanças em sua esquematicidade, aumentando ou diminuindo sua abstração formal e semântica. E, com isso, *slots* são abertos. No que tange à produtividade, desenvolvem-se novas construções *types*, ou extensão de padrões *types* que já existem.

A mudança na composicionalidade diz respeito ao grau em que o significado e a estrutura das partes são acessíveis ou acessados. Assim, nos processos de mudança linguística, a construção tende a ser mais esquemática, mais produtiva e perder composicionalidade.

Segundo Justino (2018), os micropassos de mudança linguística podem ser exemplificados pelas transformações de sentido que ocorrem nas palavras gota, peste e moléstia, ao tornarem-se constituintes de construções inseridas no subesquema das construções focalizadoras comparativo intensificadoras que só x. Justino explica que na língua portuguesa, gota, peste e moléstia podem designar enfermidades. Entretanto os falantes, por meio dos processos cognitivos de memória rica, analogia e projeção metafórica de sentidos, fazem usos inovadores criando construções pré-fabricadas. E nesse caso, “os aspectos semânticos desses nomes migram do domínio das enfermidades para o domínio da intensificação e, assim, só a gota, só a peste e só a moléstia se convencionalizam na língua como construções intensificadoras.” (JUSTINO, 2018, p. 51).

1.3.1 Construcionalização e Mudança Construcional

Segundo Traugott e Trousdale (2013), uma nova interpretação dada a uma construção pode acarretar dois tipos de mudança: as mudanças construcionais e as construcionalizações. Afirmam que a mudança construcional ocorre em uma construção que já existe e afeta sua dimensão interna, mas não cria um novo nó na rede construcional, pois apenas uma das interfaces da construção (forma ou significado) sofre modificação. Esse tipo de mudança pode anteceder ou preceder as construcionalizações.

Silva (2017) explica que *a negativa pós-verbal*, analisada por Furtado da Cunha (2000), é um exemplo de mudança construcional, pois ocorre uma alteração na posição quanto à forma, mudando de [não + V] para [V + não], mas a função continuou sendo a de negação.

Segundo a autora, outro exemplo de mudança construcional é a nova função que pronome *aquela* exerce, ao ser usado como um intensificador nominal. A forma permanece a mesma, entretanto a função é alterada, como por exemplo na oração “E foi *aquela* correria para não perdemos o ônibus”.

Para Traugott e Trousdale (2013) a construcionalização é gradual e seguida por sucessivas etapas de mudanças estruturais. Na construcionalização, as mudanças ocorrem nas duas interfaces e uma nova construção é criada, um novo par de forma e significado. Esses novos pareamentos não são apenas inovações, mas estão convencionalizados e são considerados novos para o sistema. Consequentemente, criam um novo nó na rede construcional. A construcionalização é uma mudança global que ocorre numa nova construção inteira. Os autores consideram que:

construcionalização é a criação de novas formas (combinadas) de novos signos, de novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística, por uma população de falantes e é acompanhada por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construção de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e é, portanto, gradual (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22).¹⁷

Como exemplo de construcionalização, Martelotta (2011) demonstra o processo de mudança do adverbio de tempo *em boa hora*. Segundo o autor, o adverbio de tempo *em boa hora* desenvolveu-se para a conjunção concessiva *embora*. Nesse caso há mudança tanto na forma, pois *embora* demonstra fusão e se constituiu numa unidade morfológica, quanto no significado - pois tem funcionalidade como conjunção, com valor semântico mais abstratizado.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que a construcionalização pode ser seguida por processos de pós-construcionalização, podendo implicar em expansão ou redução de construções. Algumas construções podem ser expandidas e reorganizadas como subesquema e, posteriormente, sofrerem redução de forma, por causa do uso frequente ou por se tornarem obsoletas, devido à diminuição de seu uso.

¹⁷ Tradução de: “Constructionalization is the creation of form_{new}-meaning_{new} (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually” (Boye e Harder, 2012, p. 35-36 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21-22).

Para os autores, a construcionalização resulta do uso da língua, numa sucessão de ligações novas e múltiplas entre construções e entre construções e esquemas, constituindo-se numa pré-condição para uma série de outras mudanças. Seguindo por esta linha de explicações, microconstruções podem ser criadas de forma gradual ou instantânea. As microconstruções criadas gradualmente tendem a ser procedurais (gramaticais) e as criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo (lexicais). Nesses casos os autores identificam dois tipos de construcionalização: a gramatical e a lexical.

A construcionalização gramatical relaciona-se com a criação de construções que podem ser ou não esquemáticas e tem função procedural na língua, identificadas com categorias gramaticais. Ocorrem por meio de uma série de pequenos passos de mudança de forma e conteúdo.

A construcionalização lexical tem relação com a criação de construções que podem ou não ser esquemáticas, que têm função referencial (de conteúdo) e estão identificadas com categorias lexicais. Podem ocorrer de maneira instantânea ou gradual. De forma instantânea, ocorre pelo recrutamento em um esquema. De forma gradual, por meio de uma série de mudanças construtivas, pelo desenvolvimento de novas microconstruções complexas, de esquemas complexos e de subesquemas, pelo desenvolvimento de microconstruções atômicas a partir de microconstruções complexas etc.

Cezario, Santos e Silva (2015) expõem que a construcionalização gramatical ocorre nas mudanças que formam construções que podem ou não ser esquemáticas, têm papel procedural na língua, relacionadas às funções de ligação de elementos mais gramaticais. A construcionalização lexical ocorre nas mudanças formando construções que podem ou não ser esquemáticas e têm papel referencial ou de conteúdo.

Conforme Silva (2017), as construções lexicais têm como exemplo, a formação das palavras *fixável* e *lavável*, em que um esquema: *verbo transitivo + sufixo ável*, resultando em um adjetivo.

As construções gramaticais, por sua vez, podem ser exemplificadas pelo uso do *diz que* no Português Brasileiro. *Diz que* foi estudado por Casseb-Galvão (2004). Pela teoria da gramaticalização clássica, a autora investigou o uso dessa expressão estabelecendo um *continuum* da abstratização que tem como uso mais concreto *ele diz que*, o predicado matriz que tem como núcleo o verbo dizer flexionado na terceira pessoa do singular, no presente do indicativo, e no polo mais abstratizado o uso do *diz que* como operador de evidencialidade.

1.3.2 A Gramaticalização na Perspectiva Construcional

Os processos de gramaticalização estão no cerne da abordagem sobre as mudanças linguísticas. Traugott e Trousdale (2013) explicam que na literatura dos estudos funcionalistas clássicos, o foco dos processos de gramaticalização são os morfemas individuais, com estrutura tipicamente atômica, e que se estabelece na relação forma e fonte. No modelo construcional, a gramaticalização pode ocorrer em construções atômicas, complexas e nas que apresentam esquemas abstratos.

Traugott (2008) considera que a gramaticalização corresponde a uma mudança básica que promove a reorganização de aspectos sintagmáticos e paradigmáticos da língua. Na gramaticalização clássica, a mudança de um item do léxico para a gramática implicava em perda no significado, na forma ou nas relações sintáticas do item gramaticalizado. Esse processo é identificado como gramaticalização por redução. Outra abordagem da gramaticalização clássica, proposta nos estudos de Himmelmann, (2004) entre outros, trata da gramaticalização por expansão. Esse tipo de gramaticalização é caracterizado por mudanças acionadas pela extensão do campo semântico, pragmático, sintático e colocacional¹⁸, ou seja, pela extensão de usos, de funções e de categorias, por processos metafóricos e metonímicos.

Traugott (2014) reporta-se à proposta de Himmelmann (2004), explicando que a gramaticalização ocorre a partir de três tipos de expansão de contexto:

- i) expansão da classe hospedeira (itens lexicais usados como proposições procedurais são usados com mais e mais “hospedeiros”; por exemplo, como um auxiliar, BE going to passou a ser usado com verbos estáticos como gostar, que são incompatíveis com movimento),
- ii) expansão sintática (as novas formas gramaticais estão disponíveis em mais e mais estruturas sintáticas, por exemplo BE going to passou a ser usado em construções de alçamento, como There is going to be a storm [haverá uma tempestade]), e
- iii) expansão semântico-pragmática (primeiramente o tempo relativo ‘depois’ vinculado pela intenção passou a ser parte da semântica de BE going to, e posteriormente o dêitico futuro baseado na perspectiva do falante foi desenvolvido) (TRAUGOTT, 2014, p.100).

Traugott (2014) postula que a expansão é considerada como resultado da redução, pois, ao ser dessemantizada, uma construção pode ser usada em mais contextos e com mais frequência. Na perspectiva construcional, a gramaticalização por redução e por expansão são

¹⁸ O termo “colocacional” relaciona-se com a ordem dos vocábulos na frase e sua disposição com relação aos outros termos.

compatíveis e estão interligadas, atuando nos processos de mudança linguística. A construcionalização abarca e vai além dos processos de gramaticalização e lexicalização, em dois aspectos.

O primeiro, diz respeito a como forma e significado são considerados. A gramaticalização é pensada fundamentalmente em termos de significado e estrutura conceitual (de forma) e a lexicalização é vista em termos de mudança na forma somente, especialmente na coalescência (de junção, fusão de elementos). Já a perspectiva construcional não apresenta diferentes módulos de gramática, pois a unidade básica da gramática é construção e não são necessárias interfaces específicas. Assim, a forma e o sentido estão imbricados e são equivalentes na estrutura de uma construção. O segundo, é que nos casos de construcionalização, as mudanças não são pensadas em termos de elementos específicos, mas em função dos esquemas abstratos, para os quais podem ser recrutados ou podem servir como fonte.

Na construcionalização, novamente seguindo Traugott e Trousdale (2013), o foco recai sobre a formação de construções da língua e a renovação da estrutura gramatical. Aspectos como a criação de construções esquemáticas e as mudanças de construções que não levam à mudança categorial mais gramatical e podem ocorrer em qualquer nível da língua, que não eram contemplados pela gramaticalização, passam a ser considerados nos processos de mudança. Os autores afirmam que esses aspectos são considerados em decorrência da ampliação da perspectiva de gramática. Na visão construcional, a noção de gramática “refere-se ao sistema de conhecimento linguístico hipotético e inclui não apenas morfossintaxe, semântica e fonologia, mas também pragmática e funções discursivas” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 95)¹⁹.

Nas discussões sobre gramaticalização, Traugott e Trousdale (2013) argumentam acerca da hipótese de unidirecionalidade, ou direcionalidade previsível para gramaticalização, que tem relação com a trajetória de mudança envolvida nesse processo e cuja configuração seria, por exemplo, de o seguinte *cline* de mudanças, conforme proposto por Givón (1979, p. 209): discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero. O reconhecimento de um movimento unidirecional, do mais lexical ao mais gramatical e do mais concreto para o mais abstrato, do menos dependente para o mais dependente é parte fundamental integrante da compreensão da gramaticalização clássica.

Acerca disto, Neves (1997) explica que a unidirecionalidade é uma característica básica do processo de gramaticalização, tendo por princípio ser uma mudança que se dá numa

¹⁹ Tradução de: “refers to the hypothesized linguistic knowledge system and includes not only morphosyntax, semantics, and phonology but also pragmatics, and discourse functions” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 95) .

direção específica, não podendo ser revertida. No reconhecimento da unidirecionalidade, postula-se um *continuum* nas mudanças linguísticas que são “operadas sempre da esquerda para a direita e, nesse caso, de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo, [+concretas], para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo [-concretas]” (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 40).

No âmbito da gramaticalização clássica, as construções lexicais integram o léxico e as construções gramaticais integram a gramática. Mas já se prevê um contínuo entre essas categorias que não são dicotômicas. Na perspectiva da construcionalização, há distinção entre léxico e gramática, pois são considerados como polos extremos de um *continuum* no qual as mudanças transcorrem de forma gradiente. A constituição das construções é analisada a partir da noção de prototipicidade e as distinções entre as construções gramaticais e lexicais são identificadas pela proximidade ou distância do prototípico, sendo possíveis elementos gramaticais e lexicais na constituição de uma mesma construção. Assim, a mudança pode ocorrer em direção ao léxico ou à gramática.

Na visão construcional postulada por Traugott e Trousdale (2013), a direcionalidade está relacionada com a analogização. Modelos analógicos de uso frequente funcionam como um conjunto atrator, como modelos exemplares que se tornam salientes e preferenciais para um grupo de falantes, motivando a mudança e servindo como base para demais construções. Para os autores, a direcionalidade não é constitutiva, mas está relativizada por uma série de fatores vinculados ao uso, implicando, em certos casos, mudanças multidirecionais, consolidando a perspectiva de rede, em que podem ocorrer várias mudanças de *links* e criação de vários nós diferentes, a partir de uma mesma fonte.

No viés construcional, a língua é concebida como um instrumento de interação social, estabelecido em práticas comunicativas em uma comunidade linguística, e as mudanças linguísticas são relacionadas a situações discursivas que são reproduzidas nos contextos de uso em que as construções são utilizadas.

Para Traugott (2014), tanto a produção (pelos falantes) quanto a recepção (pelos ouvintes) é afetada pelo contexto. Discutindo a importância dos contextos na mudança linguística, Traugott (2012) faz um retrospecto de como o contexto é considerado e como sua importância vem sendo ampliada ao longo dos estudos de gramaticalização. A autora argumenta que: i) para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), o significado gramatical se constitui num conjunto de usos que estão, diacronicamente, relacionados com os significados determinados pelo contexto; ii) para König e Vezzosi (2004), existem contextos iniciais que colocam o processo de gramaticalização em movimento e condições devem ser satisfeitas por

esses contextos; iii) para Heine (2002), os contextos de ligação (ponte) são pragmáticos e semânticos e são considerados fatores chaves na mudança morfossintática; iv) para Evans e Wilkins (2000) o "contexto de ponte" contribui para a mudança semântica e define como um contexto no qual dois (ou mais) significados podem ser possíveis, entretanto, apenas um deles é contextualmente implicado.

Traugott (2014) considera os contextos iniciais de gramaticalização em seus aspectos semânticos de opacidade estrutural. Tais contextos são identificados por Diewald (2002) como "contextos críticos". A autora conclui que os contextos "ponte" e "críticos" podem ser identificados como distintos estágios na gramaticalização e define a gramaticalização como o processo que cria a gramática num processo gradual de microetapas.

1.3.3 Contextos e Mudanças

Segundo Oliveira e Rocha (2016), a detecção de mudanças construcionais e de construcionalização depende das relações estabelecidas nos níveis contextuais linguísticos e extralinguísticos. Segundo as autoras, o ambiente textual-discursivo, em seu todo, concorre para as neoanálises distribuída nos efeitos de sentido, nas inferências conceituais ou nos rearranjos estruturais.

As relações e pressões contextuais têm papel fundamental na construcionalização e na mudança construcional. A motivação contextual atua de maneira diferente nas fases pré e pós-construcionalização. Oliveira e Rocha (2016) explicam que nas pré-construcionalizações, o contexto é mais instável, marcado por inferências polissêmicas e processos metonímicos. Essa instabilidade pode persistir no nível das subpartes ou de todo contexto. Na pós-construcionalização, quando uma nova construção é convencionalizada na rede, o contexto se regulariza, se expande e se licencia nas instanciações do esquema consolidado. Na rede, as construções que possuem sentido e forma semelhantes podem ser fatores contextuais importantes que servem de modelos ou atratores analógicos.

Traugott e Trousdale (2013) consideram que o contexto se constitui tanto de condições linguísticas, relativas à sintaxe, à morfologia, à fonologia, à semântica, à inferência pragmática, à modalidade (escrita/falada), quanto de elementos sociolinguísticos e discursivos, de aspectos mais amplos.

Os autores explicam que há três fatores fundamentais relação contexto e construcionalização: o fluxo linear da fala e da escrita (o eixo de combinação, das relações

sintagmáticas e da indexicalidade), no nível da metonimização; as alternativas disponíveis (o eixo de similaridade, escolha, paradigmaticidade e iconicidade); e, as mudanças sistêmicas e mais gerais, que afetam os nós e os *links* da rede no momento do uso linguístico.

Bergs e Diewald (2009) reiteram a importância do contexto no âmbito da mudança linguística e da gramaticalização e ressaltam o impacto dos fatores contextuais nessas mudanças. Os autores apontam para o contexto como *locus* da mudança, e explicam que o contexto inclui fatores como tempo e lugar do enunciado, interlocutores, elementos socioculturais, conhecimento de mundo, no âmbito contextual ou extralinguístico. O contexto, assim, se define como a área de sobreposição entre pragmática e discurso.

Diewald (2006) vincula a noção dos tipos de contextos utilizados nos estudos de gramaticalização com conceitos centrais da gramática de construção e propõe uma análise dos contextos a partir de uma escala de ambientes semântico-sintáticos que instanciam os usos linguísticos e propiciam a mudança na gramática. Para a autora, uma nova função gramatical não surge homogeneamente em todos os usos do item, mas sua origem está relacionada a contextos linguísticos específicos. Assim, propões um modelo que distingue cronologicamente três estágios de mudança, aos quais ela denomina contextos, e que estão associados a determinadas funções gramaticais, conforme demonstrado no quadro a seguir:

ESTÁGIO	CONTEXTO	SIGNIFICADO/FUNÇÃO
I – Pré condições para gramaticalização	Contexto Atípico	Implicatura conversacional
II – Desencadeiamento da gramaticalização	Contexto Crítico	Opacidade múltipla
III – Reorganização e diferenciação	Contexto de isolamento	Polissemia e heterosemia

Quadro 2: Relação entre os estágios de gramaticalização e os contextos segundo DIEWALD (2006)

Diewald (2006) explica que a gramaticalização apresenta, de maneira específica, uma interdependência com os contextos linguísticos, por meio de três etapas sucessivas no desenvolvimento diacrônico de funções gramaticais que estão associadas a três tipos diferentes de contextos.

Essas etapas partem de contextos típicos, reconhecidos como contextos comuns, que são identificados com o ambiente em que os sentidos referenciais e objetivos são predominantes e se referem ao “significado original” de determinada construção antes do processo de mudança. O contexto típico diz respeito à construção fonte que origina outras construções.

Os contextos atípicos são considerados a primeira fase de mudança, e, segundo Diewald (2006), demonstram as condições prévias para a gramaticalização se desenvolver. Nessa fase é possível perceber que ocorre uma expansão inespecífica da distribuição da unidade lexical para outros contextos que ainda não tinham sido utilizados. A construção começa a ser usada em contextos e com um significado que não tinha sido usado antes. A autora explica que nesse contexto o significado “surge como uma implicatura conversacional, ou seja, este significado é contextualmente e pragmaticamente acionado e não explicitamente codificado nos próprios itens linguísticos” (DIEWALD, 2006, p. 4)²⁰.

Os contextos críticos são o segundo estágio da mudança, e, de acordo com Diewald (2006), nesses contextos o processo de gramaticalização é acionado e são constatadas diversas interpretações possíveis para determinada construção linguística, incluindo o significado recém-gramaticalizado. Essa fase é marcada por múltiplas ambiguidades e opacidades estruturais e semânticas, por isso, ser identificado como “contexto crítico”.

Diewald (2002) explica que na primeira fase as novas possibilidades estruturais e semânticas são distribuídas ao longo de diferentes contextos, de maneira independente um do outro. Na segunda fase, os fatores estruturais e semânticos acumulam-se em um contexto específico, crítico.

No contexto de isolamento, o último estágio de mudança, o processo de gramaticalização se consolida e segundo Diewald (2006), o novo significado gramatical, é isolado e diferenciado do antigo significado mais lexical. Nesse contexto, os dois significados são percebidos independentemente um do outro. A separação dos significados da forma lexical e da forma gramaticalizada se dá pelo desenvolvimento de contextos de isolamento. As duas construções terão usos associados a contextos linguísticos diferentes, que favorecem uma construção em detrimento da outra. O processo de gramaticalização está completo, não sendo possível retroagir a um estágio anterior. A nova construção não depende mais de implicatura conversacional. Ela se torna polissêmica e seus usos coocorrem e não mais concorrem com a construção mais lexical.

No quadro a seguir, representamos uma síntese dos contextos expostos e discutidos por Diewald (2002; 2006).

²⁰ Tradução de: “arises as a conversational implicature, i.e. this meaning is contextually and pragmatically triggered and not explicitly encoded in the linguistic items themselves” (DIEWALD, 2006, p. 4).

CONTEXTOS	CARACTERÍSTICAS
TÍPICO	É o contexto normal, identificado com os ambientes em que predominam os sentidos referenciais e mais objetivos. Diz respeito à construção fonte a partir da qual se origina outras construções.
ATÍPICO	É considerado como a primeira fase da mudança, demonstra as condições prévias para a gramaticalização se desenvolver. Nessa fase, a construção começa a ser usada em contextos e com um significado que não tinha sido usado antes e o significado surge como uma implicatura conversacional, é contextualmente e pragmaticamente acionado e não explicitamente codificado nos próprios itens linguísticos
CRÍTICO	Neste contexto, o processo de gramaticalização é acionado e são constatadas diversas interpretações possíveis para determinada construção linguística, incluindo o significado recém gramaticalizado. Esse contexto é marcado por múltiplas ambiguidades e opacidades estruturais e semânticas.
DE ISOLAMENTO	Neste estágio, o processo de gramaticalização é consolidado e as duas formas são diferenciadas e percebidos independentemente um do outro. São duas construções distintas, com usos associados a contextos linguísticos diferentes, que favorecem uma construção em detrimento da outra. O processo de gramaticalização está completo, não é reversível a um estágio anterior, a nova construção não depende mais de implicatura conversacional, pois se torna polissêmica, e seus usos co-ocorrem e não mais concorrem.

Quadro 03: Síntese dos contextos propostos por Diewald (2002; 2006).

Lôbo (2017) explica que os estudos de Diewald (2002; 2006) sobre contextos de mudança, inicialmente, tratavam dos estágios de gramaticalização, contudo com a atualização desta teoria para a abordagem construcional em que há tanto processos de gramaticalização quanto de lexicalização, a autora defende que é possível uma interação entre os tipos de contexto de mudanças linguísticas abordados por Diewald (2002; 2006) e a perspectiva construcional de Traugott e Trousdale (2013) para constituir um corpo de conhecimento que embase os micropassos de mudanças, em análise diacrônica e sincrônica. Considerando que as mesmas forças que atuam nas mudanças linguísticas ao longo do tempo, atuam, de igual modo, nas mudanças em andamento na língua, no presente.

Para exemplificar a análise de mudanças por meio de contextos, como proposto por Diewald (2002; 2006) recorreremos às pesquisas de Lôbo (2017) e Silva (2017).

Lôbo (2017) estudou as mudanças construcionais da microconstrução *pois não*, no PB, por esse viés. Em sua análise, Lôbo (2017, p. 107) apresenta um *cline* dos contextos específicos aplicados a essa microconstrução, da seguinte maneira:

1. No contexto típico, temos uma estrutura oracional complexa (a construção perifrástica modal), em que o “pois” e o “não” têm suas funções prototípicas preservadas, isto é, aparecem atuando como conjunção e advérbio de negação, respectivamente.
2. O primeiro passo de mudança ocorre no contexto atípico, em que percebemos a perda de propriedade categorial da construção “pois” devido à

supressão de sua função sintática como conjunção, marcada por sua mobilidade sintagmática, típica dos elementos intersubjetivos.

3. No contexto crítico, nos deparamos com mais uma mudança construcional, dessa vez, em aspecto relativo à semântica da construção “pois” que deixa sua função conclusiva e passa a assumir função discursivo-pragmática, encabeçando a sentença oracional.

4. Por fim, no contexto isolado, além de ocorrer um processo de chunking entre as construções “pois” e “não”, constatamos que a construção “não” perde sua função semântica de negação e, finalmente amalgamados, assumem funções semântico-pragmáticas diversas no nível interpessoal da comunicação (ironia, ilocução e interjeição interativa), sendo o campo mais produtivo dessas funções o das ilocuições abstratas (admirativa, exortativa, declarativa, admoestativa, interrogativa, marcador de comprometimento) (LÔBO, 2017, p. 107).

Silva (2017), em seu estudo da microconstrução *um belo dia* no PB, também aplica as abordagens Diewald (2002; 2006). Sua análise de *um belo dia* por meio dos contextos específicos, contempla de três critérios: a posição oracional, o valor semântico e a funcionalidade. Baseada nessa análise, ela estabelece um *continuun* das mudanças contextuais.

A autora considera que no contexto típico, o pareamento *um belo dia* pode ocorrer anteposto e posposto ao verbo, uma prerrogativa de sua formação composicional, e tanto em sequências descritivas quanto narrativas. Seu valor semântico tem um sentido concreto, de descrição do dia, completando o sentido de qualquer verbo. Exerce uma função ligando sintagmas, em uma sequência descritiva, como exemplificado no excerto abaixo:

Dizia-se que o crédito ao consumidor ia parar, que o comércio não conseguiria mais vender veículos, eletrodomésticos. Mas a preocupação foi totalmente desfeita. O mercado reagiu melhor do que eu imaginava. O incêndio foi debelado. A sexta feira foi **um belo dia**. (SILVA, 2017, p. 109)

No contexto atípico, afirma que a microconstrução pode ser anteposta e posposta ao verbo, ocorrendo predominantemente em sequências narrativas. Ela atua como um adjunto adverbial, com valor semântico que promove uma ligação tanto com o tempo físico quanto com o tempo narratológico e exerce a função de progressão textual, aparecendo em um período composto, como exemplificado no excerto seguinte:

Era **um belo dia** ensolarado, quando eu estava no muro de minha casa. Derrepente, passou o caminhão do Almir Rangel anunciando que no campo do Mundial, (é um campo que se localiza defronte à minha escola) haveria distribuição de ingressos para ir ao parque VI centenário, é o parque do Almir Rangel (SILVA, 2017, p. 111).

No contexto crítico, por sua vez, a microconstrução aparece anteposta ao verbo, predominantemente encabeça sequências narrativas, funcionando como operador textual e tem valor adverbial referindo-se ao tempo narratológico. Toda a microconstrução (*chunk*) foi neoanalisado e seu sentido não está mais ligado à beleza em si, mas a algo extraordinário, diferente, com uma significação ligada a um fato novo que será revelado na narrativa, vem acompanhado de conjunções adversativas ou de preposição, destacando algo importante da narrativa e geralmente introduz o clímax da história, atuando como operador textual, com função de organizar textualmente os elementos da narrativa. Exemplificado no excerto abaixo:

O marido não deu logo pela coisa, mas começou a estranhar a mulher, a desconfiar dela e a espreitá-la, até que **um belo dia**, seguindo-a na rua sem ser visto, o desgraçado teve a dura certeza de que era traído pela esposa, não mais com o poeta libertino, mas com um artista dramático que muitas vezes lhe arrancara, a ele, sinceras lágrimas de comoção (SILVA, 2017, p. 113).

Os exemplos anteriores demonstram como se constituem os contextos nos processos de mudança e como os usos se relacionam estritamente aos contextos específicos. Os pressupostos da mudança na perspectiva construcional apresentados nesta seção, abrangendo os mecanismos de mudança linguística, os tipos de mudança construcional e a relação entre os contextos e essas mudanças, constituem-se como referenciais da análise dos processos de mudança linguística da microconstrução *quando é fé*.

CAPITULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos a metodologia que orienta nosso estudo, levando em conta o tipo de pesquisa, os *corpora* eleitos, o percurso de seleção, a coleta dos dados e os critérios definidos para análise.

Esta pesquisa se insere nos estudos do “Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF): análise, descrição e ensino”, mais especificamente no projeto “Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo” que objetiva reunir pesquisas descritivas do Português Brasileiro e oferecer subsídios para o ensino e promoção do português, em contexto nacional e internacional. O projeto reúne instituições nacionais e internacionais e pesquisadores que têm seus estudos pautados nas abordagens da LFCU, especialmente, na perspectiva construcional.

O GEF realiza pesquisas na perspectiva funcionalista da linguagem, investigando fenômenos de usos do Português Brasileiro, levando em conta as variedades linguísticas da fala brasileira e desenvolvendo estudos que aplicam princípios funcionalistas ao ensino da língua.

A produção científica é uma das áreas de atuação do GEF. Livros, artigos, teses e dissertações têm sido produzidos como resultado das propostas e da visão desse grupo. Como produções mais recentes, podemos elencar “Um Estudo Pancrônico da Voz Reflexiva em Perspectiva Construcional” de Deborah Magalhães de Barros (2016); “A Microconstrução ‘Pois Não’ no Português Brasileiro” de Célia Márcia Gonçalves Nunes Lôbo (2017); “Um Estudo de *Um Belo Dia* na Perspectiva da Gramática de Construções” de Michele Denise Silva” (2017); “Construções Focalizadoras x que só no Português Brasileiro” de Agameton Ramsés Justino (2018); e “Formação X-eiro: Uma perspectiva construcional no Brasil” de Núbia Teodora Cunha Mateus (2019), em andamento.

2.1 Tipo de Pesquisa

Nossa metodologia é direcionada e sustentada pelos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU e da GC e contempla uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa e de viés sincrônico, baseada em dados reais da língua em uso. Os dados

selecionados para estudo estão inseridos em fragmentos com ocorrências do fenômeno estudado, e são analisados em sua frequência e produtividade, e descritos em seus usos específicos e contextos de mudança, pelo viés construcional.

Na visão construcional, segundo Goldberg (2006), a apreensão das expressões e as mudanças linguísticas ocorrem a partir dos usos reais da língua, portanto, a descrição e a análise desses fenômenos dependem de dados que se constituem desses usos, dados que evidenciem sua implementação e produtividade em contextos específicos.

A apropriação dos postulados teóricos apresentados no capítulo anterior tem por objetivo principal fornecer subsídios para analisarmos os usos e possíveis processos de mudança linguística indiciados na microconstrução *quando é fé*, a fim de descrevê-la, entender sua funcionalidade e seus contextos específicos de uso.

Para tanto, fundamentamo-nos em autores como Bybee (2010; 2015), Tomasello (1998; 2003), Furtado da Cunha (2013), Rios de Oliveira (2012); Croft (2001), Goldberg (1995; 2002), Goldberg e Jackendoff (2004), Traugott e Trousdale (2013), dentre outros. Pautamo-nos, ainda, nas propostas de Diewald (2002; 2006), sobre os contextos de gramaticalização e de Traugott e Trousdale (2013), quanto ao tamanho, especificidade, conceito das construções, seus fatores hierárquicos de esquematicidade, composicionalidade e produtividade e os mecanismos e tipos de mudança construcional.

Essa base teórica direciona nossa análise, e, fundamentados nela, visamos identificar e descrever os usos relacionados à microconstrução *quando é fé*, pelo viés construcional, e analisar as mudanças decorrentes dos processos de construcionalização indiciados em seus usos.

2.2 Percurso para Seleção dos Dados

A motivação que aguçou nosso interesse por estudar a microconstrução *quando é fé* foi constatar, de forma não sistematizada, seu uso na fala de moradores da cidade de Goiânia e em outras regiões do estado de Goiás. Esse uso na fala goiana foi, pois, o ponto de partida para nosso objetivo de investigar o uso de tal microconstrução e, para nortear a investigação, estabelecemos as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) A microconstrução *quando é fé* é característica do vernáculo geral do Português Brasileiro (PB) ou é uso dialetal da fala goiana? No caso da primeira hipótese,

qual o seu grau de implementação nas diferentes variedades do PB, ou seja, no vernáculo geral brasileiro?

- 2) Em quais contextos de uso *quando é fé* ocorre nos dados analisados? Existem outros usos que se relacionam com essa microconstrução?
- 3) Qual a funcionalidade dessa microconstrução em seus contextos de usos?
- 4) Como ela pode ser descrita na perspectiva da Gramática de Construções?
- 5) A microconstrução *quando é fé* resulta de processo de mudança linguística ou é um significado básico? Em caso de mudança, como ela se configura?

Nossa pesquisa emerge e se desenvolve a partir do interesse de entender a origem, a funcionalidade, o grau de implementação e os processos de mudança dessa microconstrução, por meio de uma análise sincrônica dos contextos de uso de *quando é fé* no Português Brasileiro (PB).

Assumimos na pesquisa, nos termos de Bagno (2013), que o PB apresenta uma gramática distinta do Português Europeu (PE). Segundo o autor, os falantes de uma língua fazem a gramática funcionar e, por isso, a gramática do PB apresenta regras de funcionamento que o não existem na gramática do português europeu.

Analisando sociopoliticamente a formação do PB, Bagno afirma que toda língua resulta de um processo de colonização, e, que

o PB apresenta **traços conservadores** – isto é, características do português quinhentista que já desapareceram da língua contemporânea falada em Portugal – e **traços inovadores** – surgidos das forças sociais e dos processos cognitivos que impulsionam as mudanças linguísticas. (BAGNO, 2013, p. 32, grifo do autor)

O autor explica que as reflexões e discussões feitas por linguistas no Brasil em torno da norma padrão da língua, foram suscitadas como resultado de projetos de pesquisa que visavam analisar e descrever a realidade sociolinguística do país. Revelaram uma forte distinção entre o conceito de língua culta tradicional (norma padrão) e as variedades urbanas de prestígio, faladas pelas camadas mais letradas (norma culta). Disso decorreu a constatação de que não se podia “reunir, num termo só, a língua realmente falada pelos cidadãos urbanos mais letrados e o modelo idealizado de ‘língua certa’, efetivamente não falada por ninguém” (BAGNO, 2017, p. 100).

Entendendo as implicações das discussões de Bagno, reiteramos que nossa pesquisa busca descrever e analisar os usos da microconstrução *quando é fé* pela gramática do PB, reconhecendo suas variações, mudanças e especificidades.

O processo de seleção de dados, seguiu o seguinte percurso de investigação:

1. Foram analisados dados do *Corpus* do Português, do *Corpus* Fala Goiana e uma amostra não-sistematizada, organizada para esta pesquisa, com usos de *quando é fé*.

2. Identificamos o uso da microconstrução *quando é fé* por meio de observação não sistematizada da fala goiana (de falantes do município de Goiânia e de outros municípios do estado de Goiás) atuando na organização narrativa, com função de operador textual. A fim de constatarmos a implementação desse uso realizamos uma busca e encontramos ocorrências de *quando é fé*, nesse contexto de uso, no *Corpus* Fala Goiana (FG). Ao realizarmos a busca no *Corpus* do Português (CP), não encontramos ocorrência com esse mesmo uso. Continuamos investigando o uso de *quando é fé* e recorremos à investigação de dados por meio de uma amostra não-sistematizada constituída, especificamente, para esta pesquisa, conforme descrito na seção 2.3.3. Nessa amostra conseguimos encontrar dados que corroboravam esse uso na fala mineira e goiana.

3. Ao investigarmos nos *corpora* na amostra não sistematizada os usos de *quando é fé*, percebemos sua semelhança com o uso de *quando dei fé*, pois apresentavam a mesma funcionalidade. Encontramos apenas duas ocorrências com usos de *quando dei fé* no *Corpus* do Português e não encontramos nenhum dado com *quando dei fé* no Fala Goiana. O que nos pareceu indiciar que o uso de *quando é fé* correspondesse a um uso mais dialetal, nos estados de Minas Gerais e Goiás.

4. Como dispúnhamos de poucas ocorrências na CP, ampliamos as buscas para uma amostra não-sistematizada para investigar dados com uso de *quando dei fé*. Encontramos dois usos distintos e, para fins de análise, selecionamos os dados com esses usos.

2.3 Os *Corpora*

Segundo Sardinha (2004, p. 18), um *corpus* se estabelece a partir de critérios de formação e deve constituir-se por dados de fala reais, por usos da língua em funcionamento, por dados linguísticos naturais, que representem um conjunto de textos autênticos, produzidos por falantes da língua, num processo real de interação verbal e

esses dados é que se constituem matéria-prima para investigação e análise. Os *corpora* eleitos para seleção de dados em nossa pesquisa são:

2.3.1 *Corpus* Fala Goiana

Como o uso da microconstrução *quando é fé* foi observada na fala goiana, nossa primeira busca sistematizada foi no *Corpus* do Projeto Fala Goiana (FG). Essa busca foi realizada com o auxílio da ferramenta de localização do *Adobe Acrobat Reader*, *software global* padrão para visualização, impressão e edição de documentos em *PDF*, disponibilizado pelo sistema operacional *Windows*.

O *Corpus* Fala Goiana foi constituído para fornecer dados para o projeto “O Português Contemporâneo Falado em Goiás – Fala Goiana”, desenvolvido por pesquisadores do Grupo de Estudos Funcionalistas da Faculdade de Letras da UFG. O FG está disponível e pode ser acessado, livremente, pelo *link* <https://gef.letras.ufg.br/p/11948banco-de-dados>, e é composto por entrevistas em situações interativas estimuladas por pesquisadores participantes do projeto.

O FG se constitui como uma importante ferramenta para pesquisa e pesquisadores, que contemplam dados reais de fala, nos estudos dos fenômenos linguísticos e de aspectos da fala goiana. Esse *corpus* é constituído por dados do português falado em Goiás e é composto por amostras de duas comunidades de fala: Goiânia e Cidade de Goiás. O *corpus* é constituído por dados de fala de 21 informantes, sendo nove homens e doze mulheres.

Segundo Barros (2016), na composição do FG, foram utilizados, para a coleta e transcrição dos dados, os postulados sociolinguísticos de Labov, contemplando o perfil social dos informantes e dos tipos de entrevistas.

No processo de seleção dos informantes, foi estabelecido um critério que definia que os participantes deveriam ser nascidos nas cidades de Goiânia ou Goiás, ou ter ido morar numa dessas cidades antes dos dez anos de idade. Os informantes estão subdivididos em três grupos etários: os que têm menos de trinta anos; os que têm entre trinta e cinquenta e cinco anos, e os que estão acima de cinquenta e cinco anos. Foi observada, também, a variedade de gênero, contemplando dados coletados por entrevistas com ambos os gêneros.

O FG é constituído por células integradas de um número mínimo de quatro informantes masculinos e quatro femininos, em cada uma das suas subdivisões etárias. A composição do FG foi estabelecida, a partir da coleta dos dados, por entrevistas orientadas, realizadas em dois períodos distintos.

O primeiro foi realizado na cidade de Goiás, em 2005, e todas as entrevistas foram gravadas e transcritas nesse mesmo ano. O segundo momento ocorreu em 2010 e 2011, na cidade de Goiânia, e os dados foram gravados e transcritos nesse mesmo período.

2.3.2 Corpus do Português

O *corpus* do Português é composto por textos de língua portuguesa, foi criado pelo professor Mark Davies²¹ e por Michael Ferreira²². Está organizado em duas partes distintas: i) um *corpus* original que permite ver as mudanças históricas, assim como as variações de gênero, composto de 57 mil textos produzidos entre os séculos XIV até o século XX; ii) um *corpus* novo que permite verificar as variações dialéticas e constituído por 1 bilhão de palavras. O Corpus do Português possibilita buscas de dados por séculos, por modalidade ou pela língua falada no Brasil e em Portugal, no Português Europeu (PE) e no Português Brasileiro (PB).

O *Corpus* do Português é considerado uma das principais ferramentas para pesquisa de dados de usos reais do Português e pode ser acessado pelo *link* <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>, permitindo ao usuário fazer buscas por séculos, por modalidade, pela língua falada em Portugal ou no Brasil, Português Europeu (PE) ou Português Brasileiro (PB).

2.3.3 Amostra de Dados Não-Sistematizada (ADNS)

A busca por mais dados de uso da microconstrução *quando é fé*, levou-nos à constituição de uma amostra não-sistematizada a partir do programa *Web-BootCat*, uma ferramenta virtual que auxilia na composição de *corpus* eletrônico, exclusivamente de dados da *internet*.

²¹ Professor de Linguística da Universidade Brigham Young, nos Estados Unidos.

²² Pesquisador da Universidade de Georgetown, nos Estado Unidos.

Essa amostra é constituída por ocorrências encontradas nos resultados do site de buscas *Google*. As ocorrências foram selecionadas a partir da busca realizada pelo *Web-BootCat* e disponibilizadas para análise.

O *Web-BootCat* é uma ferramenta especializada do programa *BootCat*, que automatiza o processo de buscas de textos de referência na Web, fornecendo opções a partir de uma palavra e dos colocados²³ que lhes são correspondentes, ou de uma lista de palavras usadas no mesmo contexto.

A coleta e a seleção dos fragmentos dos textos ocorrem por meio de uma consulta automatizada por meio de um mecanismo de busca, a partir da qual o programa disponibiliza uma lista de endereços eletrônicos (*URL*), que são potencialmente relevantes. Essa lista pode ser inspecionada e selecionada pelos usuários, de acordo com a relevância e direcionamento da pesquisa. Nossa busca foi direcionada para o mecanismo de buscas *on line* do *Google*. Os fragmentos selecionados com os dados, listados pelo *BootCat*, foram copiados, organizados e identificados com suas respectivas *URLs*, a fim de disponibilizarmos o contexto mais amplo dos excertos, permitindo que a postagem original seja acessada, de imediato, por meio de seu respectivo *link*.

A amostra de dados não sistematizada é composta por excertos de publicações em jornais eletrônicos, comentários publicados em *blogs* e *sites*, fragmentos de textos literários de *Google Books* e de letras de músicas e excertos de publicações em trabalhos científicos encontrados em repositórios de universidades e de projetos científicos.

2.4 Disposição dos Dados nos Corpora

Encontramos três usos relacionados ao nosso objeto de estudo:

1) O uso de *quando dei fé* como uma oração adverbial temporal, considerado, nesta pesquisa, como o uso menos abstratizado. Dados com esse uso foram identificados somente nos dados da ADNS

2) O uso de *quando dei fé* atuando como operador textual, considerado, nesta pesquisa, como o uso abstratizado, foi identificado no CP e no ADNS. Nenhum dado com esse uso foi encontrado no FG.

²³ Do inglês *collocations*. Termo comumente utilizado na Linguística de *Corpus* para descrever as palavras que estão colocadas no co-texto, a direita ou a esquerda, no ambiente especificado de um nóculo (palavra pesquisada em um *corpus*).

3) O uso da microconstrução *quando é fé*, considerado, nesta pesquisa, como o uso mais abstratizado. Os dados com esse uso foram identificados no FG e na ADNS.

O quadro a seguir apresenta os usos relacionados a microconstrução *quando é fé* e os corpus em que esses usos foram encontrados:

DADOS	CORPUS
<p style="text-align: center;">O uso menos abstratizado</p> <p>Havia pedalado cerca de 2 quilômetros, quando dei fé que esquecera minhas carambolas no freezer do Galego; era preciso retornar para resgatá-las... (ANS)</p>	<p style="text-align: center;">Amostra de Dados Não-sistematizada</p>
<p style="text-align: center;">O uso abstratizado</p> <p>O almoço chegou correndo, a merenda da tarde passou voando... E quando dei fé estava diante da placa crato / recife, viação princesa do agreste. (CP)</p>	<p style="text-align: center;">Corpus do Português Amostra de Dados Não-sistematizada</p>
<p style="text-align: center;">O uso mais abstratizado</p> <p>Um dia eu ía desceno a praça do chafariz eu vô andano quando é fé a muié escorrega caí no mei da grama... e eu comecei a ri e a muié começô a mim... a mim xingá aí eu saí correno (FG)</p>	<p style="text-align: center;">Corpus Fala Goiana Amostra de Dados Não-sistematizada</p>

Quadro 04: Os usos da microconstrução *quando é fé* e os *corpora* em que foram encontrados.

Ressaltamos que uma dificuldade desta pesquisa foi encontrar dados com os usos nos *corpora* disponíveis.

2.5 Os Critérios da Análise

Nossa análise dos usos relacionados à microconstrução *quando é fé* contempla:

- A análise quantitativa dos dados, demonstrando o número de ocorrências de cada uso encontrado nos *corpora*.
- A análise descritiva e funcional dos usos de *quando é fé* em uma perspectiva construcional;
- A análise comparativa da dimensão, esquematicidade, composicionalidade e produtividade de cada uso relacionado à microconstrução *quando é fé*;
- A análise dos processos de mudança linguística, operados pela construcionalização, no e pelos contextos específicos de uso.
- A análise do processo de mudança linguística envolvendo a microconstrução *quando é fé*, baseados na perspectiva da construcionalização de Traugott e

Trousdale (2013) e pela análise dos contextos específicos de uso de Diewald (2002).

Uma vez expostos os procedimentos metodológicos, os *corpora*, o percurso da seleção de dados e a os critérios de análise que norteiam nossa pesquisa, no capítulo seguinte, apresentaremos a análise dos dados.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Considerações Iniciais

Neste capítulo apresentamos a análise da microconstrução *quando é fé* e, para tanto, retomamos os objetivos e as perguntas de pesquisa que norteiam este estudo. O objetivo desta pesquisa é descrever e analisar a microconstrução *quando é fé* no Português Brasileiro Contemporâneo (PBC), visando descrever sua estruturação formal, seus contextos de uso e analisar sua funcionalidade na perspectiva teórica da LFCU e da GC.

Nossa análise tem como parâmetros: a análise descritiva, pelo viés construcional, dos usos relacionados à microconstrução *quando é fé*, tendo por referência o modelo simbólico da Gramática de Construções Radical (GCR) de Croft (2001); a análise comparativa dos usos em seus elementos de arquitetura construcional, de composicionalidade, esquematicidade e produtividade, propostos por Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010); a análise da mudança linguística, tendo como critério os mecanismos e tipos de mudança construcional, baseados em Traugott e Trousdale (2013) e as mudanças por meio dos contextos de usos específicos, propostas por Diewald (2002; 2006).

Desenvolvemos uma investigação a partir da observação não sistematizada do uso da microconstrução *quando é fé* em conversas informais de falantes da cidade de Goiânia e em outras regiões do estado de Goiás. Essa percepção nos levou a investigar o FG, e, nas buscas nesse *corpus*, encontramos as seguintes ocorrências:

(3) um dia eu ia desceno a praça do chafariz eu vô andano **quando é fé** a muié escorrega cai no mei da grama... e eu comecei a ri e a muié começô a mim... a mim xingá aí eu saí correno (FG)

(4) Então levei minha mãe que estava muito doente, naquela água onde a Santa apareceu pra ela jogar um pouco da água no seu corpo para curar a enfermidade que estava sentindo. E ela recebeu o milagre... A partir desse dia a notícia do milagre esparramou pelo povoado, e **quando é fé**, foi alastrando pra toda cidade de Frutal, e depois foi chegando na região. (ADSN)

A microconstrução em destaque nessas ocorrências apresenta valor adverbial, semelhante à locução adverbial *de repente* e atua no encadeamento de eventos ou situações narrados, operando no fluxo textual, na macro-organização narrativa.

Visando ampliar a investigação, realizamos buscas por outras ocorrências de *quando é fé* no CP, mas não encontramos esse uso. Decidimos, então, estender as buscas e produzir uma amostra de dados não-sistematizada (ADNS), como foi descrito no capítulo anterior, a fim de embasar nossa análise. Ressaltamos que os dados com o uso desta microconstrução encontrados nesta amostra, em sua grande maioria, estavam inseridos em textos que foram produzidos e publicados nos estados de Goiás e Minas Gerais, como demonstramos na seção 3.2, o que nos sugere que essa microconstrução apresenta um uso dialetal e regionalizado.

Na busca realizada no CP e na ADNS, encontramos o uso da microconstrução *quando dei fé* que apresentava a mesma funcionalidade de *quando é fé*. Investigamos esse uso no CP e encontramos poucos dados. Recorremos, novamente, ao ADNS encontramos uma quantidade expressiva de ocorrências. Esses dados demonstraram que este uso está mais implementado no PB e apresenta maior frequência em textos produzidos nas regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, conforme demonstramos na seção 3.2. O uso de *quando dei fé* pode ser exemplificado nas ocorrências abaixo:

(5) Eu vinha passando na minha bicicleta e de repente vi um clarão no céu e junto dele um estrondo danado, **quando dei fé**, já tinha caído no chão.

(6) Eu tinha entregado ele a Jesus. Senhor toma conta do meu irmão. **Quando dei fé**, escutei os tiros. Eu disse: tenho certeza que foi Bibi que mataram. Foi dito e feito. (ADNS)

A comparação dos dados nos levou a verificar que *quando é fé* correspondia ao uso de *quando dei fé*, apresentando erosão e perda fônica, como demonstraremos nas seções seguintes.

Ao ampliar as buscas e a investigação dos dados na ADNS, atestamos um uso distinto para a microconstrução *quando dei fé*. Esse uso é demonstrado na ocorrência seguinte:

(7) Airton Nascimento de Oliveira, com 46 anos, conta que começou a fazer as embarcações como uma brincadeira, aos 10 anos. “Vi meu tio fazendo e um dia chamei meu primo, derrubamos uma açacu no machado e fizemos a canoa. **Quando dei fé** que estava pronto meu primeiro trabalho”. (ADNS)

Neste uso, *quando dei fé* é uma oração adverbial temporal que apresenta uma construção com verbo suporte *dei fé* cumprindo a função predicativa, com a acepção de *perceber*, relacionada a atividade cognitiva, como demonstraremos mais adiante.

Encontramos, nos dados, outro uso com a construção com verbo suporte *dar fé*, como podemos ver na ocorrência (8):

(08) Certifico e **dou fé** que retiro feito de pauta, pois devido à greve de os Serventuários da Justiça, o processo não foi encaminhado para a conclusão. (CP)

Neste uso, a construção com verbo suporte *dar fé*, cumpre a função predicativa, entretanto, tem outra acepção. *Dar fé* tem sentido de *dar fé pública*, de atestar veracidade a um documento. Consideramos o uso da construção com verbo suporte *dar fé*, no sentido de *fé pública*, como a forma conceptual de origem e, portanto, como o uso mais concreto dentre os usos relacionados com esta pesquisa. As discussões sobre esse uso serão apresentadas na seção 3.3.1.

Com o objetivo de organizar nossa análise, propomos investigar os usos identificados nos dados num contínuo de abstratização levando em consideração os processos de mudança. Definimos dois parâmetros para definir o processo de abstratização no contínuo:

- No primeiro parâmetro, levamos em conta a funcionalidade que os usos apresentam, considerando os usos mais lexicais como menos abstratizado e os usos com funcionalidade mais procedural, como mais abstratizados.
- No segundo parâmetro, levamos em conta o grau de composicionalidade e integração do construto, considerando como menos abstratizado o uso com menor grau de integração e mais composicional, e como os usos mais abstratizado os construtos com maior grau de integração e menor grau de composicionalidade.

Consideramos que na oração adverbial temporal *quando dei fé*, a construção *dar fé* com a acepção de *perceber* está relacionada à atividade cognitiva, atua na predicação e seleciona a grade argumental. Este uso se mostra mais composicional e menos integrado, sendo, portanto, identificado como o uso menos abstratizado, conforme exemplificado na ocorrência (7).

Como o uso abstratizado, consideramos o uso de *quando dei fé*, atua na macro-organização da narrativa, como operador textual temporal, ainda é composicional, entretanto

mostra maior grau de integração, conforme exemplificado nas ocorrências (5) e (6). Este uso, pelos dados estudados, demonstra estar mais implementado no PB, com ocorrências em textos produzidos nas Regiões Nordeste, Sudeste e Centro-oeste do país, conforme demonstrado na seção 3.2.

Como o uso mais abstratizado, consideramos a microconstrução *quando é fé*, com funcionalidade semelhante ao uso abstratizado, atuando como operador textual temporal. Quando é fé, mostra-se totalmente integrado e não apresenta composicionalidade, conforme exemplificado nas ocorrências (3) e (4). Este uso apresenta amalgamação, erosão e perda fônica como explicaremos mais adiante. Os dados com este uso foram encontrados em textos produzidos na fala goiana e mineira, como demonstrado na seção 3.2.

Ressaltamos que a análise do uso considerado como forma conceptual de origem será apresentada à parte desse contínuo, uma vez que nos interessa os usos que se inserem no contínuo de mudança, proposto nesta pesquisa.

3.2 Análise Quantitativa dos Dados

A análise dos dados nos corpora teve os seguintes resultados: do uso menos abstratizado, encontramos 33 (trinta e três) ocorrências na ADNS e não encontramos ocorrências no CP ou no FG; do uso abstratizado, encontramos 02 (duas) ocorrências no CP, 117 (cento e dezessete) ocorrências na ADNS e nenhuma ocorrência no *corpus* FG; do uso da microconstrução *quando é fé*, identificado como uso mais abstratizado, não encontramos ocorrências no CP, encontramos 40 (quarenta) na ADNS e 10 ocorrências no FG.

Esses resultados estão organizados e representados no quadro abaixo:

USOS	EXEMPLO	CP	ADNS	FG	Total
USO MENOS ABSTRATIZADO	Estava correndo demais, quando dei fé o caminhão já estava virando. Quando caí não vi nada. Quando dei fé que minha criança chorando, eu só a segurei. (ADNS)	Nenhuma ocorrência	33 ocorrências	Nenhuma ocorrência	33
USO ABSTRATIZADO	O almoço chegou correndo, a merenda da tarde passou voltando... e quando dei fé , estava diante da placa Crato / Recife, Viação Princesa do Agreste. (CP)	02 ocorrências	117 ocorrências	Nenhuma ocorrência	119
USO MAIS ABSTRATIZADO	...um dia eu ia descendo a praça do chafariz eu vô andano quando é fé a muié escorrega cai no mei da grama... e eu comecei a ri e a muié começô a mim... a mim xingá aí eu saí correno (FG, 38, M,0)	Nenhuma ocorrência	40 ocorrências	10 ocorrências	50

Quadro 05: Número de ocorrências, por usos, disposto nos *corpora*.

Um dos objetivos desta pesquisa é determinar se uso da microconstrução *quando é fé* está implementado no vernáculo do PB. Visando atender esse objetivo, realizamos um levantamento na ADNS, para identificar o tipo e a localização da publicação dos dados correspondentes aos usos abstratizado e mais abstratizado de *quando é fé*.

Os dados com o uso abstratizado, a microconstrução *quando dei fé*, dentre os 117 (cento e dezessete) dados encontrados, 25 (vinte cinco) correspondiam a fragmentos de textos literários em Google Books, 22 (vinte e dois) foram encontrados em publicações de jornais eletrônicos, 57 (cinquenta e sete) em publicações em sites, redes sociais e blogs, 2 (dois) em fragmentos de letras de músicas e 10 (dez) nas publicações em trabalhos científicos.

Os dados com o uso mais abstratizado, a microconstrução *quando é fé*, dos 40 (quarenta) dados encontrados, 6 (seis) correspondiam a fragmentos de textos literários em Google Books, 12 (doze) foram encontrados em publicações de jornais eletrônicos, 16 (dezesseis) em publicações em sites, redes sociais e blogs, 1 (um) em fragmentos de letras de músicas e 5 (cinco) nas publicações em trabalhos científicos.

No que tange a localização das publicações, os dados do uso abstratizado, na ADNS, foram localizados na Região Norte um total de 11 (onze) dados, sendo: 3 (três) no Amazonas, 2 (dois) no Acre, no Tocantins 2 (dois) e no Pará 4 (quatro) dados. Na Região Centro-Oeste foram encontrados 14 (quatorze) dados, sendo que em Goiás foram encontrados 7 (sete) e no Distrito Federal outros 7 (sete) dados. Na Região Nordeste foram encontrados 60 (sessenta) dados, sendo: 2 (dois) na Bahia; no Ceará 22 (vinte e dois), no Rio Grande do Norte 7 (sete), em Pernambuco 16 (dezesseis), na Paraíba 5 (cinco), em Sergipe 1 (um), no Piauí 2 (dois) e em Alagoas 2 (dois) dados. Na Região Sudeste, foram encontrados 28 (vinte e oito) dados sendo: no estado do Rio de Janeiro 1 (um); em São Paulo 9 (nove) e em Minas Gerais dezoito (18) dados. Na Região Sul, apenas 4 (quatro) dados no estado do Paraná. Está análise é sintetizado no quadro a seguir:

Localização dos dados - uso abstratizado – ADNS	
--	--

Região Norte	
---------------------	--

Acre	02
Amazonas	03
Pará	04
Tocantins	02

Região Centro-oeste	
----------------------------	--

Goiás	07
Distrito Federal	07

Região Nordeste

Alagoas	02
Bahia	02
Ceará	22
Maranhão	03
Paraíba	05
Pernambuco	16
Piauí	02
Rio Grande do Norte	07
Sergipe	01

Região Sudeste

Minas Gerais	18
Rio de Janeiro	01
São Paulo	09

Região Sul

Paraná	04
--------	----

Quadro 06: Localização da publicação dos dados com uso abstratizado, na ADNS.

Dos 40 (quarenta) dados com o uso mais abstratizado encontrados na ADNS, 14 (quatorze) foram encontrados no estado de Goiás, 24 (vinte quatro) no estado de Minas Gerais e apenas 2 (dois) no Rio Grande do Norte, conforme demonstrado no quadro a seguir:

Localização dos dados - uso mais abstratizado – ADNS	
Goiás (Região Centro-Oeste)	14
Minas Gerais (Região Sudeste)	24
Rio Grande do Norte (Região Nordeste)	2

Quadro 07: Localização da publicação dos dados com uso mais abstratizado, na ADNS.

A análise quantitativa nos permitiu identificar como os usos estão implementados no PB. Neste sentido, alguns aspectos são relevantes: i) os dados com uso abstratizado demonstram maior implementação nos estados das regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste; ii) os dados com uso da microconstrução *quando é fé*, que corresponde ao uso mais abstratizado, demonstram, de fato, se tratar de um uso dialetal e mais regionalizado, sendo encontrados eminentemente nos estados de Goiás e Minas Gerais.

Reiteramos a dificuldade de encontrarmos, nos *corpora* disponíveis, dados com esses usos. Levando em conta uma perspectiva de análise sincrônica, consideramos que estamos estudando um fenômeno recente e em processo de implementação no vernáculo geral do PB.

Em níveis percentuais, identificamos que o uso menos abstratizado foi encontrado em 16,3% das ocorrências. O uso abstratizado foi encontrado em 58,9%. O uso mais

abstratizado, a microconstrução *quando é fé*, em 24,8% das ocorrências. Conforme demonstrado no gráfico abaixo:

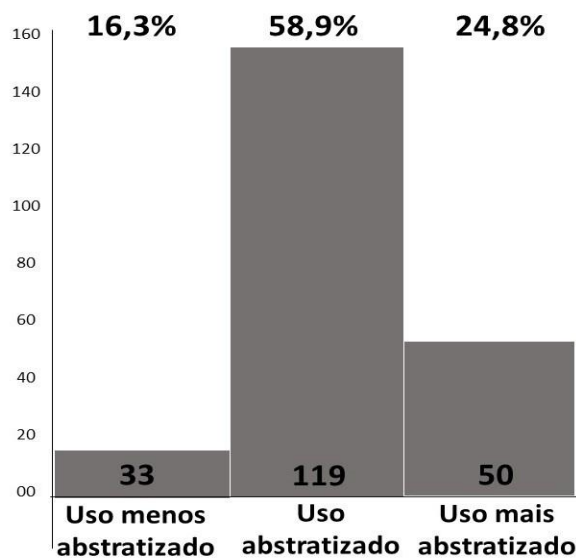


Gráfico 01: Análise comparativa dos usos

3.3. Análise Qualitativa dos Dados

Nessa seção apresentamos a análise dos usos encontrados nos dados. A análise contempla a descrição e funcionalidade de cada uso, baseada no modelo da estrutura simbólica da GCR de Croft (2001), considerando os elementos que compõem as duas interfaces de uma construção: a forma, relacionada aos componentes sintático, morfológico e fonológico; e, o significado, relacionado aos componentes semântico, pragmático e discursivo-funcional.

Na primeira subseção, tratamos da análise da construção com verbo suporte *dar fé*, que consideramos como forma fonte dos processos de construcionalização dos usos relacionados à *quando é fé*. Atentamos, ainda, para o que definimos como base etimológica desses usos. Nas outras subseções analisamos cada um dos três usos identificados nos dados.

3.3.1 A Forma Conceptual de Origem e a Base Etimológica de *Quando é Fé*

Conforme identificamos na seção 3.1, exemplificado na ocorrência (5), *quando dei fé* tem configuração prototípica das orações adverbiais temporais, constituída por uma conjunção temporal *quando* e pela construção com verbo suporte *dar fé*.

A construção com verbo suporte *dar fé*, resulta de processos de abstratização do verbo *dar*. No PB, as construções com verbo suporte têm sido estudadas por Salomão (2008) e Machado Vieira (2014; 2018).

Castilho (2010) explica que as construções com verbo suporte se constituem a partir da forte solidariedade sintática entre tal verbo e um substantivo, operando integradamente como núcleo do sintagma verbal. O sentido do sintagma verbal complexo deriva do conjunto formado pelo verbo-suporte + substantivo, podendo ser substituído por um verbo pleno com a mesma acepção.

O verbo suporte refere-se a um conjunto de usos verbais que funcionam na formação de unidades complexas de predicação, e operam sobre elementos não verbais (substantivos, adjetivos, preposicionais), conferindo-lhes funcionamento similar ao de um verbo pleno, numa estrutura argumental. Segundo Machado Vieira,

ainda que o elemento não-verbal seja o principal responsável pela configuração semântica dessa construção predicante, é a construção com verbo suporte em si que determina o número e a natureza dos papéis participantes, que, por sua vez, se compatibilizarão, no uso, com os papéis argumentais de uma construção gramatical (MACHADO VIEIRA, 2014, p. 103).

Castilho (2010) denomina os verbos suporte como verbalizadores, considerando-os como operadores auxiliares de verbalização de elementos não verbais. Borba (2002i), define-os como os que participam de uma construção complexa como mero suporte de categorias verbais (tempo, modo, número, pessoa), uma vez que o núcleo do predicado está num nome. Para Neves (2000), o verbo suporte possui seu significado lexical parcialmente esvaziado e forma, juntamente com seu complemento (objeto direto), um significado global que, em geral, têm correspondência com o verbo pleno da língua, constituindo uma classe especial de verbos, como (dar, ter, fazer, pôr, tomar). Segundo a autora, “são verbos que entram na construção de predicções em condições particulares, as quais os retiram do estatuto de centro da matriz predicativa” (NEVES, 2006, p. 58-59).

Na investigação da construção *dar fé*, encontramos usos dessa construção em outra forma verbal, como demonstrado na ocorrência (09):

(09) Representante Legal do Instituto do Servidor Municipal, que aceitou a contrafé e ciente do inteiro teor do mandado, exarou sua assinatura no anverso do mesmo. O referido é verdade e **dou fé**. (CP)

Nessa ocorrência encontramos a construção com verbo suporte *dar fé*, no sentido de *dar fé pública*. Podemos notar que a construção predica e tipifica um evento de transferência, para a cena de predicação. Ela exige um sujeito beneficiário, que é imbuído de autoridade que lhe é conferida por uma posição ou ofício e que tem poderes para conferir veracidade e transferi-la para um documento e concedendo-lhe o *status* de legitimidade. Essa veracidade outorgada, muda o estado do documento, conferindo-lhe autenticidade.

Apesar de não encontramos nos dados a sequências [conjunção temporal *quando* + construção com verbo suporte *dar fé* (pública)], consideramos que essa realização seja possível na língua, expressa numa circunstância em que um tabelião ou cartorário afirmasse ter *dado fé* a algum documento.

Esse uso mantém traço significativo de transferência, pois ao *dar fé pública* a um documento, o tabelião lhe concede confiabilidade e veracidade. Assim, o que está registrado no documento recebe veracidade, transferida pela autoridade competente. Este traço de transferência prototípico do verbo *dar*, persiste aos processos de abstratização da construção. Consideramos que a manutenção do traço de transferência torna *dar fé pública* o uso menos abstratizado dentre os demais desta construção encontrados nos dados.

Assim, assumimos que esse uso seja a forma conceptual de origem dos processos de abstratização e o indicador da base etimológica dos usos de *quando dei fé*.

Machado Viera (2014) explica que as construções com verbo suporte decorrem de motivações em padrões de conceptualização. Segundo Croft e Cruse (2004), os processos de conceptualização envolvem a interação entre dois domínios constituídos a partir de regiões de significado. Nesses processos, o conteúdo do domínio-fonte consiste num ingrediente do alvo e se constitui por meio de processos de correspondência e mesclagem. Lakoff e Johnson (1980) explicam que os processos de abstratização metafórica são fenômenos da cognição que envolvem a projeção de correspondências entre domínios cognitivos distintos, um domínio fonte (origem), que é mais concreto e um domínio-alvo, mais abstratizado.

Levando em conta que a construção com verbo suporte *dar fé* no sentido de *dar fé pública* tem traços menos abstratizados que *dar fé* com acepção de *perceber*, uma vez que *dar*

fé pública implica em compartilhar um estatuto de verdade, mantendo o aspecto de transferência e *dar fé* como percepção é subjetivo e implica em algo intrínseco a quem percebe. Assumimos que dar fé pública seja forma fonte conceptual dos processos de abstratização dos usos de *quando dei fé*, em nossos dados. Consideramos também que *dar fé pública* forneça indicação para a base etimológico dos demais usos, mais abstratizados de *quando dei fé*.

As discussões apresentadas a seguir propõem ampliar a compreensão dos aspectos relacionados a construção *dar fé* (no sentido de dar fé pública), a fim de justificar porque a consideramos como forma conceptual de origem e como indicador da base etimológica para os demais usos analisados.

O princípio jurídico da *fé pública*, explica Rezende (1998) em sua obra voltada às atribuições do tabelionato e à atuação dos cartórios, está relacionada em seu sentido etimológico com a *fé*, com a *crença religiosa*. O autor argumenta que a ideia de fé se estabelecia primariamente na convicção dogmática da Igreja, que se considerava detentora do saber irrefutável e absoluto.

A noção de *fé* deparou-se com descobertas da ciência investigativa e teve sua compreensão estendida para conceitos mais amplos e múltiplos. Formas tangentes de fé, numa perspectiva polivalente e plural, ampliaram a compreensão do termo *fé* e removeram seu uso exclusivo do âmbito religioso. Rezende reafirma que:

Apenas como efeito elucidativo e mesmo com tendência à explicação da riqueza do idioma pátrio, todos os glossários ou léxicos, invariavelmente, fornecem conceitos sobre o que seja fé no seu mais exato significado, e não apenas no sentido de algo sobrenatural: crença, convicção, crédito, afirmação, certeza, comprovação, confirmação, prova, confiança, firmeza, testemunho, atenção, asseveração e até mesmo "fidelidade aos compromissos e promessas" (REZENDE, 1998, p. 75).

Rezende (1998) considera que a fé e a crença, filosoficamente, possuem diferentes perspectivas e permitem diversos acessos, admitindo significados que vão do dogmático ao cético. Essa diversidade decorre da convivência e da formação social do homem. Várias maneiras de crença são encontradas: crenças no saber, na religião, no misticismo e, dentre elas, a crença na organização da convivência social estabelecida pelo Estado, como regulamentador do comportamento em sociedade.

A própria existência do Estado, se firma na crença coletiva de que esse sistema pode agir como denominador comum e equalizador para estabelecer condutas das atividades sociais, comerciais, financeiras, entre outras.

As certificações cartoriais estão fundamentadas na prerrogativa de um Estado de Direito Democrático que, de forma múltipla no desenvolvimento das suas atividades de representar o povo, atribui a determinados cidadãos o direito de representação para determinadas tarefas específicas que concorrem para a paz social nos termos Constitucionais. Dentre esses personagens estão o oficial de registro público (registrador), o serventuário, o tabelião, o escrivão, o notário, entre outros.

Rezende (1998) explica que a fé pública é uma instituição jurídico-pública, autorizada pelo Estado. Atribui-se ao notário a condição de conceder garantia da verdade, depositário da *fé pública*, e pode declará-la em determinados atos para isentar certo documento de dúvida ou suspeita. Lança-se mão do entendimento popular de *fé* como *crença inquestionável* para dar autenticidade ao que se dita e escreve, uma vez que o estatuto de verdade não pode ser traído em nenhuma hipótese. Isto significa que o notário é uma autoridade da sociedade e sua declaração garante certeza e autenticidade naquilo que exara.

Segundo Biderman (1998), o termo *fé* deriva do latim *fides* e está associado ao sentido de *dar crédito*, de *autenticidade*. Nascentes (1955) e Cunha (1989) estabelecem que *fides* está associada ao sentido de confiança, que deriva do latim *con fides*, literalmente *com fé*. *Fides* está estabelecida na mesma raiz etimológica da palavra *confiar* e tem seu sentido mais amplo relacionado com *crédito* e *credibilidade*, mais especificamente, *dar crédito*, *conceder credibilidade*. Cabe ao tabelião ou notário a confiança pública para que ele seja imbuído da posição e da autoridade de conceder a determinado documento a credibilidade e a autenticidade.

O sentido de *dar credibilidade*, de *acreditar* ou *dar crédito a* aplicado a *fé*, é corroborado na etimologia grega do termo. Moulton (1977) relaciona a etimologia do termo *fé* à expressão grega *pistis*. *Pistis* tem o sentido estrito de *acreditar*, de *crer em*, ou *estabelecer credibilidade*, *creditar* ou *depositar fé ou confiança em alguém ou alguma coisa*.

Em sua obra de referência *Órgãos da Fé Pública*, Almeida Júnior (1897) apresenta uma análise histórica das raízes originárias do ofício notarial e dos elementos ligados à fé pública nas principais civilizações da humanidade, nos primeiros séculos e nos contextos mais recentes do século passado. Nesse itinerário o autor percorre as culturas hebraica, persa, egípcia, grega e romana, dentre outras, e procura estabelecer como se desenvolveu o conceito e a aplicação do ofício notarial, historicamente, em tais culturas.

O autor argumenta que a realização do direito é um ato de livre-arbítrio, fundamentado na lei moral, no exercício da vontade do indivíduo e que a declaração das palavras era tida como efeito da verdade. O direito se exercitava nos locais públicos e os negócios eram tratados nos meios de convivência social. Os contratos e testamentos eram firmados mediante a boa-fé, testemunhada por particulares, ou realizados nas assembleias populares, nas aglomerações sociais, reunidas em fratrias²⁴ ou tribos, feitos às portas das cidades ou nas praças públicas.

Para Almeida Júnior (1897), o desenvolvimento das relações sociais gerou novos conhecimentos e novas forma de relações comerciais que eram mais complexas e difusas. Segundo esse autor:

a variedade e complicação dos negócios trouxeram à necessidade de uma prova das convenções, menos fugaz do que a palavra falada e menos transitória ou mais segura do que a memória das testemunhas; e, assim, as simples promessas verbais foram substituídas por documentos escritos. Para escrevê-los, surgiram os intermediários, expeditos na arte caligráfica, os quais, a princípio, simples privados, tornaram-se mais tarde funcionários oficiais destinados a dar, em forma solene, aos atos que lavrassem a sanção da fé pública (ALMEIDA JÚNIOR, 1897, p. 08).

Almeida Junior (1897) afirma que, até a metade do século XIII, os notários não possuíam a qualidade de oficiais públicos. O ofício dos notários se confundia com o dos juízes e era necessário que o ministério do magistrado concedesse caráter público ao ato notarial. Entretanto, os juízes, pela multiplicidade dos atos, começaram a delegar as funções notariais aos seus escrevães e chanceleres, que, aos poucos, se tornaram peritos na ciência das formas e acabaram sendo constituídos como uma classe de oficiais públicos separada e independente.

O caráter do ofício notarial sofre uma substancial mudança, deixando de ser uma emanção da autoridade jurídica para tornar-se uma delegação imediata do poder soberano. Os notários passaram a ser delegados diretos do governo, para execução de atos e contratos em que as partes devessem ou quissem imprimir autenticidade concedida pela autoridade pública.

Dentre os pontos relevantes para esta pesquisa quanto à indicação etimológica do conceito de fé pública, destacamos aspectos das culturas hebraica e bizantina que são discutidos nos estudos de Almeida Júnior. No desenvolvimento do conceito de fé pública entre os hebreus,

²⁴ O termo “fratria”, na Grécia Antiga, correspondia a cada uma das três divisões das tribos atenienses e de outras cidades áticas. Estava relacionada com as reuniões de cidadãos gregos para realização das oferendas de sacrifícios aos deuses.

os serviços de escrita e guarda dos registros de contratos e negócios eram considerados sacerdotais e equiparados ao trabalho dos copistas dos textos sagrados, a ser realizado por escribas e doutores da lei.

Harris (1998) afirma que os textos sagrados dos hebreus eram copiados à mão nos pergaminhos e a veracidade, preservação e originalidade das cópias eram sustentadas pelo caráter de fé dos que copiavam, guardavam e interpretavam essas escrituras. Para os hebreus, eles estavam lidando com as palavras da divindade, com os preceitos de YAHWEH. Pesava sobre o escriba a preservação da veracidade, o ofício de ser guardador da fé, da crença inabalável de que o registro era fiel e expressava a verdade dos fatos, mantendo a integridade das porções dos textos sagrados que eram copiados.

A ideia de um ofício de natureza sacerdotal imbuía o escriba de confiabilidade. Ele era o guardador das palavras da fé, tanto dos textos considerados sagrados, quanto dos registros pessoais em cartas, memórias e documentos. A fé pública está intimamente relacionada ao conceito de fé religiosa.

No viés cultural bizantino, segundo Almeida Júnior (1897), os tabeliões deveriam redigir os documentos que deveriam ser lidos na íntegra em locais públicos, na presença das testemunhas. Segundo a Legislação Justiniana, todo instrumento de contrato redigido deveria começar com a invocação do nome de Deus.

Segundo o Códice do Direito Canônico do Vaticano redigido pelo Papa Símaco (481-514) e que teve sua última edição em português publicada no pontificado de João Paulo II, em 1983, “toda invocação do Nome de Deus como testemunha da verdade, não pode se prestar a não ser com a verdade, discernimento e justiça”²⁵.

A ação do tabelião em invocar Deus por testemunha da verdade acerca do que ele estava redigindo nos documentos implicava num ato de fé. O testemunho da veracidade era pautado no juramento pelo nome de Deus. Uma vez jurado por Deus, o que foi redigido precisava ser expressão da verdade. Essa relação entre o registro dos contratos e o testemunho de Deus como verdade, mais tarde passa a ser atribuído ao próprio ofício do tabelionato. Cabe ao tabelião *dar fé da verdade* e da veracidade sob condenação de perjúrio pelo nome de Deus. A punição da Santa Sé para o perjúrio era a excomunhão, que era considerada o pior de todos os castigos, e implicava em heresia, em abandono da fé verdadeira.

Há uma relação estabelecida nos usos dicionarizados que associam a *fé pública* com o termo *fé*. Borba (2002) apresenta o conceito de fé pública como uma das acepções atribuídas ao

²⁵ Original latino: Can. 1199 — § 1. *Iusiurandum, idest invocatio Nominis divini in testem veritatis, praestari nequit, nisi in veritate, in iudicio et in iustitia.*

termo *fé*, descrevendo-o como “o testemunho que se dá verbalmente ou por escrito, e que tem valor e força legal em juízo”.

O dicionário Houaiss (2015), em seu verbete do termo *fé*, considerando o sentido jurídico, igualmente. Em uma das acepções empregadas, define-a como a credibilidade dada a um documento da qual resulta a própria veracidade do documento. O Houaiss apresenta, ainda, no corpo do verbete, uma rubrica jurídica designada como *fé pública*, descrita como o “crédito que deve ser dado aos documentos emanados de autoridade pública em virtude de função exercida, concedendo a lei presunção de que tais documento são verdadeiros” (HOUAISS, 2015).

Dar fé pública tem uma força de representação do estado e de estatuto de verdade divina, por isso semanticamente a sua força denota a origem da expressão no viés jurídico e sacramental. Consideramos que a construção *dar fé* no sentido de *dar fé pública* correspondente à forma conceptual de origem dos outros usos do *dar fé* encontrado nos dados, e reconhecemos que o étimo dos usos com *dar fé* tem no termo *fé* sua base etimológica.

3.3.2 O Uso Menos Abstratizado

O uso encontrado nos dados que consideramos como o uso menos abstratizado no contínuo de mudança, é a oração adverbial temporal *quando dei fé*, que tem a seguinte configuração: [Conjunção Temporal_{quando} + Construção Verbo Suporte_{dar fé}], como visto em (10a):

(10a) **Quando dei fé** que a noite já andava longe, levantei e comecei a preparar o que seria meu jantar: um arroz com lentilhas, bacalhau, cebolas, cúrcuma, louro e cheiro verde fresco, que seria regado com um bom azeite depois de pronto. (ADNS)

A construção com verbo suporte *dar fé*, integrante verbal deste uso, tem as características predicativas dos verbos cognitivos. Como predicadora, seleciona a grade argumental e estabelece o centro lógico-semântico da oração.

A construção *dar fé*, já abstratizada é parafraseável por *perceber*, mantendo, entretanto, a conjunção temporal, como demonstrado em (10b):

(10b) **Quando percebi** que a noite já andava longe, levantei e comecei a preparar o que seria meu jantar: um arroz com lentilhas, bacalhau, cebolas, cúrcuma, louro e cheiro verde fresco, que seria regado com um bom azeite depois de pronto. (ADNS)

Quando dei fé apresenta composicionalidade e aceita interveniência de pronome pessoal entre a conjunção temporal e a construção *dar fé*, na posição de sujeito, como podemos ver na ocorrência em (11):

(11) O navio Rio Guamá passou o verão todinho no seco, na praia. O senhor Carlos ficou o verão todinho dentro do navio vigiando. Aí o Rio Acre encheu um pouco e nós fomos colocar o navio na água, foi **quando nós demos fé** que tinha uma serpente enrolada na hélice do navio. Aí mataram ela com tiros. Era uma sucuri muito grossa, tinha uns quatro metros. (ADSN)

Encontramos ocorrências que apresentavam sintagmas nominais, constituídos de pronomes possessivos e substantivos, na posição de sujeito, como em (12):

(12) ...meu avô achô uma jiboia de 2 m e ela tava no galinheiro e já tinha comido uma galinha. **Quando meu avô deu fé** ele ligo pro meu tio pra pega ela. (ADSN)

O uso menos abstratizado é, prototipicamente, uma oração adverbial temporal. Neves (2000) explica que uma construção temporal é constituída de uma oração nuclear e uma oração temporal e que a análise das construções temporais pode ser representada pela análise das construções iniciadas por *quando*. Como podemos ver na ocorrência (13):

(13) bom como como vocês pode ver no print eu estava de colete sim pois sou membro vip e esqueci de tirar o colete então, **quando dei fé** que estava de colete eu sai da roda para não dominar. Agora esses cara vem agir de má fé. (ADSN)

Para Neves (2000), a ordem relativa das construções temporais influencia na interpretação do efeito de sentido. Decat (2001) mostra que a oração temporal pode, também, exercer funções textual-discursivas. Segundo a autora, essas orações podem atuar como guia (para ao direcionar e guiar o leitor/ouvinte), figura (ao narrar fatos importantes para o desenvolvimento da narrativa), fundo ou moldura (ao circunstanciar temporalmente os eventos da oração nuclear) e como fundo avaliativo do estado-de-coisas que é expresso pela nuclear (ou matriz). A autora explica que essas funções estão diretamente relacionadas à posição que a oração adverbial temporal ocupa em relação à oração matriz.

Na ocorrência (14), a oração temporal *quando dei fé* atua como figura apresentando uma informação nova:

(14) Isto durou catorze anos. **Quando dei fé** da enfermidade lastimosa da minha alma, achei que tinha igualmente os pulmões e o estômago derrancados. (ADNS)

Nas ocorrências (15) e (16) *quando dei fé* atua, como moldura temporal para a oração nuclear:

(15) Estava jantando em casa, um dia bem descansado, **quando dei fé** que chegava cavalo fino selado: "Seu major manda dizer que é já tempo do chamado!" (ADNS)

(16) Ave Maria! Quase morri, **quando dei fé** do dinheiro que estava faltando. Nem aguento mais viver esse tanto - 60 meses. O que eu espero é ficar recebendo o dinheiro normal como vinha recebendo, que eu estou satisfeito. (ADNS)

No aspecto morfológico, a construção apresenta flexão número-pessoal e temporal, como podemos ver em (11), com a construção flexionada na primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, em (12), na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, como em (17)

(17) Você pega a bicicleta, ventinho no rosto, maior sensação de que está liberta, ali na rota da ilha do Recife Velho, **quando dá fé** que o traste do ex, que nunca dera uma pedalada na vida tá do seu lado. (ADSN)

No componente fonológico, o componente verbal *dar fé*, apresenta amalgamação fônica e mostra saliência fônica. Segundo Cunha (2013), a saliência fônica decorre da tentativa do falante de estabelecer a comunicação e organizar o discurso para ser compreendido pelo interlocutor, atingindo seu propósito comunicativo. O falante faz a marcação linguística concedendo relevo ao que considera mais importante.

Dessa forma, certos elementos do discurso são priorizados, recebendo relevância no plano discursivo, sendo marcados como figura. Esse tipo de marcação está relacionado com a

estrutura narrativa. Em uma narrativa, a figura é o alicerce do texto e faz o discurso progredir. Em uma situação discursiva, sempre haverá uma parte embalada com mais evidência que outras.

Na análise do componente semântico, buscamos, como referência, as acepções dicionarizadas para o elemento verbal *dar fé*. Encontramos no Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis, em uma das rubricas do verbete *fé*, as seguintes acepções: a) *assegurar, garantir, testificar*; b) *garantir, por encargo legal, a autenticidade de assinatura*; c) *ter consciência de; constatar, notar, perceber*. No Dicionário Eletrônico Houaiss, no verbete *fé*, na rubrica *dar fé*, encontramos as seguintes acepções: a) termo jurídico - *afirmar como verdade; testificar, dar por fé*; b) termo jurídico - *garantir por encargo legal a autenticidade* (texto, documento, assinatura etc.); *perceber, notar*.

Destas acepções dicionarizadas, duas foram encontradas nesse uso, nos dados. A primeira acepção atribuída à construção *dar fé* é *perceber*, como já exemplificamos em (10a). A segunda acepção tem um sentido de *aperceber-se*, o sentido se conecta com a ideia de *conscientizar-se, tomar consciência de si mesmo*”, como em (18a) e (19a):

(18a) Eu caí aqui devagarinho [sic], já vim devagarinho [sic] vendo o caminhão que estava ali. **Quando eu dei fé** do buraco, não deu para sair. Eu tirei metade do carro, mas metade caiu para dentro [do buraco]. (ADNS)

(19a) Nisso minha cabeça rodou e eu, de quando em vez, sentia que estava descendo para o pé da serra rumo ao rancho da parturiente. **Quando dei fé de mim**, estava subindo a serra e Mãe Neném dizendo: Puxa vida Neiva! Vovô Indú fez o parto com perfeição e eu cortei o umbigo do menino!” (ADNS)

Numa paráfrase, a construção *dar fé* pode ser substituída pelo verbo de percepção, *aperceber-se* ou pela construção *tomar consciência*, também, com a manutenção da conjunção temporal, como podemos demonstrar nas ocorrências a seguir:

(18b) Eu caí aqui devagarinho [sic], já vim devagarinho [sic] vendo o caminhão que estava ali. **quando me apercebi (quando tomei consciência)** do buraco, não deu para sair. Eu tirei metade do carro, mas metade caiu para dentro [do buraco]. (ADNS)

(19b) Nisso minha cabeça rodou e eu, de quando em vez, sentia que estava descendo para o pé da serra rumo ao rancho da parturiente. **Quando me apercebi (quando tomei consciência)** de mim, estava subindo a serra e Mãe Neném dizendo: “Puxa vida Neiva! Vovô Indú fez o parto com perfeição e eu cortei o umbigo do menino! (ADNS)

Notadamente, o centro lógico-semântico da oração é definido pela construção *dar fé*. Ela predica a oração, representa o estado de coisas e seleciona os papéis temáticos e exige argumentos. *Dar fé* não mais implica em transferir ou conceder veracidade e autenticidade, neste uso, semanticamente, alguém percebe (dá fé) alguma coisa. Há uma relação argumental que é estabelecida pela construção *dar fé*.

As construções com verbos suporte, explica Machado Vieira (2018, p. 110), como predicadores complexos podem ser formados, dependendo do verbo suporte, para propiciar a apresentação de um estado de coisas, a partir da perspectiva de um evento do tipo processo, de uma situação ou de um evento do tipo ação. A autora argumenta que uma construção de predicação com verbo suporte pressupõe:

- (i) algum grau de gramaticalização do item verbal que com ela se compatibiliza, (ii) a integração de um elemento verbal (semi) gramaticalizado e outro não-verbal sob alguns atributos configuracionais semânticos e morfossintáticos, independentemente do tipo de verbo (semi) suporte e do elemento não-verbal que se verbaliza por conta daquele e, então, (iii) a gramaticalidade da construção em si, que tem emprego similar ao de um verbo pleno na estruturação de uma predicação verbal de argumentos, tendo a possibilidade de determinar papéis participantes (MACHADO VIEIRA, 2018, p. 110).

Para Neves, “fica evidente um molde morfossintático bem definido (em que os elementos básicos são um verbo leve e um nome abstrato com responsabilidade na determinação dos papéis semânticos dos argumentos), o qual permanece aberto a um preenchimento extremamente variado.” (NEVES, 2006, p 63)

Nas acepções acima, quanto ao estado-de-coisas, a construção *dar fé* representa um estado e seu sujeito é um experienciador. De acordo com Dik (1989, p. 121), o papel temático zero (Zero/Ø) é atribuído a uma entidade envolvida num estado e, por isso, é experienciadora, recebendo a atribuição de Zero_[experienciador], ocorrendo em predicações que representam estado, percepção, sentimentos relacionados à faculdade mental ou sensorial de seres animados.

Nos componentes pragmático e discursivo-funcional, como já vimos, as orações temporais atuam direcionando o leitor/ouvinte para os fatos importantes, de relevo para o desenvolvimento da narrativa e circunstanciando temporalmente os eventos da oração matriz.

Machado Vieira (2014) explica que as construções com verbo suporte se constituem alternativas ao um verbo pleno correspondente e mostram versatilidade morfossintática. O uso de construções com verbo suporte revelam um processo de alteração na seleção dos papéis semânticos e sintáticos dos constituintes do verbo e do sintagma nominal e demonstram a intenção de produzir um efeito discursivo que atenda às necessidades e intenções comunicativas. A opção pelo uso de uma construção com verbo suporte e não por um verbo pleno traz efeitos discursivos e modificações morfossintáticas que atuam na elaboração de novos sentidos.

Neves (2000) considera que a opção por construções com verbo suporte em detrimento de um verbo pleno demonstra a busca dos falantes por determinados sentidos que não são alcançados por esses verbos. Segundo a autora, os efeitos discursivos que são provocados pelas construções com verbos suporte (leves) são relacionados com uma maior versatilidade sintática, com uma maior adequação comunicativa e uma maior precisão semântica.

Para Neves (2006), os processos de gramaticalização refletem a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo. A gramaticalização de construções com verbo suporte demonstram a estreita relação entre as novas estruturas e as demandas discursivas.

O uso de *quando dei fé* demonstra a versatilidade e a busca por novos sentidos por parte dos falantes, com um uso mais informal e mais polissêmico. A construção [advérbio *quando* + construção com verbo suporte *dar fé*], pelo efeito adverbial de tempo, significa ter percepção e introduz uma informação nova.

Considerando-se os critérios estabelecidos por Croft (2001), como modelo de representação da estrutura simbólica de uma construção na visão esquemática proposta pela GCR, o primeiro uso de *quando dei fé* pode ser representado assim:

FORMA	SINTÁTICA	É uma sequência sintática constituída pela [Conjunção Temporal <i>quando</i> + Construção Verbo suporte <i>dar fé</i>]; É uma oração temporal; O elemento verbal, a construção com verbo suporte <i>dar fé</i> , atua na predicação e tem características predicativas dos verbos cognitivos; Apresenta composicionalidade e aceita interveniência de pronomes pessoais (eu, ele, nós e eles) e de sintagmas nominais na função de sujeito entre a conjunção temporal e a construção com verbo suporte.
	MORFOLÓGICA	Apresenta flexão de tempo, número e pessoa.
	FONOLÓGICA	O elemento predicador, a construção com verbo suporte <i>dar fé</i> , apresenta amalgamação fônica e é marcado por saliência fônica.

SIGNIFICADO	SEMÂNTICO	Duas acepções são atribuídas à construção <i>dar fé</i> : <i>perceber</i> e <i>aperceber-se</i> (ou <i>tomar consciência</i>) e determina o centro lógico-semântico da oração; Representa um estado no estado-de-coisas e seleciona um sujeito experienciador.
	PRAGMÁTICO	Atua inserindo uma informação nova; Revela estratégias dos falantes para informalidade e polissemia.
	DISCURSIVO FUNCIONAL	Atua direcionando o leitor/ouvinte para os fatos importantes, de relevo para o desenvolvimento da narrativa e circunstanciando temporalmente os eventos da oração matriz; Evidencia estratégias discursivas no processo de gramaticalização da construção <i>dar fé</i> , buscando adequação comunicativa e precisão semântica.

Quadro 08: O uso menos abstratizado de acordo com o modelo de estrutura simbólica (GCR) de Croft (2001).

Em um viés construcional, Machado Vieira (2014) argumenta que as construções com verbo suporte têm vínculos com estruturas gramaticais típicas e decorrem de motivações em padrões de conceptualização. Essas construções podem ser parcialmente gramaticais e lexicais, apresentam unidades predicantes complexas que podem resultar de processos de gramaticalização ou lexicalização e se mostram multidimensionais e multifatoriais, demonstrando diferentes níveis de esquematicidade e composicionalidade.

Machado Vieira (2014) explica que pesquisas sistemáticas apontam para a semicomposicionalidade da maioria das construções com verbos suporte. Os falantes não precisam aprender todas as combinações de tais verbos e elementos não verbais, entretanto, uma vez que conheçam algumas instâncias de usos dessa construção, são capazes de expandir o emprego para outros usos que lhes pareçam similares, analogicamente criando e ou interpretando novas construções, a partir de um padrão construcional de formação de predicadores complexos que envolvem a operação regular de verbos suportes.

Dar fé, nesse uso, instancia a construção [dar X_{sintagma nominal}] atuando na predicação. Esse padrão é muito produtivo e esquemático no PB. Outros construtos como *dar ciência*, *dar crédito*, *dar confiança* compõem a rede de construções do esquema [Conjunção Temporal_{quando} Construção com Verbo Suporte_{dar X}], como predicador e expressando ação cognitiva.

3.3.2 O Uso Abstratizado

O uso abstratizado de *quando dei fé* tem a seguinte configuração sintática [Conjunção Temporal *quando* + V *dar* + SN *fé*], que apresenta valor adverbial e atua na macro-organização da narrativa, como operador textual, pois incide sobre todo o conteúdo informacional seguinte, mas tem constituição parentética e, por isso, na maioria das vezes, aparece entre vírgulas na escrita ou entre pausas na fala, como vemos em (20a) e (21a):

(20a) Certo dia, estávamos andando de mãos dadas, larguei a sua mão e fui falar com um amigo, **quando dei fé**, ele tinha sumido, logo percebi que ali estava eu, riste, pois sou uma criança e não sei andar sozinho. (ADNS)

(21a) Uma testemunha do homicídio de Miguel Ferreira, milionário assassinado em um bar em Campos Sales, afirmou que o criminoso se aproximou da vítima com objetivo de assassiná-la. "Só ouvi os tiros, **quando dei fé**, o homem estava morto na mesa. E o cara que atirou saiu e ninguém deu notícia para onde esse homem correu. (ADNS)

No componente sintático, demonstra entrincheiramento (*chunking*) na estrutura formal e atua como uma unidade morfossintática.

No componente morfológico, o constituinte verbal aceita flexão número-pessoal e temporal, como visto nas ocorrências (25) e (26):

(25) Miro a codorniz e preparo o cão da espingarda. O dedo no gatilho. **Quando dou fé**, um ninho de cobra quase aos pés. A codorniz bate em retirada e deixa uma chuva de penas. Bichos rastejantes. (ADSN)

(26) Ele desencantou e foi-se embora para o reinado, para esperar por Joana por muitos tempos. **Quando deram fé**, chegou aquele tejuacu nem desencantado e nem todo encantado: ainda faltava um pedaço. (ADSN)

Em (25), flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo e em (26), na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo.

Bybee (2015) explica que na gramaticalização de construções, um substantivo, verbo, advérbio ou elementos de quaisquer categorias podem se tornar constituinte de uma construção gramaticalizada, perdendo seu significado e suas propriedades morfossintáticas à medida em que se torna mais fixo na construção. Nesses casos ocorre uma descategorização.

Os constituintes verbal e adverbial de *quando dei fé* apresentam processo de descategorização, pois estão integrados à estrutura interna da construção.

Consideramos a microconstrução parcialmente esquemática, de acordo com os dados, pois tem possibilidade de flexão em seu constituinte verbal.

No componente fonológico, demonstra amalgamação fônica. Bybee explica que casos *chunking* resultam em reduções fônicas, pois “conforme as sequências de unidade são repetidas, os movimentos articulatórios usados tendem a se reduzir e se sobrepor. Essa generalização se aplica a movimentos articulatórios que contêm palavras, mas também a sequências de palavras” (BYBEE, 2010, p. 37)²⁶. Esse processo de amalgamação e redução pode ser identificado por meio da transcrição fonética de *quando dei fé* - [ˈkɔdɛjɸɛ].

As mudanças no significado sofridas por itens lexicais em construções gramaticalizadas ocorrem por meio do que Bybee (2015) identifica como desbotamento da especificidade do significado. Isso ocorre, porque o sentido é generalizado à medida que componentes específicos do significado se perdem. A autora explica que há uma relação estreita entre os contextos de expansão de uso e a generalização de significados, de tal forma que contextos expandidos levam à generalização, e um significado generalizado leva à expansão de contextos de uso.

O constituinte verbal de *quando dei fé*, no uso abstratizado, ainda apresenta flexão de tempo, número e pessoa, entretanto, nesse contexto de uso, seu valor semântico está desbotado, e não atua na predicação. Esse uso tem o sentido mais abstratizado e metafórico, e se assemelha ao valor adverbial de *de repente*.

Etimologicamente, segundo Nascentes (1955), *de repente* decorre do latim – *o que se arrasta* - indicando um valor adverbial de modo. O que é confirmado por Neves (2000), ao classificar *de repente* como uma locução adverbial de modo. Da mesma forma, Houaiss (2009) descreve o sentido de *de repente* como algo que acontece *de súbito, de forma inesperada*.

Esse uso de *quando dei fé* evidencia algo que *repentinamente* acontece em um dado momento da narrativa, evidenciando esse fato ou situação no encadeamento de outros eventos narrados. Sua noção de temporalidade está relaciona-se com o nível dos eventos narrados e está atrelada a organização da narrativa.

²⁶ Tradução do inglês: In general the bias towards reduction is a result of chunking: as sequences of units are repeated the articulatory gestures used tend to reduce and overlap. This generalization applies to the articulatory gestures that comprise words, but also to sequences of words (BYBEE, 2010, p. 37).

A microconstrução *quando dei fé* pode ser parafraseada por *de repente*, como visto em (20b) e (21b):

(20b) Certo dia, estávamos andando de mãos dadas, larguei a sua mão e fui falar com um amigo, **de repente** ele tinha sumido, logo percebi que ali estava eu, riste, pois sou uma criança e não sei andar sozinho. (ADNS)

(21b) Uma testemunha do homicídio de Miguel Ferreira, milionário assassinado em um bar em Campos Sales, afirmou que o criminoso se aproximou da vítima com objetivo de assassiná-la. "Só ouvi os tiros, **de repente**, o homem estava morto na mesa. E o cara que atirou saiu e ninguém deu notícia para onde esse homem correu. (ADNS)

No componente pragmático, *quando dei fé* se mostra um recurso do falante para evidenciar certo evento ou situação em relação aos outros encadeados na narrativa. A construção atua direcionando a atenção do ouvinte para uma informação nova, relevante e pontual no fluxo narrativo.

Outro aspecto relevante, explicado por Traugott e Dasher (2002), é que os novos sentidos adquiridos num processo analógico por uma construção, diferenciados de um sentido já existente, resultam de um mecanismo de inferência entre falante e ouvinte, pois esse novo sentido é negociado na interação. Consideramos que o uso abstratizado tem sentido convencionalizado, negociado e estabelecido por mecanismos de inferência pragmática.

No componente discursivo funcional, *quando dei fé* auxilia na constituição da intencionalidade discursiva - que está relacionada com as pretensões relacionadas à interação comunicativa ao se produzir um texto. Diz respeito à maneira como o produtor utiliza o texto para conquistar suas intenções e produzir certos efeitos desejados. Koch (2004) explica que, para que uma manifestação linguística se constitua em um texto, deve existir a intenção do emissor de apresentar o texto e dos receptores em aceitá-lo.

Dessa maneira, tanto quem produz como quem interpreta um texto faz isso com alguma intenção. Em sentido amplo, a intencionalidade abrange as maneiras como os emissores utilizam seus textos para realizar intenções comunicativas e a aceitabilidade relaciona-se com a ativa disposição de aceitar e participar de um discurso, compartilhando um propósito comunicativo.

O uso de *quando dei fé* evidencia uma estratégia discursiva do narrador para conduzir o ouvinte a uma expectativa quanto aos eventos ou situações que serão expostos a seguir, e principalmente para apresentar o ponto máximo, mais relevantes dos eventos ou situações

narrados. Este uso atua como operador textual e na macro-organização narrativa, tanto no encadeando de sequências de eventos ou situações dentro do curso narrativo, como podemos ver nas ocorrências (27) e (28), quanto introduzindo o clímax da narrativo (29) e (30):

(27) Ali, **quando dei fé**, ele já tinha de apeado, estava curvado para o chão, mas seguro com a mão esquerda na rédea do seu cavalo. (ADNS)

(28) Eu tava deitada na rede e ela (a filha) almoçando. **Quando dei fé**, foi o tamborete andando sozinho, a rede balançando, as telha tremendo e vindo aquele vulto por debaixo do chão. (ADNS)

(29) Acho que viramos outros copos de qualquer troço juntos, já que acordei estourando de dor de cabeça e topei com o Amaro dormindo ao meu lado. **Quando dei fé**, morávamos juntos. (ADNS)

(30) Eu estava chegando a Floriano e por volta das 5:15h da manhã um gado entrou na pista, cerca de dez animais, tudo correndo e **quando dei fé**, já foi o impacto. O rapaz que vinha logo atrás não deu tempo de desviar, bateu e desceu o aterro. (ADNS)

Em (29) e (30), *quando dei fé*, antecede ao auge de uma sequência de eventos narrados, gerando uma expectativa para algo que acontece *repentinamente*, e que se constitui como clímax de uma sucessão de eventos que ocorrem na narrativa.

Quando dei fé apresenta versatilidade quanto às sequencias narrativas que encadeia ou que introduz como clímax. As sequências posteriores ao uso de *quando dei fé* podem apresentar predicacões que representam ações, eventos, processos ou estados. Como podemos constatar nas ocorrências (31), (32), (33) e (34):

(31) Depois de uma apresentação, **quando dei fé**, ele pegou o dinheiro todo e foi embora. Depois disso, não quis mais conversa", afirma. (ADNS)

(32) Eu estava chegando a Floriano e por volta das 5:15h da manhã um gado entrou na pista, cerca de dez animais, tudo correndo e **quando dei fé**, já foi o impacto. O rapaz que vinha logo atrás não deu tempo de desviar, bateu e desceu o aterro. (ADNS)

(33) Mas, como num cenário de teatro, a aurora surgiu com rapidez. Os objetos mais próximos, ganharam nitidez, os mais distantes, se destacando, delineando-se, os contornos tomando relevo, surgindo diáfanas as cores. E **quando dei fé**, já era dia. (ADNS)

(34) A princípio arredoio, aos poucos tomando gosto, **quando dei fé**, estava comprometido com os mistérios da terra, ainda que pouco conseguisse arrancar das suas entranhas. (ADNS)

Os componentes analisados relacionam-se aos critérios estabelecidos por Croft (2001) no modelo de representação da estrutura simbólica proposta pela GCR, da seguinte maneira:

FORMA	SINTÁTICA	Apresenta a seguinte configuração sintática: [Conjunção Temporal _{quando} + Verbo _{dar} + Sintagma Nominal _{fé}]; Demonstra entrincheiramento (<i>chunking</i>) e se comporta como uma unidade morfossintática;
	MORFOLÓGICA	Apresenta flexão número-pessoal e temporal;
	FONOLÓGICA	Apresenta a constituição de uma unidade fônica; Apresenta amalgamação e perda fônica; É representada pela seguinte transcrição fonética: [ˈkʷɛdɛjɸɛ].
SIGNIFICADO	SEMÂNTICO	Tem o sentido mais abstratizado e metafórico, e se assemelha ao valor adverbial de <i>de repente</i> ; Evidencia algo que repentinamente acontece em um dado momento da narrativa.
	PRAGMÁTICO	Recurso do falante para evidenciar certo fato ou situação em relação aos outros fatos ou situações que são encadeados na narrativa; Direciona a atenção do ouvinte para esse determinado fato ou situação que é uma informação nova.
	DISCURSIVO FUNCIONAL	Apresenta a intencionalidade discursiva de produzir expectativa quanto aos fatos narrados que seguem; Tem funcionalidade de operador textual e atua na macro-organização da narrativa, encadeando sequências de eventos e situações e introduzindo o clímax narrativo.

Quadro 09: O uso abstratizado segundo com o modelo de estrutura simbólica da GCR de Croft (2001).

3.3.3 O Uso Mais Abstratizado

O uso mais abstratizado, encontrado nos *corpora*, corresponde à microconstrução *quando é fé* e tem a seguinte configuração sintática: [Conjunção Temporal _{quando} + Forma Verbal *é* + Sintagma Nominal _{fé}]. Trata-se de uma organização não composicional, que tem valor adverbial semelhante à *de repente* e já não atua na constituição da oração básica, mas tem funcionalidade adjuntiva. Esse uso é o objeto central de nosso estudo, exemplificado nos dados a seguir:

(35a) Eu benzi muita gente ofendido de cobra. Eu aprendi... Com o Sr. Capoeira. Nois tava numa região ele subiu na porteira, no moirão da porteira. Ele subiu de um lado e eu subi de outro prá ele me ensinar. Cê vê como era as coisas. Ele deu um assobio, três assobios... Ficou quieto... **quando é fé...** as cobras vieram de dentro do mato, do pasto... Saindo da fazenda do homem. Aquilo, eu me invoquei com aquilo. Por isso que eu aprendi a benzer rápido. Que eu invoquei com aquilo. Que aquilo era uma realidade. Antes eu duvidava. (ADSN)

(36a) í ontem a tarde veio uma senhora de uma igreja orar por ela, aí eu estava em casa quando ouvi elas orando aí fui ver, **quando é fé** essa senhora me chama disse que ia orar por mim porque eu estava precisando de oração. (ADSN)

No componente morfológico, a microconstrução *quando é fé* tem seus constituintes totalmente entrincheirados e cristalizados, não há nenhuma possibilidade de interveniência ou alternância de seus constituintes.

Mesmo tendo funcionalidade adverbial temporal, *quando é fé* se restringe a uma posição fixa anterior a oração a que se relaciona. Bybee (2015) explica que o enrijecimento na posição oracional é uma característica das mudanças morfossintáticas deflagradas pela gramaticalização de construções.

A microconstrução não aceita variação e não apresenta qualquer tipo de flexão, constituindo-se como uma unidade morfossintática.

No componente fonológico, é importante retomarmos as discussões de Bybee (2015) sobre os aspectos fonológicos que decorrem da gramaticalização de construções. Segundo a autora, casos de *chunking* operam fenômenos de amalgamação fonológica. A autora expõe que a assimilação ocorre quando os movimentos usados para produzir os sons mudam sua

cronometria, podendo se antecipar ou se estender, sobrepondo-se ou perseverando em gestos subsequentes. Essa sobreposição resulta da ressincronização de determinada produção de som que se projeta sobre um som seguinte, causando integração ou redução fônica.

Consideramos que a microconstrução se constitui como uma unidade fônica e apresenta amalgamação de material fônico. Acreditamos que *quando é fé* apresente processo de assimilação, a partir de *quando dei fé*. Entendemos que o gesto²⁷ de som [DO (quando)] que ocorre primeiro no processo de articulação, se estende, é ressincronizado, se sobrepondo ao som subsequente [DEI (quando **dei** fé)], produzindo a assimilação e a redução fônica do gesto, que podemos notar em [DÉ (quandéfé)].

Assim, há uma fusão da consoante dental [d] com o ditongo [ej] tornando-se [ɛ], na sequência sonora [dɛ], que pode ser notado na transcrição fonética de *quando é fé* - ['kɔdɛfɛ].

Por fim, como uma unidade fônica, *quando é fé* (quandéfé) mantém a acentuação tônica marcada no que representa o seu constituinte verbal.

Na interface do significado, no componente semântico, a microconstrução tem as mesmas características de *quando dei fé*, e igualmente apresenta desbotamento semântico e descategorização (já discutidos na seção anterior). *Quando é fé* tem sentido mais abstrato e metafórico, no limite entre tempo e modo, que se semelha a *de repente*, evidenciando algo que *repentinamente* acontece, num dado momento da narrativa e que é evidenciando, no encadeamento de outros eventos ou situações narrativas.

A microconstrução *quando dei fé* pode ser substituída, em uma paráfrase, pela locução adverbial *de repente*, como podemos constatar em (35b) e (36b):

(35b) Eu benzi muita gente ofendido de cobra. Eu aprendi... Com o Sr. Capoeira. Nois tava numa região ele subiu na porteira, no moirão da porteira. Ele subiu de um lado e eu subi de outro prá ele me ensinar. Cê vê como era as coisas. Ele deu um assobio, três assobios... Ficou quieto... **de repente**... As cobras vieram de dentro do mato, do pasto... Saindo da fazenda do homem. Aquilo, eu me invoquei com aquilo. Por isso que eu aprendi a benzer rápido. Que eu invoquei com aquilo. Que aquilo era uma realidade. Antes eu duvidava. (ADSN)

(36b) í ontem a tarde veio uma senhora de uma igreja orar por ela, aí eu estava em casa quando ouvi elas orando aí fui ver, **de repente** essa senhora

²⁷ Lima Jr (2013) explica que os gestos de som ou articulatórios constitui-se como a unidade mínima da fonologia articulatória. O gesto é a unidade dinâmica de uma ação articulatória que os resultados físicos são vistos na movimentação dos articuladores, que pode ser entendido como “uma oscilação abstrata que especifica constrição no trato vocal e induz os movimentos dos articuladores” (ALBANO, 2001, p. 52).

me chama disse que ia orar por mim porque eu estava precisando de oração.
(ADNS)

Não há a manutenção da conjunção temporal, quando parafraseado por *de repente*, pois o valor temporal está convencionalizado na microconstrução.

Neves (2000) considera que a locução adverbial *de repente* tem como acepção *de súbito* e *repentinamente*. Segundo o Houaiss (2009), etimologicamente *repentino* deriva do latim *repentinus* e tem como acepção de algo que é inesperado, que acontece de súbito. Essa ideia de algo que ocorre de subitamente, que irrompe na sequência narrativa, pode ser percebido no uso de *quando é fé*, no limiar entre tempo e modo.

A microconstrução tanto marca o tempo em que algo novo acontece em uma sequência narrativa quanto expressa a forma surpreendente, súbita como esse fato ou situação acontece, inserindo o falante no tempo da narrativa. Os componentes pragmáticos e discursivos da microconstrução *quando é fé* são semelhantes aos já discutidos na análise do segundo uso de *quando dei fé*.

No componente pragmático, igualmente, revela-se como uma estratégia do falante para dar evidência a determinado fato ou situação encadeada numa narrativa e visa direcionar a atenção do ouvinte à inserção de uma informação nova e repentina no fluxo narrativo, descrito na oração subsequente. A microconstrução tem seu sentido negociado e convencionalizado por fatores de inferência pragmática, no processo de interação entre falante e ouvinte.

No componente discursivo funcional, o uso de *quando é fé* evidencia a estratégia discursiva do narrador para conduzir o ouvinte a uma expectativa quanto aos eventos ou situações que serão expostos a seguir, e para apresentar o ponto mais relevante da narrativa. No nível textual, ela atua como operador textual, na macro-organização da narrativa, encadeando sequências de eventos ou situações no curso da narrativa e introduzindo o clímax narrativo. Como pode ser identificado nas ocorrências (37) e (38):

(37) DJ Sílvia chega sacudindo a galera até que a sanfona vem rasgando o ritmo gostoso da quadrilha, que junta uma porção de pares animados, galeando as cadeiras. **Quando é fé**, sobe ao grande palco a dupla Rodrigo & Alexandre, e aí só dá eles, levando o evento em prol da Oasis às alturas! (ADNS)

(38) O monte foi se movimentando, se movimentando e esparsando partículas: eram escaravelhos dourados, muitos. Murilo Carlos pensa em levantar daquele banco e ver o que era mesmo aquilo. Hesitou. Foi ficando entorpecido pela lisérgica cor que estava sendo uma festa para os seus olhos. **Quando é fé**, o

monte se desmanchou e aquelas partículas reluzentes voaram por perto e se apossaram de seu cabelo, ouvidos, nuca, cabeça inteira. (ADNS)

A microconstrução antecede ao ponto alto da narrativa, prepara o ouvinte/leitor para o evento seguinte, e lhe concede relevo dentre os outros eventos narrados. *Quando é fé* antecede o acontecimento que determina uma mudança na sequência de os eventos ou que é o auge em relação aos eventos narrados, atuando, assim, tanto na organização dos eventos narrados, quanto na introdução do clímax narrativo.

Submetemos *quando é fé* aos critérios estabelecidos por Croft (2001), em seu modelo de representação da estrutura simbólica construcional proposta na GRC, o que resultou na seguinte análise descritiva:

FORMA	SINTÁTICA	A microconstrução se constitui pela [Conjunção Temporal <i>quando</i> + Forma Verbal <i>é</i> + Sintagma Nominal <i>fé</i>]; É uma organização não composicional com funcionalidade adjuntiva. microconstrução restringe-se a uma posição fixa anterior a oração a que se relaciona.
	MORFOLÓGICA	A microconstrução tem seus constituintes totalmente entrincheirados e cristalizados. Não apresenta interveniência e flexão; Constitui-se como uma unidade morfossintática.
	FONOLÓGICA	Constitui-se como uma unidade fônica; Apresenta redução de material fônico; Resulta do processo de erosão e amalgamação fônica da microconstrução <i>quando dei fé</i> ; Apresenta a seguinte transcrição fonética: ['kɔdɛfɛ].
SIGNIFICADO	SEMÂNTICO	Apresenta valor adverbial de tempo convencionalizado que é semelhante a <i>de repente</i> ; Evidencia tanto o aspecto temporal de fatos ou situações numa sequência narrativa quanto indica que esses fatos ou situações ocorreram de modo repentino.
	PRAGMÁTICO	Recurso do falante para evidenciar certo fato ou situação em relação aos outros fatos ou situações encadeados em uma narrativa; Direciona e o ouvinte para esse determinado fato ou situação descrito na oração subsequente.
	DISCURSIVO FUNCIONAL	Apresenta característica de intencionalidade discursiva conduzir o ouvinte a uma expectativa quanto aos fatos ou situação que serão expostos a seguir; A microconstrução tem funcionalidade como operador textual, atuando na macro-organização da narrativa, na progressão dos eventos narrados e na introdução do clímax narrativo.

Quadro 10: O uso mais abstratizado de acordo com o modelo de estrutura simbólica da GCR de Croft (2001).

Na próxima seção, vamos prosseguir o estudo dos usos de *quando é fé*, apresentando uma análise comparativa das dimensões, especificidade fonológica e tipo de conceito que apresentam, sua arquitetura e representar a rede construcional de cada uso analisado.

3.4 Análise Construcional-Comparativa dos Usos Relacionados à *Quando é Fé*

3.4.1 Dimensões, Arquitetura, Critérios Analíticos e Rede Construcional

Consideramos que o uso menos abstratizado de *quando dei fé* é complexo, quanto ao seu tamanho; esquemático, em sua especificidade fonológica, pois abre *slots* que podem ser preenchidos por outras variações do subsquema [construção com verbo suporte *dar X*] com função predicadora que expressa ação cognitiva. É uma oração adverbial temporal, uma construção lexical, em relação ao seu conceito, atua na noção de tempo e na predicação respectivamente.

O uso abstratizado, é complexo, em seu tamanho, é intermediária em sua especificidade fonológica, pois seu elemento verbal apresenta flexão temporal, mantendo, assim, características de um sintagma. Quanto ao tipo de conceito, *quando dei fé*, nesse uso, é procedural e tem seu sentido neoanalisado, atua nas relações interfrásticas, exercendo função textual no encadeamento do fluxo da narração e introduzindo o clímax narrativo.

O uso mais abstratizado, que corresponde à microconstrução *quando é fé*, é complexo em seu tamanho; substantiva em sua especificidade fonológica, está totalmente entrincheirada e não abre *slots* ou aceita qualquer tipo de interveniência. A microconstrução é procedural, pois *quando é fé* tem seu sentido neoanalisado e convencionalizado atuando como operador textual, a serviço do fluxo narrativo, encadeando sequências e introduzindo o clímax da narrativa.

O quadro abaixo sintetiza a análise quanto à dimensão construcional dos usos relacionados à microconstrução *quando é fé*:

	USO MENOS ABSTRATIZADO	USO ABSTRATIZADO	USO MAIS ABSTRATIZADO
TAMANHO	Complexo	Complexo	Complexo
ESPECIFICIDADE FONOLÓGICA	Esquemático	Intermediário	Substantivo
CONCEPTUALIZAÇÃO	Lexical	Procedural	Procedural

Quadro 11: Análise comparativa das características das construções segundo Traugott e Trousdale (2013).

Outro critério analítico de Traugott e Trousdale (2013) para as construções trata dos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esses fatores, segundo os autores, relacionam-se com a arquitetura das construções e estão envolvidos com os tipos e as fases relacionadas à construcionalização.

Em linhas gerais, a produtividade de uma construção é gradiente está relacionada com o quanto esta construção tem seus usos estendidos. Quanto mais ela for instanciada em distintos usos, maior será a sua produtividade. Quanto mais esquemática for uma construção, maiores serão as possibilidades de abrir *slot*. Quanto maiores as possibilidades de preenchimentos para esses *slots*, mais abstrata será a construção. Quanto mais abstrata essa construção for, menor será a correspondência entre sua forma e seu significado.

Uma construção é composicional quando seu significado pode ser depreendido a partir do significado de todo e é considerada não composicional se houver desigualdade entre o significado de seus elementos individuais e o significado do todo, isto é, quando não for possível se depreender o significado do todo pela soma das suas partes. Esses fatores são gradientes e entendidos num *continuum*.

A análise dos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade dos usos relacionados a microconstrução *quando é fé* podem ser sintetizados assim:

	USO MENOS ABSTRATIZADO	USO ABSTRATIZADO	USO MAIS ABSTRATIZADO
ESQUEMATIDADE	+ Esquemático	+/- Esquemático	- Esquemático
COMPOSICIONALIDADE	Composicional	Não composicional	Não composicional
PRODUTIVIDADE	+ Produtivo	+/- Produtivo	- Produtivo

Quadro 12: Análise comparativa dos fatores de arquitetura construcional, segundo Traugott e Trousdale (2013).

Consideramos que o uso menos abstratizado é mais esquemático, composicional e mais produtivo. O uso abstratizado é mais ou menos esquemático, não composicional e mais ou menos produtivo, pois está mais implantado nas regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, de acordo com os dados. O uso mais abstratizado é menos esquemático, não composicional, e menos produtivo, um uso mais dialetal, encontrado nos dados de fala e de textos produzidos nos estados de Goiás e Minas Gerais, como já demonstramos.

Como já vimos no aporte teórico, Traugott e Trousdale (2013) concebem a língua como uma rede de construções, uma rede conceitual com nós e *links* entre nós, que representa

a proximidade ou distância entre membros de uma família de construções, agrupamentos que levam em conta as propriedades dessas construções em graus de entrenchamento e de acessibilidade.

Esta rede constitui-se no conhecimento individual e coletivo, numa comunidade de fala. Os nós e os *links* estão ligados por elementos semânticos ou sintáticos, por conhecimentos cognitivos (individuais) e socioculturais (partilhados), que operam isoladamente ou conjuntamente. A rede é dinâmica, novos *links* e nós estão sendo continuamente estabelecidos, se configuram e se organizam por elementos hierárquicos e de herança estabelecidos e relacionados em sistemas cognitivos.

Consideramos assim que o uso menos abstratizado corresponda a oração adverbial temporal [Conjunção Temporal *quando* + Construção com Verbo Suporte *dar fé*]. A construção *dar fé* está inserida no subesquema de predicação com construções com verbo suporte com o verbo *dar* que expressam ação cognitiva. Propomos a seguinte representação para rede construcional relacionada a este primeiro uso:

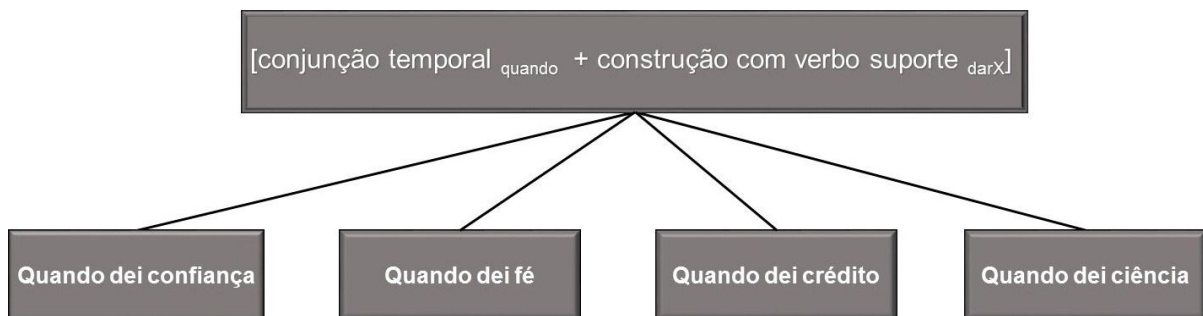


Figura 03: Rede construcional do uso menos abstratizado.

O uso abstratizado é mais ou menos esquemática, não composicional e mais ou menos- produtiva. A construção apresenta interveniências por pronomes pessoais ou sintagmas nominais e o constituinte *dar fé* mantém as flexões de pessoa e número (na primeira e terceira do singular e plural), abrindo *slots* que podem ou não ser preenchidos.

Consideramos que esse uso, conforme as postulações de Traugott e Trousdale (2013), aciona o *mismatch* no processo de mudança linguística. Ele é o uso inovador que atribui à [Conjunção Temporal *quando* + verbo *dar* + Sintagma Nominal *fé*], um uso com significado convencionalizado e com valor adverbial temporal, atuando no nível textual e com função de operador textual.

Pontuamos que o processo de neoanálise resulta da reconfiguração sintática [Conjunção Temporal *quando* + Construção com Verbo Suporte *dar fé*], com sentido amplo de *quando percebi*. *Quando dei fé*, em dado momento, foi reinterpretado recebendo um valor adverbial de *de repente* e tendo alterada suas relações argumentais. Esse valor adverbial indica tanto uma ideia de tempo, quanto de alguma coisa que acontece *repentinamente*, em sequência narrativa.

O novo uso de *quando dei fé* vai sendo imbuído desse sentido convencionalizado, pela repetição e rotinização num grupo de falantes. Como tem função como operador textual, atuando na inserção de informação nova que acontece em um dado momento da narrativa, é usado pelo falante como uma estratégia para introduzir algo que ele considera importante e que se constitui no clímax de uma sequência de eventos ou situações narradas.

O uso mais abstratizado, a microconstrução *quando é fé*, é menos esquemático, não permite qualquer tipo de interveniência e variação e seus constituintes estão totalmente integrados pelo *chunking*. Não é composicional, pois seu significado é inteiramente convencionalizado e tem valor adverbial temporal. Como no uso anterior, *quando é fé* traz a ideia de algo que acontece *repentinamente*, de algo novo e de súbito que acontece na sequência narrativa. A microconstrução demonstra uma estratégia discursiva do narrador para conduzir o ouvinte a uma expectativa quanto aos eventos ou situações que serão expostos a seguir, atuando na progressão textual, na macro-organização da narrativa e atua na introdução de clímax narrativo, funcionando como operador textual.

Os dois usos apresentam funcionalidade muito semelhantes. Firmamos a compreensão de que a microconstrução *quando é fé* resulta de um processo de mudança construcional, decorrente de amalgamação e redução fônica na interface da forma da microconstrução *quando dei fé*.

Os dois usos concorrem quanto à sua função, entretanto, pelos dados, *quando é fé* corresponde ao uso dialetal de *quando dei fé* na fala goiana e mineira.

Silva (2017) em sua pesquisa sobre *um belo dia*, reconhece o uso da microconstrução *quando dei fé*, como integrante da rede de operadores textuais, atuando na organização narrativa.

Reconhecemos que usos de *quando dei fé* e *quando é fé* e *um belo dia* como operadores textuais foram analisados a partir de dados de natureza distinta. Os dados analisados com os usos de *quando dei fé* e *quando é fé* são mais informais que os dados analisados por Silva (2017) nos estudos de *um belo dia*, visto que na ADNS, por exemplo, os

dados com estes usos são compostos por fragmentos de *blogs*, de jornais eletrônicos e porções de texto da literatura regional mineira e goiana. No FG, são dados de fala de informantes das cidades de Goiás e Goiânia.

Consideramos, contudo, que o uso de *quando dei fé* e a microconstrução *quando é fé* se inserem na rede construcional dos operadores textuais, que têm atuação na progressão textual e na macro-organização da narrativa, semelhante à *de repente* e *um belo dia*, em concordância com Silva (2017). A figura a seguir apresenta a concepção da rede construcional dos usos supracitados:



Figura 04: Rede construcional dos usos abstratizado e mais abstratizado.

Apresentada a análise dos usos pelos critérios Traugott e Trosdale (2013) e propostas as redes construcionais e distintos os processos de construcionalização da microconstrução *quando dei fé* e de mudança construcional da microconstrução *quando é fé*, na próxima seção trataremos das mudanças por contextos específicos.

3.4.2 Mudança por Contextos Específicos

Diewald (2002) analisa os processos de gramaticalização de construções relacionando-os com os contextos linguísticos específicos. Para a autora, a mudança por contextos específicos ocorre por meio de três etapas sucessivas no desenvolvimento diacrônico de funções gramaticais e estão associadas a quatro tipos diferentes de contextos.

Os contextos são concebidos num *cline* de etapas que se inicia em ambientes contextuais típicos, estabelecidos nos modos de expressão convencionalizados numa comunidade de falantes. Tornam-se atípicos, quando apresentam ambiguidade e começam a ser reinterpretados a partir de motivações pragmático-discursivas. Passam a contextos críticos, quando, mais que polissêmicos ou reinterpretados semântica e pragmaticamente, são

neoanalisados no nível estrutural e demonstram mudança gramatical. Por fim, têm um novo uso convencionalizado que passa a ser usado entre outros falantes.

Os parâmetros de Diewald (2002) correspondem às mudanças que se mostram e podem ser analisados em contextuais específicos e ocorrem como processos de mudança diacronicamente constatados na língua. Esses contextos passam por processos de implementação e podem ser mais facilmente identificados na língua se analisados ao longo do tempo.

Esta pesquisa tem uma perspectiva sincrônica, pois o objeto deste estudo envolve o processo de mudança linguística e de implementação no PBC. Lôbo (2017), defende que é possível constituir um corpo de conhecimento que se preste para analisar os micropassos de mudanças diacrônica e sincronicamente pela interação entre as mudanças por contextos de Diewald (2002; 2006) e a perspectiva construcional de Traugott e Trousdale (2013).

Consideramos, assim, que os contextos de mudança de Diewald (2002; 2006) em interação com a perspectiva construcional de Traugott e Trousdale (2013) são possíveis de serem aplicados a este estudo, como um corpo teórico para análise das mudanças linguísticas nos usos de *quando é fé*.

Assumimos, então, que os usos relacionados ao processo de construcionalização e mudança construcional da microconstrução *quando é fé* podem ser estudados a partir da mudança por contextos específicos, sendo aplicados da seguinte maneira:

CONTEXTOS DE USOS DE DIEWALD (2002)		
CONTEXTO	USO	EXEMPLOS
Típico	A Forma conceptual de origem <i>Dar fé pública</i>	Certifico e dou fé que o prazo informado no expediente de fls. 124 transcorreu in albis, motivo pelo qual faço conclusos os presentes autos. (ADNS)
Atípico	O uso menos abstratizado <i>A oração adverbial temporal</i> <i>Quando dei fé</i>	Airton Nascimento de Oliveira, com 46 anos, conta que começou a fazer as embarcações como uma brincadeira, aos 10 anos. “Vi meu tio fazendo e um dia chamei meu primo, derrubamos uma açacu no machado e fizemos a canoa. Quando dei fé que estava pronto meu primeiro trabalho”. (ADNS)
Crítico	O uso abstratizado <i>Quando dei fé</i>	Eu não sabia que os neurônios estavam conspirando contra mim. Quando dei fé , os bichinhos já tinham armado toda a confusão. E, o que é pior, dentro de minha preciosa cabecinha. (ADNS)
Isolamento	O uso mais abstratizado <i>Quando é fé</i>	Nisso de ficá andano e conhecono muita gente... sabe cumé, onde tem gente e lugar, aí tem história! Fui ouvino, contano, anotano, quando é fé , já tô , arrumano otra moda. (ADNS)

Quadro 13: Contextos típico, atípico, crítico e de isolamento (DIEWALD, 2002;2006).

O contexto típico é descrito, por Diewald (2006), como contextos comuns, como o ambiente em que os sentidos referenciais e objetivos são predominantes e referem-se ao “significado original” de determinada construção antes do processo de mudança, sendo tida como a construção fonte que origina outras construções. Consideramos o uso da construção *dar fé pública*, da linguagem de especialidade notarial e cartorial, no domínio jurídico, como o contexto típico. Reiteramos que está é a forma conceptual de origem da oração temporal *quando dei fé*. Apesar de não encontrarmos nos dados a construção *quando dei fé* no sentido de *fé pública*, consideramos que seja uma realização possível na língua. Esse uso tem funcionalidade no nível da predicação.

O contexto atípico é descrito, por Diewald (2006), como o contexto que apresenta condições prévias para a gramaticalização se desenvolver, a construção passa a ser utilizada em contextos e com significados que não tinham sido usados antes. A autora explica que nesse contexto o significado surge por uma implicatura conversacional, sendo contextual e pragmaticamente acionado. Consideramos a oração temporal *quando dei fé*, como o contexto atípico. A construção com verbo suporte *dar fé* está inserida no subesquema [conjunção temporal *quando* + construção com verbo suporte *dar X*], em que a construção predica e expressa ação cognitiva. Essa construção é produtiva e amplamente implementada no PBC. A oração temporal *quando dei fé*, atua com valor adverbial de tempo em relação a oração matriz com a qual se relaciona.

O contexto crítico é apresentado por Diewald (2006) como o estágio em que o processo de gramaticalização é acionado e diversas interpretações possíveis são conferidas para uma construção linguística, incluindo o significado recém-gramaticalizado. Essa é uma fase marcada por ambiguidades e opacidades estruturais e semânticas. Consideramos que o uso de *quando dei fé*, identificado como no uso abstratizado, está inserido neste estágio. Neste contexto, *quando dei fé* é uma microconstrução que apesar de aceitar flexão temporal, tem funcionalidade como operador textual, atuando na macro-organização narrativa, identificada como estratégia discursiva do narrador para conduzir o ouvinte a expectativa de um evento ou situação que será apresentado na sequência narrativa.

No contexto de isolamento, que segundo Diewald (2006) corresponde ao último estágio de mudança, o processo de gramaticalização está consolidado, a forma diferenciada tem significado novo, isolado e distinto, associada a usos linguísticos diferentes. Consideramos que a microconstrução *quando é fé* corresponde ao contexto de isolamento e se

diferencia dos demais uso por apresentar maior integração, não ser composicional e se especializar na função de operador textual, atuando na organização narrativa, encadeando sequências e introduzindo clímax narrativo, com valor semântico de *de repente*.

No nível discursivo, apresenta-se como uma estratégia do narrador para conduzir o ouvinte a uma expectativa quanto aos eventos ou situações que serão expostos na sequência narrativa.

A seguir dispomos a análise detalhada dos contextos específicos relacionados aos usos de *quando é fé*, atendo-nos às discussões dos contextos atípico, crítico e de isolamento, pois nosso foco de análise repousa sobre os usos encontrados nos dados que se relacionam com o contínuo de mudança da microconstrução *quando é fé*.

Para a realizarmos um estudo distintivo desses usos e contextos, nos apropriamos dos parâmetros propostos por Diewald (2002; 2006), numa análise integrada dos aspectos semânticos, morfológicos e estruturais. Os usos identificados nesta pesquisa foram investigados por critérios que analisam a posição e função do construto, o tipo de sequência textual mais comum e o valor semântico que lhes é atribuído.

3.4.2.1 O Contexto Atípico

Consideramos o primeiro uso de *quando dei fé* como o contexto atípico, conforme demonstrado na ocorrência (34).

(34) Quem anda por terra alheia, não tem roupa pra vestir. — Dou-te cavalo de sela, e roupa pra te vestir, dinheiro para comeres, escravo pra te servir. — Estava jantando em casa um dia bem descansado, **quando dei fé** que chegava cavalo fino selado: "Seu major manda dizer que é já tempo do chamado!" Quando eu saí de casa logo peguei a encontrar, era homens e mulheres... — "Vai cantar com Rio-Preto? É melhor que não vá la... (ADSN)

Nos critérios que tratam da posição oracional, *quando dei fé* é uma oração adverbial temporal e mantém sempre uma posição anterior à oração matriz com a qual se relaciona.

No critério sequência textual, com relação aos dados selecionado, preferencialmente, está inserida em sequências narrativas.

No critério semântico, duas acepções são atribuídas a construção com verbo suporte *dar fé* (o constituinte verbal da construção): *perceber* e *aperceber*. Como uma oração temporal relaciona-se com a oração matriz com valor adverbial, traz a ideia que algo ou

alguma coisa que não foi *percebida* antes, passa a ser *percebida*, a partir de dado momento. Em alguns dados, o constituinte verbal *dar fé* apresenta uma acepção com valor semântico de *tomar consciência de si mesmo*, como podemos notar nas ocorrências abaixo:

(38) Lá, aos seis anos, seu Luiz pegou a primeira malária: - **Quando dei fé de mim** estava internado na Santa Casa, único hospital da cidade. (ADNS)

(39) Nisso minha cabeça rodou e eu, de quando em vez, sentia que estava descendo para o pé da serra rumo ao rancho da parturiente. **Quando dei fé de mim**, estava subindo a serra e Mãe Neném dizendo: “Puxa vida Neiva! Vovô Indú fez o parto com perfeição e eu cortei o umbigo do menino!” (ADNS)

A análise desses parâmetros pode ser sintetizada no quadro a seguir:

CONTEXTO ATÍPICO	
PARÂMETROS	ANÁLISE
Posição na oração	Apresente posição anterior a oração matriz
Sequência textual	Ocorre preferencialmente em sequências narrativas
Função	É uma oração adverbial temporal, a construção com verbo suporte <i>dar fé</i> tem função predicativa.
Valor semântico	Duas acepções são atribuídas à construção com verbo suporte <i>dar fé</i> : <i>perceber</i> e <i>aperceber</i> . Como uma oração temporal relaciona-se com a oração matriz com valor adverbial. Transmite a ideia de que alguma coisa não tinha sido percebida antes, passou a ser notada, em dado momento.

Quadro 14: Análise do contexto atípico pelos critérios de Diewald (2002).

3.4.2.2 O Contexto Crítico

Consideramos que o uso abstratizado de *quando dei fé*, corresponda ao contexto crítico, conforme proposto por Diewald (2002; 2006), como visto na ocorrência (40):

(40) Disse que sim, uma rezadeira pode utilizar as palavras para, através delas, Deus curar o mal que a cobra pode fazer à criança. “Ela (a tia) tava deitada assim, numa rede na porta da casa dela, **quando dei fé** eu vi aquele negócio. (ADNS)

Quanto ao critério de posição oracional, em todos os dados, *quando dei fé* ocupa a posição parentética em relação oração subsequente com a qual se relaciona, na maioria das vezes separada por vírgula.

No critério sequência textual, *quando dei fé* ocorre nos dados, preferencialmente, em sequências narrativas, atuando na macro-organização narrativa, operando a progressão textual encadeando sequências narrativas.

No critério semântico, *quando dei fé* tem valor temporal e traz o sentido de alguma coisa que acontece *repentinamente*.

Quando dei fé é um operador textual temporal parentético composicional, que cumpre função na organização narrativa, mantendo, entretanto, algumas propriedades oracionais. Este uso demonstra estar num contexto em que o processo de gramaticalização está consolidado e é irreversível. Sua posição oracional, sua funcionalidade textual e seu sentido convencionalizado atestam o processo de mudança e seu uso restrito num contexto específico.

A análise dos critérios aplicado ao segundo uso de *quando dei fé*, pode ser sintetizada no quadro a seguir:

CONTEXTO CRÍTICO	
PARÂMETROS	ANÁLISE
Posição na oração	Atua no nível textual numa posição parentética em relação a oração subsequente, com a qual se relaciona.
Sequência textual	Ocorre em sequências narrativas
Função	Operador textual, atua na organização narrativa
Valor semântico	Tem valor temporal, traz a ideia de algo que acontece em dado momento e ocorre repentinamente.

Quadro 15: Análise do contexto crítico pelos critérios de Diewald (2002).

3.4.2.3 O Contexto de Isolamento

No contexto de isolamento, consideramos o uso mais abstratizado, como em (41):

(41) Ai, ai, ai (risos) separação (...) posso falá isso? largava a muié e ia pra casa, ficava uma semana, quando é fé voltava pra muié e eu tava naquela situação precária e eu falei: “não vou embora!”

A microconstrução *quando é fé*, por sua vez, se mostra mais integrada formando uma unidade fônica e tão entrincheirada que não permite interveniência ou variação, apresenta amalgamação e perda fônica e atua como uma unidade morfossintática e fonológica.

Quando é fé atua no nível textual ocupa uma posição parentética em relação a oração subsequente com a qual se relaciona.

Quanto à função, *quando é fé* tem funcionalidade como operador textual, atua na macro-organização da narrativa, cooperando com a progressão textual e na introdução do clímax narrativo.

No critério que trata da ocorrência em sequências textuais, *quando é fé* nos dados estudados, ocorre sempre em sequências narrativas.

No critério semântico, *quando é fé* tem valor adverbial temporal semelhante a locução adverbial *de repente* e expressa algo que acontece *repentinamente*. A microconstrução mostra ter um sentido convencionalizado e apresenta frequência nos dados dos dialetos goiano e mineiro. Isso nos leva a considerá-la como uma especialização, um uso mais gramaticalizado e mais discursivizado. *Quando é fé* mostra-se mais gramaticalizado porque já não atua na constituição da oração básica, passa a ter função adjuntiva e sua estrutura deixa de ser composicional e mais discursivizado pois cumpre função interpessoal ao acrescentar nuances informativas que interferem na recepção dos eventos narrados.

Pelos critérios analisados acima, podemos considerar que essa microconstrução tem seu processo de gramaticalização consolidado, e demonstra ter seu uso especializado e estabelecido num contexto específico.

A análise dos critérios aplicado a microconstrução *quando é fé*, pode ser sintetizada no quadro a seguir:

CONTEXTO DE ISOLAMENTO	
PARÂMETROS	ANÁLISE
Posição na oração	Atua no nível textual numa posição parentética em relação a oração subsequente, com a qual se relaciona.
Sequência textual	Ocorre em sequências narrativas
Função	Operador textual, atua na organização narrativa e como introdutor de clímax narrativo.
Valor semântico	Valor temporal, traz a ideia de algo que acontece em dado momento e ocorre repentinamente.

Quadro 16: Análise do contexto de isolamento pelos critérios de Diewald (2002).

Disposta a análise das mudanças linguísticas por contextos específicos, nos termos de Diewald (2002; 2006), apresentaremos a seguir uma análise da relação entre a integração e a funcionalidade dos usos da microconstrução *quando é fé*.

3.4.3 A Relação entre a Integração e a Funcionalidade dos Usos

Conforme a análise dos usos relacionado à microconstrução *quando é fé*, percebemos uma relação entre a integração de seus constituintes e os níveis hierárquicos em que sua funcionalidade atua.

Na forma conceptual de origem, a construção com verbo suporte *dar fé pública*, tem função predicativa, com a acepção de *outorgar veracidade* a um documento, expressa um estado-de-coisas que se relaciona a uma situação, que depende de uma posição do sujeito (tabelião), para conferir ao objeto (documento) uma mudança de estado, passando a ser expressão da verdade, e, portanto, atua no ambiente intraoracional, no nível representacional.

No uso menos abstratizado, *quando dei fé* tem a seguinte configuração sintática [Conjunção Temporal *quando* + Construção Verbo Suporte *dar fé*], é composicional e apresenta-se menos integrado. A construção com verbo suporte *dar fé* tem as características predicativas dos verbos cognitivos. Como predicadora, seleciona a grade argumental e estabelece o centro lógico-semântico da oração.

Quando dei fé é uma oração adverbial temporal, portanto modifica a oração matriz com a qual se relaciona e pode atuar no nível textual discursivo, como guia ao direcionar o leitor/ouvinte a certa informação, como figura (narrando fatos importantes para o desenvolvimento da narrativa), fundo ou moldura (circunstanciando temporalmente os eventos da oração nuclear) e como fundo

avaliativo do estado-de-coisas que é expresso pela matriz, portanto, atua s relações interoracionai, no nível interpessoal.

No uso abstratizado, *quando dei fé* tem a seguinte configuração [Conjunção Temporal *quando* + V_{dar} + SN_{fé}]. A microconstrução é composicional, demonstra estar integrada, é mais ou menos esquemática, pois aceita flexão temporal do elemento verbal, tem constituição parentética, apresenta valor adverbial, tem funcionalidade como operador textual, atua na macro-organização da narrativa e na introdução de clímax narrativo, e, portanto, no nível interpessoal.

No uso mais abstratizado, a microconstrução *quando é fé* tem a seguinte configuração sintática A microconstrução tem a seguinte configuração sintática: [Conjunção Temporal *quando* + Forma Verbal *é* + Sintagma Nominal *fé*].

Quando é fé não é composicional, está totalmente integrada, tem valor adverbial convencionalizado semelhante à *de repente* e funcionalidade como operador textual, atuando na macro-organização da narrativa e como introdutor de clímax narrativo, portanto, no nível interpessoal.

Consideramos, então, que quanto maior é a integração e quanto mais entrincheirados estiverem os constituintes construcionais desses usos, maior será o nível hierárquico em que atua sua funcionalidade.

O quadro a seguir sintetiza e demonstra nossa compreensão:

Uso	Descrição funcional	Integração	Nível
A Forma conceptual de origem	Predicador	- integrado	Representacional (intraoracional)
O uso menos abstratizado	Oração adverbial temporal	+/- integrado	Representacional (interoracional)
O uso abstratizado	Operador textual	integrado	Interpessoal (discursivo/textual)
O uso mais abstratizado	Operador textual	+ integrado	Interpessoal (discursivo/textual)

Quadro 17: Análise da relação da integração e do nível hierárquico de funcionalidade dos usos

A abordagem da relação entre a integração, a funcionalidade e os nível hierárquicos dos usos de *quando é fé*, efetivamente, ajuda a esclarecer os diferentes papéis que essa microconstrução desenvolve na organização linguística do PBC e oferece subsídios para se compreender seu processo de mudança linguística.

Dando-se por concluída a análise dos dados, apresentaremos nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa estudou a microconstrução *quando é fé* numa perspectiva construcional, fundamentada na LFCU e GC. As pesquisas funcionais de viés construcional estão baseados em pressupostos que rejeitam a teoria da sintaxe autônoma, concebem que o léxico e a gramática estão integrados, entendem que a semântica e pragmática estão integralizados nos processos de análise linguística, reconhecem a estreita relação entre a estrutura das línguas e o seu uso em contextos reais de comunicação pelos falantes e contemplam a análise linguística a partir de dados constituídos pelos usos efetivos da língua.

Realizamos, para a análise, um levantamento nos *corpora* a fim de selecionarmos dados com usos do *quando é fé*, com um recorte sincrônico.

O desenvolvimento de nosso estudo visou responder às perguntas que nortearam nossas investigações e contemplar os objetivos traçados para esta pesquisa. Assim, nestas considerações finais, vamos retomar cada uma dessas perguntas e respondê-las à luz das considerações, discussões e resultados de nossa análise.

A primeira de nossas perguntas questiona se a microconstrução *quando é fé* é uma característica do vernáculo geral do Português Brasileiro (PB) ou corresponde a um uso dialetal na fala goiana e qual o seu grau de implementação, nas diferentes variedades do PB.

Nossa investigação dos usos de *quando é fé*, teve início a partir da observação não sistematizada da fala goiana (no município de Goiânia e em outros municípios do estado de Goiás). Na investigação dos *corpora* enfrentamos dificuldades para encontrar esse uso. Não encontramos nenhuma ocorrência com esse uso no CP, e nem em consulta a outros *corpora* disponibilizados. Isto nos levou a constituir com o auxílio do programa *WebBootCat*, uma ferramenta virtual que auxilia na composição de uma amostra de dados não-sistematizada (ADSN). Na investigação dessa amostra de dados, constatamos que a maioria absoluta das ocorrências com *quando é fé* foi encontrada em postagens nos estados de Goiás e Minas Gerais.

Consideramos, assim, que a microconstrução *quando é fé* é um uso regionalizado que apresenta frequência nos dialetos goiano e mineiro e não demonstra estar implementado no vernáculo geral do PB.

Nossa segunda pergunta de pesquisa questiona em quais os contextos de uso *quando é fé* ocorre nos dados e se existem outros usos que se relacionam com essa microconstrução.

Encontramos três usos relacionados com a microconstrução *quando é fé* que consideramos num contínuo de mudança. O uso menos abstratizado, a oração temporal *quando*

dei fé. O uso abstratizado, a microconstrução *quando dei fé*, atuando como operador textual. E por fim, o uso mais abstratizado, a microconstrução *quando é fé* que se demonstrou altamente integrada, constituída como uma unidade morfossintática e fonológica, atuando como operador textual. Consideramos, ainda, como um uso possível na língua, *quando dei fé* (no sentido de *fé pública*), que reconhecemos como forma conceptual de origem dos demais usos.

A terceira pergunta de pesquisa trata da funcionalidade dessa microconstrução em seus contextos de usos. Consideramos que os contextos de uso e a funcionalidade estão, diretamente, relacionados. Assim, os usos de *quando é fé* foram analisados nos termos de Diewald (2002; 2006).

Esta análise apontou que o contexto típico de *quando é fé* está estabelecido nos usos da construção com verbo suporte *dar fé pública*, um uso da linguagem de especialidade notarial e cartorial, no domínio jurídico. Esse uso tem funcionalidade na predicação.

O contexto atípico no uso da oração adverbial temporal *quando dei fé*, que se insere no subesquema [conjunção temporal *quando* + construção com verbo suporte *dar fé*] que expressa ação cognitiva. Trata-se de um uso produtivo e amplamente implantado no PBC.

O contexto crítico, *quando dei fé*, identificado nesta pesquisa como uso abstratizado, não tem funcionalidade na predicação, entretanto, é composicional e ainda mantém flexão temporal no elemento verbal. Nesse uso, *quando dei fé* atua como operador textual na macro-organização da narrativa, como operador textual, cooperando com progressão textual e na introdução de clímax narrativo.

O contexto de isolamento, a microconstrução *quando é fé*, mostra-se como uma mudança construcional na interface da forma da microconstrução *quando dei fé*, mais integrada, como uma unidade morfossintática e fonológica, funcionando, também, como operador textual, atuando na macro-organização da narrativa, cooperando com progressão textual e na introdução de clímax narrativo.

Nossa quarta pergunta de pesquisa argui como a microconstrução *quando é fé* pode ser descrita na perspectiva da Gramática de Construções.

A descrição pelo viés construcional, de acordo com o modelo simbólico da GCR de Croft (2001) contempla que uma construção é um pareamento de forma e significado, e que estas interfaces podem ser descritas no aspecto da forma, por componentes sintáticos, morfológicos e fonológicos e no aspecto do significado, por componentes semânticos, pragmáticos e discursivos funcionais.

A microconstrução construção *quando é fé* tem a seguinte configuração sintática: [Conjunção Temporal *quando* + Forma Verbal *é* + Sintagma Nominal *fé*]. Trata-se de uma organização não composicional, que tem valor adverbial semelhante à *de repente*.

No componente morfossintático, a microconstrução tem seus constituintes totalmente entrincheirados e cristalizados, não apresenta nenhuma possibilidade de substituição ou alternância. O construto não aceita variação, ou interveniência de qualquer tipo e não apresenta nenhum tipo de flexão, constituindo-se como uma unidade morfossintática.

No componente fonológico, *quando é fé* se constitui como uma unidade fônica, resultante da amalgamação e perda de material fônico e apresenta processo de assimilação a partir do uso de *quando dei fé*. Consideramos que o gesto de som [DO (**quando**)] que ocorre primeiro no processo de articulação, se estende e é ressincronizado, se sobrepondo ao som subsequente [DEI (**quando dei fé**)], num processo de assimilação resultando na redução fônica do gesto que podemos notar em [DÉ (**quandéfé**)], sendo representado pela seguinte transcrição fonética [ˈkɛdɛfɛ]. Como uma unidade fônica, *quando é fé* mantém a acentuação tônica marcada em seu constituinte predicador.

Quando é fé apresenta desbotamento semântico e descategorização, tem sentido mais abstrato e metafórico, que se assemelha ao valor adverbial de modo *de repente*, evidenciando algo que acontece *repentinamente* em um dado momento da narrativa.

No componente pragmático, a microconstrução é uma estratégia do falante para dar evidência a determinado fato ou situação que são encadeadas numa narrativa ou exposição, visando direcionar a atenção do ouvinte para uma informação nova e repentina no fluxo narrativo. Seu sentido é negociado e convencionalizado por mecanismos de inferência pragmática em processo de interação entre falante e ouvinte.

No componente discursivo funcional, a microconstrução revela a estratégia de intencionalidade discursiva do narrador para conduzir o ouvinte a uma expectativa quanto aos eventos ou situações que serão expostos a seguir, e principalmente para apresentar o ponto máximo, mais relevantes dos eventos ou situações narradas, atuando na macro-organização da narrativa, encadeando sequências e introduzindo o clímax narrativo.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), uma construção pode ser descrita a partir de suas dimensões e arquitetura, bem como, por sua esquematicidade, composicionalidade e produtividade.

A microconstrução *quando é fé* é: i) complexa, quanto ao seu tamanho; ii) substantiva em sua especificidade fonológica, estando totalmente entrincheirada e não

permitindo a abertura de *slots* ou de qualquer tipo de interveniência; iii) quanto ao seu sentido, é procedural.

A microconstrução *quando é fé* é: i) - esquemático, pois não permite qualquer tipo de interveniência e variação e seus constituintes estão totalmente integrados pelo *chunking*; ii) não é composicional, pois seu significado é inteiramente convencionalizado; iii) é – produtiva, corresponde a um uso regionalizado e o que indica que essa microconstrução está em franco processo de implementação.

A quinta pergunta indaga se a microconstrução *quando é fé* resulta de processos de mudança linguística e como essas mudanças se configuram.

Nossa consideração é que nos usos relacionados à *quando é fé* encontramos dois processos de mudança:

i) no uso abstratizado, *quando dei fé*, aciona o *mismatch* no processo de mudança linguística. A sequência sintática [Conjunção temporal *quando* + Verbo *dar* + SN *fé*], é usada de forma inovadora com significado convencionalizado com valor adverbial temporal, atuando como operador textual. Assumimos que o processo de mudança se estabelece a partir da atribuição da acepção *perceber* para a construção *dar fé*, numa reconfiguração da sequência sintática [advérbio *quando* + construção *dar fé*]. Esse sentido convencionalizado é usado atribuindo a *quando dei fé* valor adverbial de tempo, com sentido de *repentinamente*. Esse sentido convencionalizado e rotinizado é usado para dar relevo a uma informação, fato, ou situação que ocorre *repentinamente*, usado como uma estratégia para introduzir algo considerado novo e repentino, funcionando como operador textual, introduzindo o clímax de uma sequência de situações narradas ou expostas. Assim, a construção *quando dei fé* passa por um processo de construcionalização, se estabelecendo como um novo nó na rede construcional dos operadores textuais.

ii) A microconstrução *quando é fé*, por sua vez, apresenta a mesma funcionalidade e as mesmas especificações que *quando dei fé*, na interface do significado, entretanto, mostra diferenças nos componentes da interface da forma. *Quando é fé* demonstra maior integração no processo de *chunking*, não é composicional, apresenta amalgamação e perda de material fônico, comporta-se como uma unidade morfossintática e fonológica. Consideramos que essas mudanças nos componentes da forma indicam que *quando é fé* resulta de uma mudança construcional de *quando dei fé* e, igualmente, se insere na rede construcional dos operadores textuais.

Creemos que nossos objetivos voltados para a investigação dos contextos de uso, para a análise da funcionalidade e para a descrição da microconstrução *quando é fé* na perspectiva teórica da LFCU e da GC, levando em consideração suas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivas funcionais, foram contemplados nas considerações anteriores.

Nossa hipótese central trata de quatro aspectos: i) supõe que a microconstrução *quando é fé* apresenta produtividade no Português Brasileiro; ii) supõe que essa microconstrução tem funcionalidade no nível textual, atua na organização narrativa, iii) supõe que seu uso indicia processos de mudança linguística.

A microconstrução *quando é fé* não está amplamente implantada no vernáculo geral do PB, e corresponde a uso regionalizado, negando o primeiro aspecto desta hipótese. Entretanto, os outros dois aspectos são confirmados, pois a microconstrução tem funcionalidade no nível textual, atua como operador textual, auxilia na macro-organização da narrativa, como introdutor de clímax narrativo e apresenta processo de construcionalização.

Por fim, propomos uma análise considerando as relações entre a integração e a funcionalidade dos usos relacionados à *quando é fé*.

Na forma conceptual de origem, a construção com verbo suporte *dar fé pública*, tem função predicativa, portanto, atua no plano intraoracional, no nível representacional.

No uso menos abstratizado, *quando dei fé*, é composicional e apresenta menos integração, como uma oração adverbial temporal, modifica a oração matriz com a qual se relaciona e pode atuar no nível textual discursivo, como guia para ao direcionar o leitor/ouvinte a certa informação, como figura, como fundo ou moldura e como fundo avaliativo do estado-de-coisas expresso pela matriz, atuando no plano interoracional, no nível interpessoal.

No uso abstratizado, *quando dei fé* é composicional, demonstra estar integrada, é mais ou menos esquemática, apresenta valor adverbial convencionalizado semelhante à *de repente*, tem funcionalidade como operador textual, atua na macro-organização da narrativa e na introdução de clímax narrativo, e, portanto, no nível interpessoal.

No uso mais abstratizado, a microconstrução *quando é fé* não é composicional, está totalmente integrada, tem valor adverbial convencionalizado semelhante à *de repente*, tem funcionalidade como operador textual, atua na macro-organização da narrativa e como introdutor de clímax narrativo, portanto, opera, também, no nível interpessoal.

Constatamos, então, que quanto mais integrada é a construção e maior o entrincheiramento de seus constituintes, em mais elevado nível hierárquico linguístico atua

sua funcionalidade. Entendemos que este aspecto necessita ser estudado de maneira mais específica e ampla.

Esta pesquisa intenta colaborar com outros estudos descritivos que investigam as mudanças linguísticas centradas no uso pelo viés construcional.

Afirmamos que nossa análise, entre muitas outras possibilidades e perspectivas analíticas, pode ser expandida e as investigações sobre os usos da microconstrução *quando é fé* podem contemplar aspectos não abordados nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, E. C. **O Gesto e Suas Bordas**: Esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- ALMEIDA JUNIOR, João Mendes. Orgams da Fé Pública. Tabelliães ou notários. Escrivães e officiaes do juizo. Registradores. **Archivistas. Revista da Faculdade de Direito de São Paulo**, v. 5, p. 7-114, 1897.
- ALONSO, Karen Sampaio B; CEZARIO, Maria Maura. A Dimensão do Uso na Gramática de Construções. In: RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. da C. do. (orgs). **Linguística Centrada no Uso**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 63 – 73.
- BAGNO, Marcos. **Gramática de Bolso do Português Brasileiro**. Parábola Editorial: São Paulo, 2013.
- _____. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. Parábola: São Paulo, 2017.
- BAGNO, M; CASSEB-GALVÃO, V.C. Mudança Linguística. In: BAGNO, M; CASSEB-GALVÃO, V.C; REZENDE, T. F. (orgs). **Dinâmicas Funcionais da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola, 2017. p. 9-33.
- BARLOW, M., KEMMER, S. (Org.). **Usage Based Models of Language**. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.
- BARROS, D. M. **Um Estudo Pancrônico da Voz Reflexiva em Perspectiva Construcional**. 2016. 175 f. Tese de Doutorado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BERGS, A; DIEWALD, G. (eds.). **Constructions and Language Change**. Mouton de Gruyter: Berlin, 2009.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário Didático de Português**. Ática: São Paulo, 1998.
- BORBA, Francisco S. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. Ática, São Paulo, 2002.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, Joan. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge University Press: New York, 2010.
- BYBEE, Joan. **Language Change**. Cambridge Press: Cambridge. 2105.
- BYBEE, J. & BECKNER, C. Usage-Based Theory. In HEINE, B; NARROG, H. (Eds). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford University Press, 2015. p. 827-855. Disponível: <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199677078.001.0001/oxfordhb-9780199677078-e-32>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- BYBEE, J.& HOPPER, Paul. **Frequency and Emergence of Linguistic Structure**. John Benjamins Publishing Co; Filadélfia, 2001.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. **The Evolution of Grammar: Tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Línguas de Ritmo Silábico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, vol. 20, nº , jul.dez, 2012, p. 23-58, 2012. Disponível em: www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2743/2698. Acesso em: 10 jan. 2018

CASSEB-GALVÃO.V.C.; LIMA-HERNANDES, M. C. “Mettáforas” para Martelotta. In:_____ CEZÁRIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M. A.(orgs). **Linguística centrada no uso**: Uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. Gramática: Uma perspectiva sociocognitiva. In: CHIAVEGATTO, Valéria Coelho (Org.). **Pistas e Travessias II**. Bases para o estudo da gramática, da cognição e da interação. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. pp. 131-212.

CÓRDULA, Maíra Sueco Maegava. **Entoação e sentidos**: análise fonético-fonológica dos padrões entoacionais do português brasileiro e do inglês norte-americano no filme Shrek (2001). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. Disponível em: Coleção PROPG Digital (UNESP) - <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/109294>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CORPUS FALA GOIANA. Disponível em: <https://gef.letras.ufg.br/p/11948banco-de-dados>, Acesso em 20 mar. 2017.

CORPUS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, Acesso em 12 mar. 2017.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar**. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, USA, 2001.

_____. *Typology and Universals*, 2ª ed. Cambridge University Press: Cambridge, 2003.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro. 1989.

DA CUNHA, Maria Angélica Furtado. Polissemia Construcional e Convencionalização: O caso da construção ditransitiva. **Revista do GEL**, v. 10, n. 2, p. 77-99, 2012. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/rg/article/view/22/169>. Acesso em: 15 mar. 2018.

DE BARROS RIBEIRO, Maria Eurydice. Verdade e Fé: As linguagens da catedral nos séculos XII-XIII. **Revista Estética e Semiótica**, v. 7, n. 2, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/28312/19882>. Acesso em 13 jan. 2018.

DECAT, M. B. N. A Articulação Hipotática Adverbial no Português em Uso. In: DECAT, Maria Beatriz Nascimento et al (orgs.). **Aspectos da Gramática do Português**: Uma abordagem funcionalista. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2001.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I. DIEWALD, G. (eds.). **New Reflections on Grammaticalization**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

_____. Context Types in Grammaticalization as Constructions. **Constructions**. v. 1, n. 9, 2006. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/elanguage/constructions/article/download/24/24-82-1-PB.pdf> . Acesso em: 10 jan. 2018.

- DIK, Simon C. **The theory of functional Grammar**. Dordrecht-Holland/Providence RI – Foris Publications: USA, 1989.
- EVANS, Nicholas; WILKINS, David Wilkins. **In the Mind's Ear**: The semantic extensions of perception verbs in Australian languages. *Language*: 2000, p. 546–592.
- FAUCONIER, Gilles. Conceptual Blending and Analogy. In: GENTNER, Dedre, HOLYOAK, Keith J; KOKINOV, Boicho N. (Eds). **The Analogical Mind**: Perspectives from Cognitive Science. Cambridge: Massachusetts of Tecnology, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; RIOS DE OLIVEIRA, Mariangela; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). **Linguística Funcional**: Teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj: Rio de Janeiro, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. **Linguística Funcional Centrada no Uso**: Conceitos Básicos e Categorias Analíticas. In: CEZARIO, M. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística Centrada no Uso**: Uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2013. p. 13-40.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica Furtado; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduino. O Pareamento Forma-Função nas Construções: Questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística**, v. 1, n. 1, p. 55-67. Rio de Janeiro, 2016.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; LACERDA, Patrícia Fabiane. Gramática de Construções: Princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; CEZÁRIO, Maria Maura, (Orgs.). **Funcionalismo Linguístico**: Diálogos e vertentes. Eduff: Niterói, 2017, p. 17-46.
- GENTNER, D. Structure-Mapping: A theoretical framework for analogy. **Cognitive Science**, v.7, p. 155-170. 1983.
- GENTNER, Dedre, HOLYOAK, Keith J; KOKINOV, Boicho N. (Eds). **The Analogical Mind**: Perspectives from Cognitive Science. Cambridge: Massachusetts of Tecnology, 2001.
- GIVÓN, T. **On understanding grammar**. Academic Press: New York, 1979.
- _____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- _____. **Syntax**. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). **Introdução à Gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.
- GOLDBERG, A. E. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. **Construction at Work**: The nature of generalizations in language. Oxford Univesity Press: New York, 2006.
- GOLDBERG, A. E; JACKENDOFF, R. **The English Resultative as a Family of Constructions**. [S.I.], [2004]. Disponível em <https://www.princeton.edu/~adele/papers/Papers/resultttv3h-revised.rtf>. Acesso em: 27 abr. 2016.
- HAIMAN, J. Iconic and Economic Motivation. **Language**, v.59, 1983, p. 781-819. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000188&pid=S0102-4450200100010000100024&lng=en. Acesso em: 05 abr. 2017

- HARRIS, R. Laird. (Org). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HEINE, Bernd. On the Role of Context in Grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele. (Eds.). **New Reflections on Grammaticalization** (Typological Studies in Language 49). Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins. 2002. p. 83–101.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HILMELMANN, N. Lexicalization and Grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al (eds). **What Makes Grammaticalization?** Mouton de Gruyter: Berlin, 2004. p. 21-42.
- HOPPER, Paul J. Aspect and Foregrounding in Discourse. In GIVÓN, T. (ed.). **Discourse and Syntax**, Academic Press: New York, p. 213-41, 1979.
- HOUAIS, Antônio. & VILLAR, Mauro de Salles. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Círculo de Leitores: Rio de Janeiro, 2015.
- JUSTINO, A. R. **Construções Focalizadoras X Que Só no Português Brasileiro**. 147 f. Tese de Doutorado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. Contexto: São Paulo, 2004.
- KÖNIG, Ekkehard; VEZZOSI, Letizia. The role of predicate meaning and the development of reflexivity. In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Björn. (Eds.). **What Makes Grammaticalization** – A look from its fringes and its components (Trends in Linguistics: Studies and Monographs 158). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 213–244.
- LACERDA, P.F.A.C.; OLIVEIRA, N.F. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: LACERDA, P.F.A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. da C. do. (orgs). **Linguística Centrada no Uso**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.
- LADEFOGED, P. **A Course in Phonetics**. 5ª ed. Tomson Wadsworth, Boston, 2006.
- LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things**. What categories reveal about the mind. Chicago: The University Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: Chicago University Press. 1980
- LANGACKER, R. Syntactic Reanalysis. In LI, C. N. (Ed.), **Mechanisms of Syntactic Change**. Austin: University of Texas Press, 1977.
- LIMA JR, R. M. Complexity in Second Language Phonology Acquisition. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 13, n. 2, 2013.
- LÔBO, M. G. N. **A Microconstrução “Pois Não” no Português Brasileiro**: Construcionalização e expansão. 129 f. Tese de Doutorado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Idiomaticidade em Construções com Verbo Suporte do Português. **Revista Soletras**, n. 28, p. 99-125, 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/14200>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos. Predicar com Construção com Verbo Suporte. In: PAULA, Alessandra de; GOMES, Danielle Kely; SILVEIRA, Eliete Figueira Batista da; VIEIRA, Marcia dos Santos Machado; VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa: Homenagem a Silvia Brandão**. Blucher: São Paulo, 2018.

MALCHUKOV, Andrej; HASPELMATH, Martin; COMRIE, Bernard. **Ditransitive constructions: a typological overview**. *Studies in ditransitive constructions: A comparative handbook*, p. 1-64, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265423193_Ditransitive_constructions_A_typological_overview> Acesso em: 13 jan. 2018.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística** – uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez. 2011.

MOULTON, Harold K. **The Analytical Greek Lexicon Revised**. Zoder van Public House: Michigan, 1977.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 1955.

NEVES, M. H. de M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Guia de Uso do Português: Confrontando regras e usos**. 2ª ed. UNESP: São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROCHA, Rossana Alves. Hierarquia Contextual e Construcional - Correspondências e implicações. **Revista Linguística/UFRJ**. Volume Especial, dez de 2016, p. 68-82. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>> Acesso em: 23 mar. 2018.

REZENDE, Afonso Celso Furtado de. **Tabelionato de Notas e o Notário Perfeito**. Copola: Campinas, 1998

RIOS DE OLIVEIRA, M. Linguística funcional centrado no uso e ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V. C; NEVES, M. H. M. (orgs). **O Todo da Língua**. São Paulo: Parábola, 2017. p. 15-34

_____. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: RIOS DE OLIVEIRA, M.; SOUZA, E.R. de. (orgs). **Funcionalismo Linguístico: Novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Contexto: definição e fatores de análise. In: RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. da C. do. (orgs). **Linguística Centrada no Uso**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

_____. (Coord.) **Corpus Discurso e Gramática** – A língua falada e descrita na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em: <http://www.discursioegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_b.pdf > Acesso em: 19 ago. 2015.

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)**, v. 60, 2016, p. 233-259.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. **Cognitive Psychology**, v. 7, p. 573-605, 1975.

ROSCH, E. *et. al.* Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLYOD, B. B. (Eds.). **Cognition and Categorization**. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1978.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Manole: Barueri, SP, 2004.

SILVA, M. D. **Um Estudo de “Um Belo Dia” na perspectiva da gramática de construções**. 2017. 132 f. Dissertação de Mestrado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017

SALOMÃO, M.M.M. A Construção Modal com o Não Português do Brasil: Metáfora, uso e gramática. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, p. 3, 2008.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. **Funcionalismo e Cognitismo na Sintaxe do Português**: Uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino. Editora Unesp: São Paulo, 2014.

STERN, Daniel. **The Interpersonal World of the infant**. A view from psychoanalysis and developmental psychology. New York: Basic Books, 1985.

TOMASELLO, M. **The New Psychology of Language**: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure.: Lawrence Erlbaum Associates Inc: New Jersey, 1998.

_____. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Origins of Human Communication**. Cambridge: MIT Press, 2008.

TRAUGOTT, E. Grammaticalization, Constructions and the Incremental Development of Language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (Eds.). **Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

_____. The Status of Onset Contexts in Analysis of Micro-Changes. In: KYTÖ, Merya (ed). **English Corpus Linguistics: Crossing paths**. Rodopi: Amsterdam, 2012. p. 221-255

_____. Gramaticalização: Uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. **ReVEL**, vol. 12, n. 22, p. 98-108, 2014.

TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E.C; DASHER , R. B. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge University Press, 2002.